Casa com duas portas

é má de guardar

COMEDIA EM VERSO EM 4 ACTOS

DE

CALDERON DE LA BARCA

ACCOMODADA Á SCENA PORTUGUEZA E VERTIDA

POR

FRANCISCO SERRA

2.ª EDIÇÃO

Precedida de juizos criticos de Pinheiro Chagas
e Julio Cesar Machado, de cartas do ministro de Hespanha Fernandes de los Rios,
duque de la Torre, José de Sousa Monteiro
e de varias apreciações da imprensa periodica

A MOCIDADE DE NUN'ALVARES

PEÇA EM 3 ACTOS

POR

FRANCISCO SERRA

(O auctor reserva para si todos os direitos d'esta publicação)

LISBOA
Officinas a vapor da Papelaria Estevão Nunes
Rua Aurea, 58
1901

LA VIDA ES SUEÑO
EL ALCALDE DE ZALAMEA
MEDICO DE SU HONRA
CALDERON DE LA BARCA

Ao distinctissimo actor Ferreira da Silva em testemunho de apreço e admiração pelos seus elevados meritos

offerece

17-1-902

CASA COM DUAS PORTAS É MÁ DE GUARDAR

E

A MOCIDADE DE NUN'ALVARES

410.5

CASA COM DUAS PORTAS É MÁ DE GUARDAR

Comedia em 4 actos

DE

Calderon de la Barca

Accommodada á scena portugueza

POR

FRANCISCO SERRA

(2.ª EDIÇÃO)

A MOCIDADE DE NUN'ALVARES

Peça em 3 actos

POR

FRANCISCO SERRA

LISBOA
Officinas a vapor da Papelaria Estevão Nunes
Rua Aurea, 58
1901

DUAS PALAVRAS DE INTRODUCÇÃO

Por muito tempo o velho theatro hespanhol foi tratado com desdem pela critica europea. Quando as regras de Aristoteles constituiam o severo codigo dramatico dos povos illustrados, o theatro de Calderon, de Lope de Vega, de Tirso de Molina, da mesma fórma que as admiraveis tragedias de Shakespeare era tudo posto fóra da lei pelos inflexiveis zeladores das tres unidades. E' que as peças de uns e de outros affrontavam de um modo audacioso os rigorismos academicos. Tanto os hespanhoes como o sublime inglez misturavam a comedia e a tragedia, transportavam a scena até no mesmo acto para cem logares differentes, usavam emfim com o maximo desvergonhamento da liberdade da phantasia. Os tragicos de cabelleiras de cachos, do seculo de Luiz XIV, austeros respeitadores das praxes da etiqueta theatral, os tragicos esmeradamente polvilhados do tempo de Luiz XV, não podiam ouvir fallar em semelhantes barbaros.

Foram correndo porém os tempos; a revolução, que fundou a sociedade moderna, derrubou as velhas etiquetas litterarias e sociaes. As regras de Aristoteles desappareceram na tormenta que dilacerou codigos mais importantes, e os tragicos *barbaros, plebeus, triviaes,* o terceiro-estado da litteratura, ergueu-se tambem altivo, e bradou: — O que somos nós? Tudo. O que temos sido até hoje? Nada.

Effectivamente foi o que succedeu. O theatro inglez e o hespanhol, que até então estavam privados de to-

dos os direitos politicos e civis em materia de arte, adquiriram a supremacia, e Racine e Corneille, os magnates de outr'ora, são hoje principalmente admirados, o primeiro pelo que ha de shakespeariano no seu talento, o estudo, muitas vezes profundo (como na *Phedra*) das paixões que agitam a alma humana, o segundo pelas qualidades que o approximam dos grandes mestres do theatro hespanhol, o caracter pundonoroso e cavalheiresco dos seus heroes *(Horacios, Cid),* a expressão energica dos mais nobres e mais elevados sentimentos *(Cinna Polyeuete).*

O grande nome do velho theatro hespanhol é e ha de ser sempre Calderon. A critica moderna acceitando em parte o enthusiasmo de Schlegel, muitas vezes o poz ao lado de Shakespeare. Eu mesmo assim ha pouco procedi. Confesso comtudo, e já n'outro logar o disse, que, apesar de ter uma admiração profunda pelo talento do poeta hespanhol, vejo ainda um abysmo entre elle e Shakespeare.

Permittam-me os leitores do formoso livro do sr. Francisco Serra que eu aqui reproduza as rasões em que estribava o meu parecer:

O theatro é, foi, e ha de ser sempre o espelho da alma humana. No mundo phantasioso da scena queremos nós encontrar as paixões que nos agitam, os sentimentos que nos animam, os pensamentos que nos tumultuam no cerebro. Só nos commove, só nos impressiona, só nos arrasta quem penetra no mais recondito da nossa alma, quem estuda as paixões e os caracteres, e depois os reproduz de modo tal que nós vejâmos nos personagens, que se movem na scena, não titeres que obedecem ao impulso do auctor, mas entes verdadeiros que tem physionomias proprias e typo caracteristico. O estudo da alma humana é o grande fim do theatro; a descripção verdadeira, apaixonada, vehemente das tempestades que a agitam, o triumpho supremo do poeta.

N'isso não tem rival Shakespeare. Não ha nem um só personagem das suas trinta e tantas peças que não

possua uma physionomia tão cheia de vida, que ficou povoando para sempre a imaginação da humanidade, não ha paixão que não encontrasse no verso do poeta inglez a sua mais vigorosa e mais completa expressão. Seja qual fôr a platêa que assista a uma recita do *Othello,* do *Hamlet* ou do *Romeu e Julieta,* ha de sentir correr-lhe pelas veias um frémito de enthusiasmo ou de terror, porque n'esses dialogos ficou impressa a linguagem definitiva das grandes paixões. Tem a belleza eterna, porque tem a eterna verdade. Shakespeare ha de ser sempre o dominador dos animos, porque desceu ao fundo da alma humana, veio deslumbrado, pallido, mas trazendo o conhecimento dos seus immortaes segredos. Como Prometheu, o grande audacioso, roubou á Providencia o fogo da vida, como elle, animou as figuras que a sua mão de artista fabricara, e tanto *Julieta* e *Desdemona,* como *Hamlet* e *Macbeth,* deixarão de ser estatuas que admiremos friamente, para serem creaturas que vivem, a nossa vida, que sentem as nossas paixões, cujos sentimentos se repercutem no nosso peito, que nos inflammam com os relampagos de seu olhar illuminado pela colera, pelo amor, ou pelo ciume.

Calderon é sem duvida um grande poeta. A sua linguagem é apaixonada e lyrica, cheia de côr e vehemencia. Enreda maravilhosamente as peças, o verso sae-lhe sempre espontaneo e magnifico, tem os grandes lances dramaticos, a frase torrentuosa e altiva, é eloquente emfim; mas o estudo dos caracteres pouco o preoccupa, a verdade humana ou lhe é indifferente, ou a desdenha talvez. Os heroes de Calderon collocariam com jubilo no rosto a mascara de bronze dos actores gregos; os de Shakespeare repelliam-n'a de certo, porque precisam das inflexões naturaes da voz humana para os rugidos de Macbeth e para os arrulhos de Romeu, porque na sua gamma dramatica só querem as notas da escala das paixões que nos agitam na vida. Os heroes de Calderon declamam, os de Shakespeare fallam; os de Calderon tem só um guia supre-

mo — a honra castelhana, só um agente dramatico — o amor; os heroes de Shakespeare oscillam ao sopro de todas as paixões, de todos os affectos, de todos os instinctos da humanidade; tem vicios e virtudes, são complexos apparentemente, contradictorios como os homens ou vida real, porque não ha caracteres inteiriços, porque ha uma perola no fundo dos mais torvos espiritos, porque ha uma sombra nas mais lucidas almas, e esses toques fugitivos, a fraqueza de Julieta, o remorso de Macbeth, a culpada cegueira brutal do rei Lear, a colera brutal de Othello, é que accentuam as physionomias, e lhes dão, como os assombreados nos desenhos, o relevo e a verdade.

Calderon pelo contrario, tem um modelo eterno, que sempre copia em todas as suas peças; é nos homens o fino amante, leal, valoroso, cheio de brio, de pundonor e de extremos; é nas mulheres a donzella apaixonada e casta, que ama com requintes de delicadesa, que preza em elevado grau a fama, a gloria, a honra do seu amador. Os typos de Calderon são portanto os bellos ideaes do cavalleiro castelhano e de dama hespanhola, que dizem uns aos outros formosissimas coisas em admiraveis versos de primorosos dialogos, mas que exprimem emfim as paixões dos livros e não as paixões da vida real. Calderon toma os seus heroes não na sociedade que o rodeia, mas no mundo imaginoso das lendas e dos romances. O D. Carlos de *Ni sempre lo peor es cierto,* o D. Pedro de Torrellas de *El postrer duelo en Espana,* são um verdadeiro composto do Cid e do Amadis.

Eis o que eu dizia ácerca de Calderon, mas, poupando a este escriptor a perigosa visinhança de Shakespeare, a admiração permanece completa e profunda. Que riqueza de poesia, que prodigioso e fecundo talento! Nos autos sacramentaes que vigor de concepção! e se por um lado o mysticismo da sua phantasia chega a aterrar-nos como succede no dramo sombriamente catholico da *Exaltación de la cruz,* por outro lado assombram-nos ás vezes a profundeza do pensamento philo-

sophico, como succede na que é talvez a mais admiravel das suas peças *La vida es sueño*.

O sr. Francisco Serra escolheu, para dar ao publico portuguez conhecimento das bellezas de Calderon, uma peça de um dos generos em que mais prima o poeta hespanhol, o da comedia de aventuras. E' maravilhoso o engenho de que dá provas n'este genero o poeta hespanhol, como o entrecho se lhe enreda nas mãos! como surgem as complicações! como se embrulham cada vez mais as peripecias! como o interesse cresce de momento para momento! que prodigiosa quantidade de situações comicas accumuladas em cada uma das peças: *Dar tiempo al tiempo, No son todos ruisenores, La vanda y la flor, La senora y la criada!* Cada comedia de Calderon daria enredo para dez peças modernas! A que o sr. Francisco Serra traduziu brilhantemente *Casa de dos puertas mala es de guardar* é considerada pelo critico hespanhol D. Alberto Lista, como uma das mais engenhosas do seu immortal compatriota.

A tentativa do sr. Francisco Serra deve ser animada por todos os que prezam as boas letras. Dar-nos a conhecer as obras primas do theatro hespanhol é prestar á litteratura portugueza um verdadeiro serviço. O sr. Francisco Serra é já conhecido vantajosamente pelo publico lisbonense; amando com certa perdilecção a litteratura hespanhola, por mais de uma vez nos tem mimoseado com primorosas versões de obras de theatro da nação visinha, que tem sido applaudidas pelas nossas platéas. Hoje abalança-se á traducção de uma das obras primas de Calderon, e é n'essa tentativa extraordinariamente feliz. Os primores de estylo do grande poeta castelhano nada perderam em ser trasladados para os melodiosos versos portuguezes do sr. Francisco Serra. A sua traducção é extremamente fiel, quando o desejo de adaptar a comedia de Calderon ao theatro moderno o não força a modificar n'um ou n'outro ponto o original. Ainda assim o sr. Francisco Serra prefere que o dialogo tenha um certo archaismo

a mutilar as preciosas paginas do escriptor do seculo XVII. O seu trabalho é verdadeiramente notavel.

Sinceramente o felicitamos, e folgamos que a sua tão feliz estreia o anime a continuar no caminho encetado, vulgarisando em Portugal mais alguns primores do maravilhoso theatro hespanhol do seculo XVII.

Pinheiro Chagas.

O que deve admirar-se principalmente nas peças antigas do reportorio hespanhol não é tanto os pormenores, as minucias, as descripções finas, como a exactidão nos quadros de costumes, o brilhantismo nos bordados a oiro de um phrasear todo arabescos e guindados trocadilhos, por vezes até, como na peça de que vamos occupar-nos, as delicadezas, as meias côres elegantes, que seduzem os dramaturgos de hoje.

Drama heroico, drama religioso, como de aventuras; a Hespanha guerreira e altiva, a Hespanha catholica, a Hespanha de capa e espada, acha-se palpitante e viva nas peças d'aquelle reportorio. Scintilla nos primeiros a chama da poesia, o sentimento heroico, clemente, magnanimo; nas ultimas a graça aventurosa e galanteadora: n'umas e n'outras, porém, um voar de idéas exaltadas que correm como flechas, evolução incessante dos personagens, conflicto de lances e crises, e um estilo imaginoso, trepado sempre nas andas do cavalheirismo.

Tudo isto tinha a sua rasão de ser. Era tão natural que o drama se inspirasse das magnanimas tradições da Hespanha, que iam subsistindo ao lado do catholicismo sombrio que foi no tempo de Filippe II e dos seus successores, um dos aspectos mais curiosos da vida social; era tão natural tambem que se inspirasse das paixões religiosas, se nos lembrarmos que Lope de Vega e Calderon eram ecclesiasticos, que Tirso de Molina se fez frade quando ia para velho, e que os hespanhoes deviam necessariamente gostar de ver no theatro, assumptos mysticos, desenvolvidos sempre de accordo com a orthodoxia na sua maior puresa, por lhes interessarem de perto e encontrarem alli as espe-

ranças e os terrores da sua vida; como era natural a comedia de intriga em que se apresentavam com côres agradaveis por entre casos galantes e divertidos, os episodios de cada dia e os typos da sociedade do tempo, namoros, bravatas, galhofa, mentiras, infidelidades, a maledicencia, os valentões, os seductores, as creadas, o viver alegre e pimpão.

A peça de Calderon, de que Francisco Serra fez a excellente traducção que hoje se publica, é uma das perolas d'esse romancero-comico do theatro hespanhol, uma das mais admiraveis pela graça e pela fluencia do estilo, pelo vigor e ousadia dos chistes e dos conceitos. A scena que termina o primeiro acto é um primor de vivacidade e de philosofia.

O traductor é digno de louvor por mais de um titulo. Deve haver-lhe dado trabalho o conseguir tão engenhosamente dispensar as mutações á vista, a que a comedia original o obrigava no andamento d'aquella acção ambulatoria, por forma que em nenhum ponto fizesse perder á obra nem a verosimilhança nem o interesse; e não é de certo menos digna de ser notada com elogio, a dedicação litteraria, tão rara entre nós no tempo em que vamos, de empreender a traducção em verso de uma peça em quatro actos, sem pôr a mira nos proventos da representação, já que no nosso theatro só se representam e só agradam infimas traducções das mais rasteiras comediólas, obras sem idéa e sem estylo, faceis por isso mesmo de se incumbirem á versão dos mediocres e á acceitação dos analphabetos; crescendo aqui de ponto a importancia e valia d'esta tentativa, pelo fim com que o traductor venceu as difficuldades, e pelo talento litterario de que o seu trabalho dá evidente testemunho.

Dezembro de 1873.

Julio Cesar Machado.

Carta do ministro de Hespanha Fernandez de los Rios, ácerca do livro

Madrid 9 Febrero 74.

Muy señor mio y de mi consideracion; con el mayor gusto entregaré el Sr. Duque de la Torre, el ejemplar que V. le dedica, de la comedia del immortal Calderon — *Caza com duas portas é má de guardar.*

No se equivocó V. presintiendo que su escelente arreglo de la comedia a la scena portugueza, habia de ser motivo de gran regocijo para mi; és tanto lo que ahi y aqui nos hemos enamorado de los modernos dramaturgos franceses y tán poco lo que nos traducimos portugueses y españoles, que son un verdadero acontecimiento empresas como la que V. ha acometido y llevado a cabo!

Tomar el libro de V. en la mano y comensar su lectura fue todo uno; no me dio la impaciencia tiempo para tener a la vista el original, ni los arreglos a la scena moderna que de la comedia han hecho mesmo primeros escritores; la devoré de una sentada; pero me tengo prometido dedicar la primera noche que me dejen libre a ler-la de nuevo y yo procuraré que la prensa espeje la impresion en mi producida por el trabajo de que V. ha sabido salir con tanto lucimiento.

Agradesco cordialmente el obsequio de V. y tengo el gusto de repetirme suyo, con toda consideracion Af.º ss.

Q. B. S. M.

A. Fernandez de los Rios.

Madrid 12 Febrero 74.

Muy señor mio y de mi estimacion; aunque el ejemplar de su libro no tenia dedicatoria, ni venia acompañado de carta, tengo el gusto de remiter a V. la adjunta del Sr. Duque de la Torre, deseando que haya cumplido en el encargo que se sirvio darme, a gusto de V. de quien se repite af.° ss.

Q. B. S. M.

A. Fernandez de los Rios.

Carta do duque de la Torre (general Serrano)

Presidencia del Poder Ejecutivo
de la Republica Española.

Muy sr. mio y de toda mi consideracion; por conducto de mi amigo el E. Sr. Don A. Fernandez de los Rios, he recibido con mucho gusto la traduccion en idioma portugues de la obra de Calderon de la Barca, titulada — *Casa de dos Puertas es mala de guardar* — y doy á V. un millon de gracias por su atencion y le felicito por el buen acierto y precision con que esta escrita.

Aprovecho esta ocasion para reiterar á V. mi agradecimiento y se repite af.° ss.

Q. S. M. B.

Madrid 10 de Febrero 1874.

P. Serrano.

A comedia de Calderon foi representada em honra dos Reis de Portugal no theatro hespanhol pela companhia Vico, em recita de gala, quando suas magesta-

des foram assistir aos festejos do centenario de Christovam Colombo.

Quando a companhia de Maria Guerrero se estreou no theatro *Renaissance* de Paris, a peça que escolheu para essa recita, foi a *Casa com duas portas é má de guardar*, de Calderon. A assignatura foi rapidamente preenchida para as oito recitas que a *troupe* se propoz offerecer aos parisienses, interpretando aquella insigne artista a parte de Laura de um modo superior a todo o elogio. A companhia era dirigida pelo nosso compatricio Faustino da Roza que fez tambem exhibir em Lisboa o grande genio artistico da actriz madrilena.

Carta do illustre escriptor José de Souza Monteiro, ácerca da versão

Lisboa, 15 de Dezembro de 1873.

Recebi hoje o exemplar da sua traducção da comedia de Calderon «Casa com duas portas é má de guardar», com que V. se dignou de me favorecer. Agradeço tão amavel offerta á qual nenhum outro titulo tinha, senão a verdadeira sympathia que me merecem todos quantos buscam com seu trabalho servir o paiz e honrar-se a si proprios. E' V. um d'estes, e ha muito, antes mesmo de ter o gosto de conhecel-o, que eu me congratulava vendo as obras com que V. ia accrescentando a sua fama de escriptor vernaculo e elegante.

O seu novo trabalho é um importante serviço prestado á nossa litteratura dramatica, saturada hoje de más traducções de más peças francezas. Temos tão perto de nós a mina riquissima do theatro espanhol; deu V. o exemplo, e oxalá que outros o sigam, de explorar aquellas riquezas.

Repito os meus agradecimentos e os meus cordeaes parabens, e para servir a V. fico sempre prompto como sendo

De V. etc.

José de Souza Monteïro.

Juizo da imprensa

São fructificadores os exemplos que veem de cima. O sr. Castilho, applicando largas horas da sua existencia litteraria a verter nas taças da poesia portugueza as mais finas essencias da musa latina, e os altos espiritos de Moliere e Gœthe, facilitou aos menos sabidos, aos simples mortaes, o gostarem alguns tragos vivificadores d'esses nectares divinos, até então só concedidos aos deuses, e inspirou tentativas felizes de nacionalisação a outro auctores. Apresentou-nos uma de Calderon de la Barca, o imaginoso poeta dramatico hespanhol a que a côrte de Philippe IV deu a aureola da fama, e de que alguns criticos modernos louvam tanto a veia romantica, a espiritualidade, a imaginação brilhante, o verso facil e melodioso, o sr. Francisco Serra, escriptor mais de uma vez applaudido no theatro. Traduziu o sr. Serra em versos portuguezes, com muita correcção, sem esforço, e muitas vezes com elegancia, uma das mais engenhosas comedias do auctor castelhano — *Casa de dos puertas mala és de guardar*. Mudou o logar da acção, vestiu á portugueza os personagens, e pol-os a exprimir em facil e graciosa redondilha os pensamentos do original, modificando algumas scenas da peça, e dando-lhe quatro actos. O trabalho honra o talento de Francisco Serra, e foi de-

vidamente julgado por Pinheiro Chagas e Julio Machado, que acompanham o volume com duas apreciações criticas de muita justeza.

Eduardo Coelho.

(*Diario de Noticias* de 22 de janeiro de 1874).

Traduziu o sr. Francisco Serra em excellentes versos, accommodando-a á scena portugueza, uma das melhores comedias do notavel escriptor hespanhol Calderon de la Barca, a que tem por titulo — *Casa com duas portas é má de guardar.* Esta versão é precedida por duas apreciações da peça, escripta, uma pelo sr. Pinheiro Chagas e outra pelo sr. Julio Cesar Machado.

Calderon de la Barca foi um dos esclarecidos vates que, com as suas bellissimas concepções e as suas magnificas obras, conquistaram para o seu seculo o formoso titulo de *seculo de oiro.*

Dizer que a obra é de Calderon, é dizer que n'ella campeiam a explendidez da phrase, a delicadeza no pensamento e o donaire e a descripção em todas as scenas, o mesmo é, porque todas as comedias de Calderon se distinguem de todas as da sua época pelo levantado da phrase, pelo vigoroso do conceito, pelo culto á honra das suas mulheres e pelo extremo cavalheirismo dos seus personagens.

Criticos houve em Hespanha que taxaram as obras d'aquelle genio collossal, de dois graves defeitos, de *moralidade* e de *arte;* ao primeiro respondeu com o seu grande talento o sr. Hartzenbusch:

«Natural e justo é que haja uma mulher, a quem o pae ou o irmão perseguem de morte, sem razão grave; e natural é, senão justo, que, para salvar o credito da sua dama, ponha um galan em fuga alguns alguazis impertinentes.»

Quanto ao segundo defeito, o da *arte,* isto é, o trasladar um personagem d'um ponto para o outro, sem mais preparativos do que dizer, *agora estou em minha casa, agora estou na rua,* defeito que no original da *casa com duas portas* se notava e que o sr. Francisco Serra intelligentemente emendou, devemos ter em conta que os grandes talentos, os gigantes da arte, como por exemplo Shakespeare, não poderam encerrar o seu poderoso genio nos estreitos limites das conveniencias scenicas, eguaes torrentes de luz, de poesia e de grandeza destruiram quanto no seu passo encontravam.

Em troca d'estes defeitos, que para nós realmente não o são, que idéa tão alta fórma o espectador d'aquella época, em que o cavalheiro arriscava mil vezes a vida primeiro do que ser traidor á sua dama ou ao seu amigo! que conceito tão elevado d'aquella dama, que não admittia que o sol podesse brilhar mais puro do que a sua immaculada honra!

A scena do final do 1.º acto é bellissima, e aqui a reproduziriamos se nol-o consentisse o espaço.

Da versão portugueza dizem maravilhas Pinheiro Chagas e Julio Cesar Machado: fallam verdade inteira. Nós possuimos o original hespanhol, fomos confrontar, e do confronto resultou ainda melhor apreciação do trabalho primoroso do sr. Francisco Serra.

E' com obras d'estas que se honra um nome nas lettras; não com essas protervas traducções d'uns que pomposamente se intitulam auctores dramaticos, que chegam á escripta sem terem feito riscos nas escólas, e que de tristes pintores ou coisa parecida, galgam n'um pulo para escriptores publicos.

Certo é que as emprezas buscam estes e as suas mascavadas obras, e olham com desdem para as bellezas d'um trabalho como o do sr. Serra: não dá para mais o bestunto dos directores, e a seu tempo terão uns e outro respectivo premio.

(*Jornal do Commercio* de 18 dezembro 1873).

O sr. Francisco Serra traduziu a formosa comedia *Casa com duas portas é má de guardar*, de Calderon de la Barca, o sol da litteratura dramatica hespanhola; e publicou a sua traducção n'um bello volume de duzentas paginas com que fez o extremo favor de nos presentear.

Foi para nós um grande prazer leitura tão interessante e é um dever imperioso agora o agradecimento e a critica imparcial.

Todos os nossos collegas da imprensa teem sido unanimes nos louvores, e nós, depois de uma leitura attenta, achámos tambem immenso que louvar.

A traducção, em todos os pontos que acompanha o original, reflecte-o como n'um espelho, e onde se afasta, ligeiramente d'elle, a fim de se accommodar ás exigencias da scena moderna, fal-o com cuidado minucioso e uma arte quasi inexcedivel.

De vez em quando a linguagem resente-se de uma certa feição antiquada e isto devia tomar-se antes como uma recommendação para o louvar do que como um senão para a censura; porque mostra o desejo que o sr. Francisco Serra teve de ser correcto, e aquella aspiração para a fidelidade na interpretação da idéa e do dizer, apanagio exclusivo do traductor conscienciosо.

Os versos são bons, sãos, harmonicos e faceis.

O sr. Francisco Serra fez um grande serviço á nossa litteratura dramatica e mostra aptidão valiosa para lh'os fazer maiores ainda.

Pôde enriquecel-a muito e se não ousamos pedir-lh'o com instancia, é porque pensamos que seria crueldade nossa exigir-lhe que enriqueça a arte quando sabemos que para conseguil-o sujeita-se ao perigo de se empobrecer a si.

O traductor poderá queixar-se amargamente do modo como o nosso theatro nacional anda desprotegido dos poderes publicos e aviltado pelo bando de ignorantes e mentecaptos exploradores da má litteratura franceza e do ruim gosto do publico.

O enxame dos traductores empavezados e analphabetos que se arvoram em homens de lettras porque lhes entrou nos bestuntos, á força de palmatoria, meia duzia de significados francezes, que elles põem a correr mundo; inchados com o atrevimento da sua ignorancia, e querendo impôr-se pela sua basofia, hão de ainda por muito tempo povoar a scena portugueza com as suas versões insulsas, e escrever os seus nomes em gordas lettras nos cartazes, que elles imaginam ser uma especie de pregoeiros da sua gloria, quando não são mais do que os pelourinhos da sua nullidade e estulticia.

Trabalhos como o do sr. Francisco Serra, pelo contrario, vegetarão humildemente na modestia em que nasceram, queridos dos bons espiritos que com elles se deliciam no silencio dos gabinetes, vivendo uma vida menos ruidosa, mas mais duradoura e mais considerada.

O volume do sr. Francisco Serra abre por uma apreciação da obra e um estudo comparativo de Calderon e Shakespeare, feito pelo sr. Pinheiro Chagas, com o saber, intelligencia e mimo que todos reconhecem n'este sympathico e bemquisto escriptor, uma das joias da nossa litteratura; e de um outro artigo de Julio Machado, egualmente bem escripto e bem pensado.

Não precisa dos nossos encomios, quem tem a dita de se apresentar ao publico, escudado por tão valiosas recommendações.

(*Diario Illustrado* de 21 de dezembro de 1873).

O sr. Francisco Serra, a cuja predilecção pela litteratura estrangeira devemos uma intelligente traducção de alguns fragmentos do Dante, acaba de publicar,

transportada para o nosso idioma em excellentes versos e accommodada á scena portugueza, a comedia de Calderon de la Barca, conhecida pelo titulo de *Casa de dos puertas es mala de guardar*. A versão é precedida de dois juizos criticos ácerca de Calderon e do trabalho do sr. Francisco Serra, escriptos e firmados por dois nomes illustres nas lettras, Julio Machado e Pinheiro Chagas.

Na impossibilidade de lermos d'um dia para o outro a comedia de Calderon, uma d'aquellas em que mais se sente o genio dramatico, aventureiro e cavalheiroso do poeta dos *Autos sacramentales*, e querendo antes de tudo dar aos amigos das lettras a feliz nova da traducção do sr. Francisco Serra, cujo merecimento e fidelidade estão garantidos pela intelligencia e consciencia do traductor, limitamo-nos a mencionar a apparição d'este trabalho, destinado a popularisar entre nós o immortal engenho de Calderon de la Barca. Para lastimar será que esta comedia não seja representada como o *Tartufo*, o *Avarento* e as outras comedias de Molière, com cuja traducção tanto tem ganho o theatro nacional, graças á tenaz iniciativa do sr. visconde de Castilho, que afortunadamente vae encontrando imitadores, como demonstra o trabalho de que nos occupamos.

(*Diario Popular* de 18 de dezembro de 1873).

Recebemos um exemplar da formosa comedia de Calderon de la Barca — *Casa de dos puertas mala és de guardar* — vertida em portuguez, com verdadeiro esmero, pelo nosso apreciavel amigo e intelligente escriptor o sr. Francisco Serra.

N'este primoroso trabalho, festejado por toda a imprensa, revela mais uma vez o sr. Serra, não só o

seu profundo conhecimento da lingua patria, mas quanto lhe são familiares os segredos da scena.

Agradecemos a valiosa offerta com que fomos brindados.

(*Revista de Lisboa* de 15 de janeiro de 1874).

Folhetim da *Revolução de Setembro* de 22 de fevereiro de 1874.

Casa com duas portas é má de guardar

Isto era no seculo XVII, quando o bom do Calderon de la Barca deliciava os ouvidos dos castelhanos com as suas ingenuas e engenhosas composições. Hoje o caso muda muito de figura e para se fazer honra ao progresso, que não esteve dormente durante os dois seculos decorridos desde que o Shakespeare espanhol escreveu a sua comedia, pode dizer-se bem que é até má de guardar a casa de uma porta só, embora tenha fechaduras e cadeados de segredo, se n'ella se pretendem abrigar donzellas das seducções do amor, ou garantir a tranquilidade dos paes ou dos irmãos mais velhos contra os ardís dos amantes, poderosa e efficazmente secundados pelas damas vigiadas.

O que não mudou desde os tempos de Calderon foi o typo das creadas, corretoras dos amores das suas amas, protectoras das entrevistas, mercurios de saias, a que a móda e o progresso adornou com uma cuia e um puff, e que já fartas de tratarem de negocios amorosos por conta alheia, tambem se não descuidam de negociar por propria conta. O que não mudou foi o ciume e os arrufos entre os namorados, a aguilhoarem mais a reciprocidade dos affectos. O que não mudou foi o eterno estimulo dos obstaculos, das difficuldades e dos mysterios a incitarem os desejos, a fascinarem os espiritos, a enleiarem os corações. A comedia de

Calderon de la Barca é pois uma peça da actualidade, salvos ligeiros pormenores do enredo, salvas as ingenuidades adoraveis d'aquelles personagens, que se andam enganando uns aos outros durante quatro actos cheios de vida, de animação, de interesse, e de chiste.

Casa com duas portas é má de guardar é uma composição ligeira, fresca, alegre, vasada nos moldes habituaes das comedias espanholas d'aquelle tempo, em que as donzellas eram sempre ingenuas e extremosas, os namorados pundonorosos e galanteadores, os paes levadinhos da bréca em pontos de honra, as creadas ladinas, os creados lorpas com pretenções a finorios, os entrechos complicados, ás vezes pouco verosimeis por essa mesma complicação, os enganos frequentes, e cada um dos personagens sufficientemente myope para se deixar embair pelos ardís dos outros.

Calderon, — que é um dos mais notaveis vultos do antigo theatro espanhol, e que entre os dramaturgos d'aquella época teria talvez o primeiro logar, se o genio collossal e incommensuravel do grande tragico inglez se lhe não avantajasse com todo o esplendor do seu profundo talento, como a luz do sol brilhante em pleno dia se avantaja ao formosissimo clarão da lua em noite serena e limpida, — é mais um habil e gracioso enredador de lances e peripecias, do que o investigador dos mysterios que se encerram no seio d'alma, agitada pelos diversos sentimentos que a fazem vibrar, ora meiga e terna, ora feroz e medonha, ora sublime e heroica, ora abjecta e vil. Esse grande condão de Shakespeare, que o faz e ha de fazer sempre o primeiro entre os dramaturgos, não o possue o escriptor espanhol, ainda assim immensamente notavel por muitos outros titulos e predicados admiraveis, que se revelam em todas as suas composições em geral, e em especial n'aquella a que hoje nos referimos, e que acaba de ser vertida em boas redondilhas portuguezas por Francisco Serra, muito conhecido e apreciado nas lides da nossa litteratura dramatica.

Accommodou este distincto escriptor a sua versão á scena portugueza, modificando em parte o plano da obra em geral e a distribuição dos actos, de modo que em cada um d'elles se respeitasse a unidade de logar, evitando assim as mutações á vista, que não estão hoje no gosto do publico, nem nos habitos e recursos dos nossos theatros.

Estas ligeiras alterações, que em nada prejudicaram a composição original, de tal modo e com tal arte estão combinadas que passariam desapercebidas aos que não conhecessem a peça espanhola, se o proprio traductor as não denunciasse; e a comedia assim modificada poderia e deveria muito ser representada nos nossos theatros, onde decerto encontraria applausos, apesar de não abundar em lances de sentimento, d'estes que expremem lagrimas nos olhos dos espectadores, mas por ter magnificas situações comicas, bem complicado enredo, e feliz desenho de personagens, que, embora não sejam d'esses typos immortaes creados pela phantasia de um author e que ficam pertencendo ao mundo real da humanidade como encarnação dos grandes sentimentos bons ou máus, são comtudo graciosos na sua vulgaridade, e bem accentuados na limitada esphera dos sentimentos que vem traduzir na scena.

O typo de Helena sobretudo, — menina recatada, que o irmão esconde das vistas do seu hospede, aguçando-lhe assim mais o desejo de ser requestada por elle, e que depois, para se furtar ás censuras fraternaes, vae ardilosamente compromettendo a amiga, que era a namorada escolhida de seu proprio irmão, — é bem disposto e concebido e daria ensejo para um bom estudo á actriz a quem fôsse incumbido reproduzil-o. Os de Fernando e de Felix são sympathicos e accentuados; o de Benedicto é francamente comico, como o de Laura é sinceramente ingenuo até mesmo nos seus zelos e arrufos; não sendo sequer para despresar os de Fabio e das duas creadas, apesar de estarem mais no segundo plano.

Não fallamos da comedia de Calderon para lhe analysar bellezas, ou apontar desprimores. Seria ociosa e inopportuna a critica ao correr da penna para julgar obra que tem por si a sancção das gerações admiradoras do engenho do notavel escriptor espanhol. Se a proposito da traducção esmeradissima de Francisco Serra nos espraiamos em considerações sobre o merito da obra, foi só porque estavamos antevendo a possibilidade de ser posta em scena em qualquer dos nossos theatros esta peça e de ser coroada de bom exito a tentativa da sua representação.

Se porém não houver este meio de fazer conhecida do publico a *Casa com duas portas é má de guardar*, o que temos já é de congratular-nos com o laborioso escriptor, que empreendeu a sua trasplantação para a lingua portugueza, e que nos deu a conhecer este apreciavel trabalho, publicando a traducção n'um volume que se lê com deleite, e cuja leitura se repete ainda para apreciar os encantos da musa singela e suave que presidiu áquella composição e que no poeta portuguez encontrou tão bom interprete.

Christovam de Sá.

Folhetim do *Diario Popular* de 12 de janeiro de 1874.

Um livro

Eu tinha o livro em minha frente e lia com descanço d'alma. N'isto, as paginas iam-se volvendo, até que deslisei na ultima.

Sentia-me bem, sentia-me n'um certo estado de jubilo sereno, e os versos que lêra cantavam-me no ouvido.

Não sei como, o pensamento foi-se-me volteando pelos mundos imaginarios e reaes, até dar comigo em principios de commoção philosophica.

Sacudi-me ao de leve para afugentar o démo, e tornei a folhear o livro.

A leitora, que eu entrevejo no colorido das minhas visões, ha de conhecel-o já, certamente. E' uma comedia em quatro actos, metrificada, e hespanhola da gemma. Traz no seio todas as fragrancias e todas as scintillações da Andaluzia. Meneia-se airosa como a dama em bailado, respirando ao mesmo tempo os subidos primores do galanteio.

Fallo da *Casa de dos puertas mala es de guardar,* devida originariamente a Calderon de la Barca, e posta pelo sr. Francisco Serra em magnificas redondilhas..

Porque scismava eu então ao fenecer da leitura?...

Porque insensivelmente me deixára levar na onda das recordações e transportava-me em espirito ao seculo XVII.

Viver no passado tambem é bom, bom e pungitivo, como são todas as coisas a que a saudade se mescla. Ha lá, nesses pontos remotos, o que quer que seja de mansa tranquillidade; mas não se assimilhará ella á dos tumulos?...

O que assim se prende ás memorias do que foi, quasi que se transfigura no sonho.

E' o que me ia succedendo.

Estava na Hespanha d'Olivares, na Europa das grandes reformas politicas. Como tudo me passava ante os olhos, não arrastando os sudarios lugubres, porém estadeando as suas galas vistosas!...

Via Mazarino e D. Luiz de Haro a assignarem o tratado dos Pyreneos, depois de se haver derramado tanto sangue generoso, e perguntava a mim mesmo quanto tem custado á fecilidade dos povos o egoismo ambicioso dos reis.

Só d'elles?... E de tantos outros que fingem rebolcar no lôdo os diademas mareados, e que se corôam com o barrete phrygio para lisongear as multidões.

Esses trazem occulto o punhal, como Aristogiton, sob o ramo de myrto; mas á similhança do heroe grego, nunca o saberão vibrar em prol da liberdade.

E a Hespanha lá se confrange dois seculos depois. Torturada por quem? Pelos exageros revolucionarios.

De um lado o direito divino, o retrocesso, o fanatismo, a bandeira da cruz desfraldada ao sopro das paixões ruins, e protervas; do outro a vertigem licenciosa, a negação do direito e da justiça, a saturnal fazendo-se culto.

No meio d'estes dois delirios está um paiz que se exhaure.

Faz pena!

Como Dante, batendo ao portal do mosteiro piedoso, esta nação de enthusiasmos cavalleirosos, de inspirações ardentes, de impressionavel sensibilidade e requintes fidalgos,—esta nação deveria ajoelhar ante o Deus, que não abençôa o ferro das hostes, e pedir-lhe tambem a paz!

Será agora este o momento das discussões casuisticas? Convirá debater, sentado sobre o agonisante, qual a melhor fórma de governo?

—«Todos os bons governos tem principios communs, dizia o genio da Revolução; no que elles differem é só na distribuição dos poderes. As republicas, n'um certo sentido, são monarchicas, do mesmo modo que as monarchias são republicas. Não ha senão dois maus governos, o despotismo e a anarchia; mas estes não são governos, são a ausencia d'elles.»

Que me diriam a isto os intransigentes do passado e os do futuro? Provavelmente rir-se-hiam com despreso.

Rir com despreso de Mirabeau deve encher a alma de orgulho!

Neste embate de principios oppostos ha de vir a acontecer o que se dá na litteratura.

Quando os pastores se transviam, o rebanho segue os caminhos classicos. E' como que um beber nas fontes gregas e latinas, para dessedentar os labios, queimados em marinescas salmouras.

Estabelece-se então o reinado da ordem, quer dizer, vem os compendios dos mestres, dos Aristoteles da politica. Nada de impetuosidades fogosas, nada de convulsões sybillinas. O rythmo tem

de ser cadenciado; a andadura convém que seja discreta:

«Gardez qu'une voyelle, à courir trop hâtée,
Ne soit d'une voyelle en son chemin heurtée.»

Neste caso as vogaes são os homens.

Não direi que se consigam por este modo fazer poemas, dourados pelo sol da immortalidade; mas faz-se uma obra d'occasião, refreada, confortativa, o que não obsta, nem ha de obstar jámais, que o espirito humano caminhe de conquista em conquista, de direito em direito, de verdade em verdade.

—«E o que me diz de Calderon mais da sua comedia?...» oiço perguntar-me uma voz impaciente. Que o poeta de *La vida es sueño* me perdôe por amor da patria.

Pensei nelle, pensei nella, e o que querem?... A mãe faz-me esquecer o filho um momento.

Se eu adoro a maternidade!

No seculo XVII o emporio da arte é a França. E não o tem sido ella sempre? Era lá que soavam as grandes vozes e que se erguiam as grandes fabricas. Havia Racine para a poesia, Bossuet para a historia, Poussin para a pintura. Puget para a estatuaria, Saumaise para a vastidão da sciencia. Então, como caracteristicamente diz Voltaire, via-se um duque de La Rochefoucauld sair da conversação de Pascal ou de Arnauld para assistir a uma representação de Corneille.

Ainda não era moda citar a Allemanha, depois das bombas explosivas, como o nateiro das messes robustas. Essa frisava o seu ideal pelas modestas alturas de Jacob Bœhme, e contentava-se com isso.

Na Hespanha, por esse tempo, entre outros nomes illustres, pompeia o de Calderon de la Barca.

Eu não me ponho a fazer a critica de poeta, julgado e re-julgado... até por muitos que nunca o lêram.

Esses é que são os criticos!

Ora como os vôos da minha audacia não chegam até dizer ao homem dos *autos sacramentales:* «Vinde cá, porque vos quero metter á craveira!» limito-me a admirar estas estrellas que correram pelo céo da arte, deixando apóz si um rasto de deslumbramentos.

A'cerca de tão admiravel castelhano alguem ha que tenha levado a apreciação a eminencias, porventura, extremas. A sombra que projecta o meditabundo de Elsinour cobre, de per si, todo o theatro d'este poeta fecundo. Não é isto minguar-lhe o renome. A'quellas regiões por onde se librava o criador de Ophelia não concede Deus que todos subam. Poucos, bem poucos o divisam por entre os loureiros sagrados, passeiando magestoso e eterno.

Apezar de tudo, Calderon tem de emparceirar com os mais illustres. Se não chega, como o tragico inglez, a apanhar o coração humano em flagrante, se não é um mergulhador do abysmo, dos que se engolfam nos recessos da alma para trazerem de lá o grito do desespero, a lividez da angustia, o arrulho do amor, as furias do ciume, a melancolia do desalento, a sua inspiração é comtudo brilhante, guapa, e corre com a fluencia dos limpidos rios que espelham as estrellas e as arvores, — e tambem rostos formosos.

A translação do sr. Francisco Serra está feita com verdadeiro esmero.

Conhecedor, tanto da scena como do verso, nacionalisou a comedia, subordinando-a aos novos moldes.

E' um trabalho que o honra.

Hoje em dia vão escasseando d'estes labutadores que põem mão seria no campo, e que lidam, para o puchar a cultivo. Mais facil é varejar as azeitonas do proximo.

Quando apparecem, então, d'estes homens que vem ao mercado com os fructos da sua lavoura, sente-se uma alegria intima, e um certo estimulo que faz ainda bater o peito e crescer a vontade, — que ás vezes tão cedo esmorece.

Pena é que nos nossos theatros se não aclimassem as comedias em verso. Sejamos francos,—as mesmas versões do sr. visconde de Castilho, passam, ante os olhos do auditorio, com todas as radiações que lhes são proprias,—mas não conseguem derreter as antigas neves do prosaismo burguez.

Diz a imprensa, e dizem todos os commentadores, o que cumpre affirmar de obras tão valiosas; mas o publico, se as festeja, não é rendendo preito ao vigor dos alexandrinos, á pureza da elocução, aos portuguezes donaires que se ostentam n'aquellas scenas, é porque, emfim, está alli Moliere e Castilho,—é bom que uma pessoa finja, pelo menos, que tambem sabe tratar com os principes.

Eu já tenho ouvido a muitos, e por signal não trajam de belbutina, que cinco actos em verso moem o o tympano e a paciencia,—e que nada ha como a prosa para regalar entendimentos. Creio em parte. Quadras tenho eu topado, que me fazem bocejar á segunda linha.

Mas quando a poesia brota expontanea do seio, como os balsamos d'uma urna, então, calla-te, ó prosa villan, que só serves para os tanto por cento e mais para alguma receita de cosinheiro, que eu, voltado para a montanha esplendida, repetirei com o velho grego:—«Canta, ó deusa!»

E. A. Vidal

Biographia de D. Pedro Calderon de la Barca

Este insigne poeta nasceu em Madrid em 17 de janeiro de 1600 e era filho de D. Diogo Calderon de la Barca e Barreda, senhor da caza de Calderon do Sotillo, em Reinosa, escrivão da camara do concelho de fazenda e de D. Anna Maria de Henao e Riaño. Falleceu no domingo 25 de maio de 1681 ao meio dia e meia hora.

Aos 9 annos entrou no collegio da companhia de Jesus, onde cursou grammatica e humanidades, dando mostras de tal precocidade e de tão vivo engenho, que aos 10 annos, de sociedade com Luiz Belmonte e D. Francisco de Rojas, compoz a comedia *El mejor amigo el muerto,* que se estreou em 26 de dezembro de 1610.

Trez annos depois, em 1613, escreveu sosinho *El carro del cielo ou Santo Elias.*

Destinado por sua mãe á carreira ecclesiastica, por haver recahido n'elle o patronato de Legos, fundado por sua avô D. Ignez Riaño, na egreja parochial de S. Salvador, tomou as primeiras ordens; mas sem resolver-se a passar mais adiante, obteve de sua familia permissão de estudar leis, matriculando-se na universidade de Salamanca.

Entretanto, fallecendo sua mãe, o pae contrahiu segundas nupcias, morrendo pouco tempo depois.

D. Pedro ficando absolutamente senhor das suas acções, começou em 1815, n'aquella universidade, os seus estudos de mathematica, geographia, historia e direito.

Em 1620 foi a Madrid e obteve licença d'el-rei para administrar os seus bens, tomando parte, por occasião das festas da canonisação de Santo Izidro, na justa poetica que se celebrou e na qual ganhou um premio.

Outras justas litterarias na Companhia de Jesus para celebrar a canonisação de Santo Ignacio de Loyola e a beatificação do veneravel Francisco de Borja, proporcionaram-lhe ensejo de revellar o seu estre poetico. Animado com estes triumphos, dedicou-se ao theatro, mas não era por esta occupação n'aquelles tempos que se obteriam grandes meios e por isso teve de procurar melhor emprego, entrando ao serviço do duque d'Alba como seu escudeiro.

Em 1625, enthusiasmado pela gloria militar, depois de haver conquistado a litteraria, alistou-se como voluntario nos terços que deviam marchar para a Italia, dirigindo-se primeiro a Milão. Serviu trez annos no exercito, fóra de Hespanha e em 1629, achava-se já em Madrid, onde tendo sido aleivosamente ferido seu irmão mais velho, D. Diogo, pelo comediante Pedro Villegas, houve um grande tumulto que deu muito que fallar na côrte. Villegas, fugindo de D. Pedro Calderon e de outros que o perseguiam de espadas na mão, refugiou-se no convento das Trinitarias. D. Pedro e os seus amigos quebraram a clausura, arrombando as portas, invadindo as cellas e levantando os veus que occultavam o rosto das religiosas, sem poder encontrar o culpado.

Acudiram a ronda com o alcaide por um lado e por outro os sacerdotes e capellães que serviam no convento e por fim terminou o barulho impondo-se a D. Pedro o arresto por alguns dias, em sua propria casa.

Em 1640, por motivo da guerra da Catalunha, ten-

do sahido para a campanha as ordens militares, tocou a D. Pedro, como cavalleiro de Santiago, apresentar-se no exercito, e entrou para a companhia de couraceiros do conde-duque de Sanlucar, capitão general de cavallaria hespanhola. No anno seguinte, com a sua companhia e 30 arcabuzeiros a cavallo que iam soccorrer a praça de Constanti, ás ordens de D. Rodrigo de Herrera, pelejou na Catalunha como um valente, contribuindo para a derrota e morte de 500 homens que se lhes oppozeram.

No campo de Tarragona, assistiu ao combate travado para salvar 300 cavallos que estavam cortados pelo inimigo e escoltados por seu irmão D. José, capitão n'aquella guerra.

Em novembro de 1641, foi a Madrid commissionado pelo marquez da Hinojosa para trazer os planos da cidade de Tarragona e as propostas para a troca de prisioneiros. Pouco tempo depois, querendo el-rei D. Filippe partir para a campanha formaram-se as companhias da guarda de S. M. e D. Pedro Calderon alistou-se na do conde de Oropesa, que tomando-o na conta do soldado mais benemerito, o nomeou cabo de esquadra, posto que serviu como honradissimo e valente cavalleiro até 15 de novembro de 1642, em que pelo conde-duque lhe foi concedida licença em Saragoça para ir curar-se dos seus achaques, onde encontrasse mais commodidade.

Retirado do exercito e restabelecido da saude, voltou a dedicar-se ás lettras, tendo escripto já de 1625 a 1635 vinte e tantos dramas representados todos em Madrid durante aquelle periodo.

Em 1649 foi encarregado por el-rei de descrever as festas da entrada de sua espoza D. Marianna d'Austria. Dois annos depois, resolveu tomar os habitos de sacerdote, para o que pediu licença ao conselho das ordens, que lh'a concedeu.

A idade, os desenganos, a morte de seus irmão e amigos, levaram-n'o a buscar o socego no retiro da vida ecclesiastica. Possuia a capellania fundada por sua

avô, mas o seu rendimento mal chegava para pagar ao sacerdote que a servia. Ordenando-se a titulo d'esta capellania, poude entrar no goso completo das suas rendas.

Em 1653 foi nomeado capellão de Reyes, em Toledo, e ahi viveu dez annos retirado, não sem que interrompessem com frequencia o seu repouso, os mandados de el-rei para organisar festas e as sollicitações dos comediantes.

Em 1663 foi admittido na ordem de presbyteros naturaes de Madrid e nomeado por el-rei capellão honorario, porque S. M. queria por todos os modos tel-o a seu lado para dirigir e combinar os seus entretenimentos litterarios.

Apezar da protecção real, tanto escrever sobre assumptos profanos e religiosos, não deixou de dar que intender ao tribunal da Santa Inquisição. Tinha escripto dois autos sacramentaes, um intitulado *Mystica e real Babilonia* e outro *Trovas do segundo Adão ou as Ordens Militares,* que se representaram em 8 de junho de 1662. Quatro dias depois, o conselho da Suprema acordou que o inquisidor D. Jeronymo Angulo, chamasse D. Pedro e lhe mandasse supprimir ou reformar alguns versos. D. Pedro escreveu a sua defeza e as suas desculpas e apresentou-as ao tribunal, que julgou por ellas mais aggravada a culpa, pelo menos no tocante ao auto, *As ordens militares,* mandando recolher o original e as copias entregues aos comediantes, prohibindo a representação.

Entretanto, foi á scena oito annos depois, em 1671 pela companhia de Antonio Escamilla, com licença do mesmo conselho da Inquisição.

N'aquelle anno, escreveu Calderon uma composição em verso, com destino ao certamen aberto em consequencia da canonisação de S. Francisco de Borja, assumpto que já havia tratado cerca de meio seculo antes, por occasião da beatificação. E é de notar que tendo ponderado os seus milagres ao exaltal-o pela pri-

meira vez nos altares como bemaventurado, não fossem os milagres o seu principal thema ao celebral-o como santo.

Em 1676, uma comedia intitulada: *Aventuras de Oliveros de Castilla y lealdad de Artus de Algarbe,* antes porém de concluida a impressão, foi mandada destruir e recolher as copias, pelo que se julga que se haja perdido, a não ser que o poeta tivesse deixado á sua morte, alguma copia entre os papeis que por codicilio firmado anteriormente, dispoz que se entregassem a D. João Mateo Lozano, cura de S. Miguel. Entre elles devia achar-se o começo do auto que a morte lhe não deixou terminar. Sentindo-se já muito enfermo fez testamento perante o escrivão João de Burgos, deixando por testamenteiros o cura de S. Miguel e D. Diogo Ladron de Guevara, cavalleiro de Calatrava.

Mais de trezentas e vinte peças theatraes, autos, lôas e entremezes, correm impressas de Calderon de la Barca, que se foram collecionando desde o anno de 1625, espurgando-as dos erros de copia e de imprensa e classificando-as com ordem e methodo. D. Juan de Vera Taris foi um dos primeiros que emprehendeu essa tarefa.

Este poeta illustre que serviu a sua patria com a penna e a espada, como Camões, foi a ultima estrella que se extinguiu da numerosa constellação de insignes escriptores. Com a extincção d'esta luz coincidiu a perda do poderio de Hespanha na Europa e a do bom gosto e espontaneadade creadora, ameaçadas de invasão franceza como os estados de Flandres e Italia. Os restos de Calderon, descansam desde 1880 na egreja de S. Pedro de Presbyteros naturaes de Madrid (calle de la Torrecilla del Leal). O valor do theatro de Calderon, como fiel reflexo dos costumes hespanhoes do seculo XVII, é igual ao que póde assignalar-se como exacta representação dos costumes portuguezes da mesma epoca.

Na comedia o *Principe constante,* traçou Calderon

a apotheose do nosso heroe o Infante D. Fernando, o captivo de Ceuta.

Nas festas do seu centenario em 1881, escreveu um poeta francez Louis Jacolliot:

Deux siécle ont passé sur ta cendre, ó Poête,
Et chaque heure á ta gloire ajoute son rayon,
Tu vois le monde entier, uni dans cette fête
Et se donner la maín pour celebrer ton nom,
Car, merveilleux esprit, tu fis cette merveille
De depasser Shakespeare et d'egaler Corneille. (Paris)

CALDERON DE LA BARCA

CASA COM DUAS PORTAS É MÁ DE GUARDAR

PERSONAGENS

FELIX DE MIRANDA.
FERNANDO, capitão.
FABIO, lavrador abastado.
BENEDICTO, ordenança do capitão.
FAUSTINO, creado de Felix.
PONCIO, creado de Fabio.
LAURA, filha de Fabio.
HELENA, irmã de Felix.
BERTHA, sua creada particular.
CLARA, creada de Laura.

Creados que não fallam.

A acção, passa-se em Mafra em 17...

ACTO I

O theatro representa um parque ou jardim de serventia commum. Da esquerda, vê-se a casa de Fabio com porta e janellas para a scena, cobertas de parreiras, devendo mostrar a casa que volta para o lado da estrada, para onde tem serventia igualmente.—Da direita, vê-se a casa de Felix, na mesma proporção, com duas janellas e duas portas, por onde se entra subindo quatro ou cinco degraus—Uma das portas é a serventia da casa, e a outra, a porta particular do quarto de Helena. Ao fundo, um pequeno muro, com entrada sem portão, vendo-se ao longe montes e arvoredos. Na scena arbustos, arvores, flores, etc.

SCENA I

HELENA *e* BERTHA *entram em scena e cobrem o rosto com os mantos para que as não conheçam.* FERNANDO *e* BENEDICTO *que as perseguem.*

HELENA

Bertha, inda nos seguem?

BERTHA

Sim!

HELENA

Pois detem-te.—Cavalheiro, *(a Fernando)*
atraz volvei-vos, primeiro

que ouseis chegar-vos a mim; (pondo-se diante d'elles)
porque, se intentaes por fim,
saber quem sou, intentaes
não seguir ávante mais.
E se isto não basta, agora,
cedei a quem vos implora
que os meus passos não sigaes.

FERNANDO

Difficilmente podera
conseguir, senhora, o sol,
que não tente o girasol
seguir-lhe o rumo na esphera;
difficilmente quizera
o norte, luz fixa e clara,
que o iman nunca o fitára;
e o iman, difficilmente,
intentára que obediente
o astro brilhante o deixára.
Se o sol é vosso esplendor,
girasol, minha alegria,
se o norte é vossa porfia,
o magnete a minha dor;
se é iman, vosso rigor,
meu astro, esse olhar fagueiro,
como ficar, se primeiro

fugir de todo promette,
meu sol, meu norte e magnete,
sendo iman, flor e luzeiro?

HELENA

Mas á flor formosa e bella
seu termo o dia concede,
como á pedra iman succede
de uma incerta e vaga estrella;
se elle pois se ausenta, e ella,
não me culpeis se os seguia;
dizei á vossa porfia,
iman, astro, ou girasol,
que é de noite, para o sol,
para as estrellas, de dia.
E aqui ficae, pois sabei
se este segredo apuraes,
e a saber quem sou, chegaes,
que nunca mais volverei
a este sitio, onde achei
hoje um refugio tão bello:
e posto que meu desvello
me traga a ver-vos aqui,
pede que diga — sahi!

FERNANDO

Do vosso recato appello,

senhora á livre vontade;
e supposto que seria
não vos seguir, cortezia,
era tambem necedade.
Grosseiro ou nescio, em verdade,
defeito maior talvez,
é ser nescio, a insensatez
emenda não tem; e agora,
não sendo nescio, senhora,
tenho de ser descortez.
Seis auroras, esta aurora,
faz que por este caminho,
o amor vos tentou, damninho,
a ser minha salteadora;
tantas ha, que áquella hora,
vos acho á luz que annuncia
o sol, que a esphera allumia,
nesse manto rebuçada
nympha, deidade ignorada
de formosa primavera!
Vós me chamastes primeiro
do que a fallar-vos chegára,
porque a tanto não ousára
tão de vez, e forasteiro.
Com estyllo lisongeiro,
logo aspide entre verdores,
não deidade em seus primores,
fostes commigo em verdade;

pois aspide e não deidade
é quem dá morte entre as flores.
Outra manhã, prasenteira,
dissestes: vinde a este prado.
E pontual meu cuidado
me trouxe d'esta maneira.
Não adiantei a primeira
occasião, porque bastante,
Não foi meu rogo constante,
(áparte) como a quem não basta a fé
de adorar o que não vê,
(a ella) tendo esses veu no semblante.
Ser novo em conta já levo,
sempre o risco, e o favor não;
dever quero á minha acção
o que á vossa luz não devo.
A seguir-vos pois me atrevo
e hoje de certo hei de ver
quem sois.

HELENA

Não póde hoje ser;
deixae-me agora onde vou,
que a minha palavra dou
de que em breve heis de saber
meu nome todo, o meu lar,
ver-me de perto...

BENEDICTO

E com ella,
esta guapa donzella.
(a Bertha) A verdade em seu logar,
por que eu não quero infernar
minha alma. Esse veu despregue,
deixe...

BERTHA

Nunca! E se me segue,
tenha já por certo...

BENEDICTO

O que?

BERTHA

Que me persegue; porque,
quem me segue, me persegue.

BENEDICTO

Isso são astucias tuas...

BERTHA

Quem me diz que o não declaras?

BENEDICTO

Muito feissimas caras
aposto hão de ter as duas!

BERTHA

Muito melhor do que as suas!

BENEDICTO

E está muito encarecido,
por que eu sou mesmo um cupido...

BERTHA

Ambos o somos, Lulú...

BENEDICTO

Como?...

BERTHA

Eu o *pido* e tu...

BENEDICTO

Não me está bem o partido!

HELENA

(a Fernando) Outra promessa vou dar.

FERNANDO

Que penhor de confiança
concedais á minha esp'rança
d'aquellas que hei de lograr?...

HELENA

descobrindo-se) A d'este veu levantar.

FERNANDO

Usar d'essa aleivosia
p'ra vencer minha ousadia,
foi grande traição, pois já
como ao ver-vos deixará,
quem sem vos ver, vos seguia?

HELENA

Ficae pois de mim seguro
que em breve tempo sab'reis
a minha casa, e vereis
quanto agradar-vos procuro,
pois novamente o asseguro.

FERNANDO

(Dando-lhe passagem) De seguir deixo este meio.

HELENA

E eu sem algum receio,
de que agradecida estou,
por este lado me vou.

FERNANDO

Ide pois.

HELENA

Confio e creio.

(Sae acompanhada de Bertha, tomando para o lado da casa de Felix)

SECNA II

FERNANDO *e* BENEDICTO

BENEDICTO

Que bello arranjo, senhor!
Sigamol-a até saber
Se é um demonio ou mulher.

FERNANDO

Não é teu plano o melhor,
se como viste, em rigor,
occulta affastar-se quiz.

BENEDICTO

Julgaes ter feito bem?

FERNANDO

Fiz.

BENEDICTO

E eu não a deixára agora
se ao proprio inferno ella fôra.

FERNANDO

Que me deve, nescio, diz?
Ter quatro dias fallado
commigo n'este lugar,
para dar-lhe esse pesar
de que tanto se ha guardado?...

BENEDICTO

Deveis o ter madrugado
esses dias.

FERNANDO

Já que estamos
sósinhos, e aqui ficamos;
sobre quem poderá ser
tão recatada mulher,
discorramos...

BENEDICTO

Discorramos.
Dizei-me que heis presumido
do que haveis visto e notado?

FERNANDO

De estyllo tão bem fallado,
de trajo tão bem vestido,
o que hei já pensado e crido,
é que por força ha de ser
alguma nobre mulher,
que onde não é conhecida,
dissimulada e fingida
gosta de fallar, de ver,
e estranho a mim, mais feliz,
para esse effeito escolheu.

BENEDICTO

Muito melhor penso eu!...

FERNANDO

Pois não te detenhas, diz.

BENEDICTO

Mulher de fino verniz
que falla a quem a não veja,
importuna ser deseja,
ser falladora costuma;
me melem, se não é uma

discreta feia, que almeja
de nos pescar pelo bico!

FERNANDO

E que dirás, se inda agora
eu a visse, e um anjo fôra?

BENEDICTO

Santo Deus! banzado fico!
É duende, e certifico
que á vida se quer volver.

FERNANDO

Succeda o que succeder
ámanhã se saberá.

BENEDICTO

Logo, julgaes que virá
ámanhã?...

FERNANDO

Se não vier
bem pouco terei perdido
na esp'rança que me sorria.

BENEDICTO

E a madrugar outro dia,
achaes pouco? Agradecido!

FERNANDO

O negocio a que hei saido
me fez a isso obrigado;
não o devo a tal cuidado.

SCENA III

Os mesmos, FELIX *e* FAUSTINO

FELIX

(Saindo de casa da porta da direita) Muito bons dias, Fernando.

FERNANDO

Bons dias. Tão cedo erguido,
apurado e bem vestido?...

FELIX

Um cuidado serio em que ando,
não permitte desvelado
que socegue nem descance;
mas tu que dás tanto alcance
ao ver-me já levantado,

lembro que hontem me disseste
ir a Cintra, um memorial
levar ao paço real.
Pois como a Mafra volveste
tão cedo?...

FERNANDO

Exemplos me servem,
e é regra na arte exposta,
que uma pergunta e resposta
sempre o mesmo caso observem.
Se á minha pergunta, ousado,
por facil resposta déste,
um cuidado, á que fizeste
salve-me um outro cuidado,
que é quem a Mafra me volve.

FELIX

Ainda ha pouco chegaste,
já tens cuidado!

FERNANDO

Acertaste.

FELIX

Pois tal caso me resolve
para obrigar-te, primeiro
que me obrigues a dizel-o.
escuta o meu:— vaes sabel-o.

BENEDICTO

(a Faustino) Se és amigo verdadeiro
vem dar-me com que almoçar,
senão morro de fraquesa.

FAUSTINO

Vamos sentar-nos á mesa,
e deixal-os conversar.

(dão o braço e entram para casa, pela porta por onde saiu Felix)

SCENA IV

FELIX E FERNANDO

FELIX

Bem te recordas d'aquellas
felicissimas idades
que nos sorriam tão bellas,
e de Coimbra as saudades
d'esse tempo de estudantes;
do livre e glorioso ultraje
com que de venus e amor
tratamos as vans deidades,
a seu pesar triumphantes,
de encanto, astucia e rigores!
Com as minhas liberdades
c'roei de raios e flores!

Oh! nunca houvessem luctado
forças tão desiguaes,
pois não teriam podido
vingar-se as duas jamais;
ou seu golpe houvera sido
posto em todos possa dar,
por costume unicamente,
flecha disparada ao ar
e não flecha por vingança
de veneno tão nocente,
que, penna do arco se lança,
ave, correu pelo vento,
chegou raio ao coração,
onde aspide, acha alimento!
Quando pela vez primeira
senti a dor d'este arpão
que sabe f'rir sem matar—
e ist'inda é o mais que sabe!—
foi do anno ao começar;
era sol posto esse instante,
e o mez de abril. Enganei-me,
era manhã; não te espante
se de tarde o sol nascia,
por que de emprestadas côres
com que o ceu se abrasa e arde,
se não me engano, esse dia,
amanheceu pela tarde.

FERNANDO

Parece que a historia tua,
vae dando em conto de fadas.
(a um gesto de impacienciaa) Ora vamos, continua.

FELIX

Saio, a Cintra me encaminho,
pois como é pouco distante
de Mafra, ali vou sosinho
entre o bosque verdejante
gosar de ameno retiro.
Chego ao lago, entre a ramagem,
sobre as aguas, debruçada,
uma mulher recostada
vejo na florida margem
que a verde murta enfeitava
como cenefa ou engaste
de esmeralda, que assombrava
a agua, toda um diamante!
Tão entretida a mirar
naquelle espelho o semblante,
até me fez duvidar
se era mulher ou imagem;
pois vendo nymphas tão bellas
de jaspe, nessa paragem,

de formas vivas, singellas,
que ha quem espere que fallem,
e ella insensivel olhava
sem nunca ali se mover,
quanto mais me aproximava,
a natureza dizer
então me par'ceu á arte:—
«Do que e morto desmentir,
não ostentes, não te gabes,
com mais rasão n'esta parte
obrigo o vivo a mentir;
se uma mulher crear sabes,
com perfeição mais subida,
sei linda estatua esculpir;
olha uma alma sem vida
onde está com vida um jaspe!

FERNANDO

Ou tu andaste encantado
nas ruas d'esse jardim,
ou queres fazer de mim
que sonhe, estando acordado.

FELIX

Foi tudo realidade;
ao rumor que entre a folhagem,
inquieto fiz, na anciedade

de lhe ver mais perto a imagem,
do seu extase agradavel,
não fosse d'amor, volveu-me
com susto o olhar adoravel.
Não me lembra se lhe disse
que ufana se não revisse
naquelle espelho brilhante,
para que ao risco fugisse
de ser de si propria amante.
Ella grave e honestamente,
voltou-me as costas, seguiu
sem responder-me, em alcance
d'um lindo rancho, que á frente,
pelos jardins se espargiu,
veigas e ruas saltando,
até que seu pé, de um jacto
a foi juntar a esse bando.
E ao seu pequeno contacto,
tanta flor foi produzindo
a areia que ella roçava,
que se não via d'essa arte,
se o caminho ia seguindo
ou se em flores transformava
o jardim por toda a parte;
pois foram rosas depois,
as que eram veredas antes!
Os fatos que ella vestia
eram simples e elegantes,

nem de aldeia, nem de côrte,
mas a linhagem dizia
a gentileza do porte;
tinha de dama o alinho
e o donaire d'uma aldeã!

FERNANDO

Se vaes por esse caminho
é um anjo, um mytho, ou fada,
a tua rosa louçã!

FELIX

Zombas? Não digo mais nada.

FERNANDO

Vamos lá, sisudo estou,
acaba a historia engraçada.

FELIX

Segui-a até que chegou
áquelle grupo, que errante,
tecia um côro de nymphas,
ao som cadente e vibrante
da brisa e rumor das limphas,

da rama e canto das aves.
Nunca ouvi hymnos assim
sonoramente suaves;
cada passo, era um festim,
cada desleixo, era um baile!
Eu a todas conhecia
como naturaes d'aqui,
e só por saber morria
quem era o anjo que vi.
A fundo indagar busquei
d'aquellas que a acompanhavam
quem era, e então achei
no sangue mais qualidade
que nos dotes que a adornavam.
Creada foi na cidade
com seu pae; fugiu d'ali
das seducções ao combate
e veio abrigar-se aqui
para que viva onde mate!
Não a servi em rigor,
feliz e ditoso amante,
porque a dita que se perde
é a desdita maior.
Só te digo que obrigada
a meu esforço constante,
a meus serviços cortezes,
á minha affeição rasgada,
mereci que algumas vezes

me fallasse das janellas
do jardim, e contemplada
só fosse a nossa ternura,
das flores e das estrellas.

FERNANDO

Tornou-se vulgar a fada,
cae na prosa a poesia,
foi-se o anjo de candura...

FELIX

Ouve o resto.

FERNANDO

Quem diria!

FELIX

Tendo por mim a ventura
e vento em popa, do amor
corri os incertos mares;
logo do vento o rigor
para augmentar meus pesares,
ergueu tormenta de zelos,

difficuldades fataes!
Tormenta de zelos, disse?
Diz, se amaste, em casos taes,
Que esperança ha do piloto
que estes embaraços visse?
E a nave, que porto amigo
espera n'estas alturas?
De certo julgas comtigo
quando assim lastimo o p'rigo
e as funestas amarguras,
que sou eu quem tenho zelos!
Embora o ser desconfiado
a sentil-os sugeitar-me,
sou eu quem os tenho dado;
sempre buscando poupar-me
bem os tenho experimentado,
que me matam dados, como
sentidos, podem matar-me!

FERNANDO

Isso agora não intendo,
e o caso a serio não tomo.

FELIX

Tomarás, em o sabendo.

Vive em Mafra uma senhora
a quem eu, rendido e crente,
n'outro tempo amei; e agora
para vingar-se, a impudente,
com ella se ha declarado,
fingindo que indo vigora
entre nós amor sagrado.
Como facil, promptamente
em zelos sempre as mentiras
sentam praça de verdades!
Por isso, de mim ausente,
de tantas iniquidades
não me deixa desculpar,
nem me permitte que a veja,
nem consente em lhe fallar.
Embora rapido seja
que me dure este cuidado,
perdoará que descance,
de tantas penas cercado,
de tanto imprevisto lance,
morto de tanto desgosto,
de tanto mal carregado,
a tanto pezar exposto?
E assim, tendo eu com desculpa
sem culpa um anjo offendido,
vel-o padecer sem culpa,
maior inferno tem sido,

Fernando

Felix, ainda que os zelos
de que te queixas, te bastem
a causar desgosto, dados,
trazem tambem de não tel-os,
por mais que a alma desgastem,
consolos antecipados;
porque a dôr é tão diff'rente
como de os dar, a sentir;
como de ser um vivente
muito amante, que os padece
ou quem os deixa nutrir.
Com muito dó, reconhece
que a ouvir-te comecei
quando em taes zelos fallaste;
mal em vez d'elles achei.
verdades, não, mas enganos,
na inveja o dó me trocaste;
pois que não ha maior gosto,
como ao fim dos desenganos,
ver donzellas e rapazes
fazer paz para renhir
ou renhir p'ra fazer pazes.
Busca ver a tua amante.
embora queira fugir;
dos seus zelos n'este instante

está com secreta falla
a consumir-se e a finar-se,
mais que tu desenganal-a,
buscando desenganar-se.

SCENA V

Os mesmos, HELENA *e* BERTHA

(Saindo da casa de Felix pela porta esquerda, conservando-se ambas atraz dos arbustos)

HELENA

Berta, a meu irmão procuro
fallar antes que se ausente,
para o tornar mais seguro
de que a seu rogo obediente
não hei de casa saido.

BERTHA

Está com elle entretido
o tal hospede, e sabeis,
que ha vosso irmão prohibido
que o vejaes ou lhe falleis.

HELENA

Foi essa a minha desgraça.
Deste occulto e bello posto,
escutemos.

BERTHA

Escutae.

FERNANDO

(vendo Felix pensativo) É futil o teu desgosto:
deixa que alegrar te faça,
pois que bem d'accordo vae
com esse cuidado teu,
aquelle de que fallei;
julga e escuta agora o meu.

HELENA

Ouve...

FERNANDO

Depois que troquei
pelo habito de estudante
o de soldado, e que a penna
á espada sacrifiquei,

a suave, doce e amena,
tranquilla paz de Minerva,
ao sangrento horror de Marte,
a nossa escola á campanha
de que fiz honrosa parte;
quando depois de tamanha
lucta infrene um premio tive,
a gineta emfim obtive,
pedi licença, e parti.
Dos habitos militares
o jus a um consegui;
estas honras salutares,
quando a velhice não tarda,
busca o soldado que é pobre,
pois sobre o ouro da farda
são o realce mais nobre.
A Cintra, com este intento
vim para entregar a el-rei
memoria do requ'rimento,
quando por fim te encontrei
n'aquella humilde pousada,
e me rogaste, acceitasse
em Mafra a tua morada,
por mais que eu te ponderasse.
Ser pequena, asseguraste,
do caminho esta jornada,
e nos dias de audiencia
ser bem facil, replicaste,

com leal franquesa expressa,
ir de manhã sem urgencia,
e á noite voltar sem pressa.
Mais cedi ao teu agrado
que á minha commodidade.
Tudo isto que te hei contado
sabe-o bem tua amizade;
mas convem dizel-o antes,
por que o prologo revela
da mais singular novella
d'amor, que escreveu Cervantes.

HELENA

(áparte) Entro agora eu.

FERNANDO

Um dia,
que madruguei vigilante,
antes do sol, que rompia,
segui pela estrada adiante.
Junto ao convento, que fica
d'aqui não muito distante,—
—este caso não se explica—

entre uns alamos virentes
vi uma linda mulher!
Com meus gestos reverentes
cortez e affavel quiz ser,
e ella a cabeça inclinou;
antes porém que eu passasse,
pelo meu nome chamou.
Apiei-me, e a Benedicto
dei ordem que me aguardasse
com meu corsel orgulhoso,
junto a um monte de granito.
Chego e digo-lhe:—Ditoso,
o forasteiro, a quem sabem,
seu nome as damas! E a bella,
para que os dons lhe não gabem
cuidadosa o rosto vella,
respondendo a meia voz:
—Nestes sitios, cavalheiro,
e muito mais para nós,
em nenhum é forasteiro.—
E ajuntou outros favores
que a minha modestia obriga,
por mim proprio, a que os não diga;—
pois não sei como ha senhores
tão fatuos, tão arrogantes,
que se gabam dos amores
com que os procuram constantes!

BERTHA

(a Helena) Nosso encontro está contando.

HELENA

Quem o podera estorvar,
antes que os indicios dando,
suspeitas possa causar.

FELIX

Continua.

FERNANDO

Depois, ella,
sempre encoberto o semblante,
com a graça mais singella,
me despediu com dizer
que se eu fosse tolerante
e não cuidasse em saber
quem era, nem a seguisse,
que outro dia voltaria.
Quem no meu caso se visse,
o mesmo que eu fiz, faria!

Seis vezes correra o sol
as cortinas orientaes
e outras seis, pelo arrebol,
vi de veu, entre os rosaes
esta mulher. Enfadado
de recato semelhante,
busquei seguil-a hoje ousado
a poucos passos distante;
mas nada pude alcançar,
porque, volvendo animada,
topou-me e não quiz passar
d este caminho da estrada.

FELIX

D'aqui?

FERNANDO

Por fim, conheci
ser d'aqui, pois n'um instante
a perdi de vista. Aqui,
outra vez mais supplicante
que a deixasse me rogava,
senão que a vida humilhante
meu exame a aventurava.

FELIX

Singular mulher!

HELENA

De certo,
fallando assim fez peor.

FELIX

Prosegue.

FERNANDO

Então eu...

SCENA VI

Os mesmos e CLARA

(com veu no rosto)

CLARA

Senhor,
uma dama, aqui bem perto
deseja fallar-vos.

FELIX

Sim?...

HELENA

A que bom tempo chegaste,
mulher ou anjo, por mim!

FELIX

Do conto o que não contaste
ouvirei já se poder;
deixa um momento, por Deus,
que falle a esta mulher
que á dama dos votos meus
serve com zelo expedito.

FERNANDO

Que eu morra como São Braz
se não é o que te hei dito!
Ouve o recado que traz
pois é bem propicia a hora
ao chamamento a que vaes. (sae)

SCENA VII

Os mesmos, menos FERNANDO

FELIX

Clara, a que vens agora?...

CLARA

Porque assim vos exaltaes?
Crede, a meus rogos sómente

prometteu que vos fallava;
do contrario, renitente,
a ver-vos não me affoitava.

FELIX

Tão cruel commigo está!
Que faz esse anjo dos ceus?

CLARA

Ora o que faz... sabeis lá!...
— A ingratidão que soffri—
diz chorando...

FELIX

Prasa a Deus
que me falte, se a offendi.

CLARA

Tratae de fallar-lhe assim...

FELIX

Mas se ella não quer ouvir...

CLARA

Ha de ouvir até ao fim,
se os meus passos qu'reis seguir.

FÉLIX

Dás-me novo alento, dás-me
nova vida!

CLARA

Em casos taes,
que as pazes façam, apraz-me;
vinde e não vos detenhaes.

FELIX

Correndo atraz de ti vou.

CLARA

Arrufos de namorados
que o ciume apoquentou
sabem tão bem perdoados...
Tudo é delicia e brinquedo...
eu consigo-o a tanto custo...
e fico a chuchar no dedo! (saem)

HELENA

(apparecendo pelo fundo) Já livre estou d'este susto.

BERTHA

É só por alguns instantes,
que hão-de juntar-se, e contado
o caso ha de ser...

HELENA

Pois antes
de o fazer, seja avisado.

BERTHA

Por escripto?...

HELENA

Em que lhe digo:
«Peço que o silencio guarde,
até que falle commigo
antes do cair da tarde.»

BERTHA

E o nome em baixo assignado?

HELENA

Deus me defenda, isso não.

BERTHA

Mau!

HELENA

Tenho um plano estudado.
Não sabes que meu irmão,
minha amiga Laura, adora?
Vou fazer-lhe a confissão
d'este amor que me devora.
A mais estranha partida,
e o lance mais singular,
has de ver, porque eu fingida...
Ai! não t'o quero contar;
mysterio deixa que eu faça,
pois nos contos int'ressantes
nunca depois terão graça
passagens contadas antes. (entram em casa)

SCENA VIII

LAURA *e* FABIO

(vindo do outro lado da casa de que se suppõe serventia para a estrada)

FABIO

É notavel a tristesa
que as flores mais animadas
murchou da tua bellesa!
Diz, que idéas malfadadas

te perseguem estes dias?
Porque saudosa te inspiras
em vagas melancholias,
que em quanto correm as horas,
ou tristemente suspiras
ou então, rendida choras?!

LAURA

Olhe, meu pae, se eu soubesse
a causa da minha dor—
(aparte) E assim, o meu Deus quizesse
que eu nunca a soubesse tanto...
(alto) Fôra o consolo maior,
menor de certo o meu pranto;—
porque de poder sabel-a
achára o mais efficaz
aforismo de vencel-a.
Porém a dôr que me traz
nesta angustia, é, noite e dia,
natural melancholia,
que este effeito horrivel faz,
sem que me deixe saber
a causa de que provem;
n'este espaço, a natureza,
a melancholia tem
separada da tristesa.

FABIO

Pois eu, não sei que te diga
senão que o teu pranto, amor,
a tão viva magua obriga,
que atroz, dolorosa e forte,
tu, filha, soffres a dôr,
e teu pae affronta a morte!
Pois já viver não espero
em quanto exposta ao rigor
d'um pesar te considero.

(Beija-a affectuosamente e sae pelo fundo, dizendo-lhe adeus)

SCENA IX

LAURA

(só)

Que farei eu que rendida,
vivo e choro e imploro aos ceus?
Quanto me pesa esta vida
ardendo em zelos, meu Deus!
De uma raiva insana, escrava,
de uma fulminante ira,
que o sentimento aggrava,
e a rasão em fogo admira;
de um veneno bem composto,
que enche o peito em demasia,
de uma furia, de um desgosto,

que dá praser e amargura,
e o coração injuria;
que aspide, monstro ou figura,
que bicho, animal ou fera,
fôra, ai meu Deus, que não fôra,
assim composta e severa,
que só com vivos queixumes
e desconsolos vigora,
a hydra fatal dos ciumes?!
Por motivo o mais pequeno
logo dão a quem os sente,
furia, raiva, odio e veneno,
mal atroz e dôr vehemente!
Quem dos homens inconstantes
a vontade adivinhára?
Soubera a de Feliz antes,
e a minha nunca empenhára!
Mas ainda não sabia
que amor tão caro custava,
quando tão livre vivia,
e tarde ou cedo, ignorava,
que por fim tem de acabar.
Ama a Julia muito embora
mas deixa-me antes finar.

SCENA X

A mesma e CLARA

CLARA

Correndo venho, senhora.

LAURA

Que temos?

CLARA

Representei
meu papel discretamente;
cheguei aqui e affastei
um do outro em continente.
Levei-o de parte, e disse
que de perto me aguardasse,
até que de casa visse
sair meu amo, e eu voltasse
de prompto, a participar
que em quanto não regressasse,
vos podia então fallar
antes do cair das onze.
Logo com terno gemido
que abranda marmore e bronze,
cego, turbado e sentido,

me disse:—Laura rejeita
ouvir a minha desculpa,
a verdade não acceita,
e por suspeitas me culpa.
D'isso então o soceguei
e respondi com firmeza:—
Hade ouvir-vos, que eu bem sei
quanto lhe custa a incerteza.
E aqui bem perto da estrada
só espera o meu signal
para transpor essa entrada
e ajoelhar-se a final.

LAURA

Ai, chama-o, pois que bem vejo
ser verdade a Julia amar,
mais e mais cresce o desejo
de ver como hade empregar
o artificio da desculpa;
e quero assim, ardilosa,
esquecer tão grande culpa.
(Clara sae a chamal-o) Pois sempre que a mais zelosa
irada se patenteia,
desculpas quer acceitar
mesmo ainda que as não creia;
porque é tão duro o penar,
que se deseja curar

apesar de ser engano.
E quando, já que hesitei,
desenganos não consiga,
ao menos alcançarei
que elle proprio emfim m'o diga.

SCENA XI

A mesma, CLARA *e* FELIX

CLARA

(baixo a Felix depois de ir espreitar á estrada)

(voltando, a Felix) Meu amo vejo affastar;
aproveitae com finura
o ensejo de lhe fallar.

FELIX

Vida me dás e ventura!

CLARA

Fazei-vos dissimulado,
força empregae, que eu resisto.
(fingindo-se Senhor Felix! mau! Que é isto?
passar á força!...

FELIX

Cuidado!...

CLARA

(pondo-se diante) Para traz!

FELIX

(receosamente) Clara, por Deus...
Calla-te!

LAURA

Que é isso ahi?

CLARA

Que ha de ser? Teima em d'aqui
passar com modos plebeus,
este senhor desordeiro,
sem ver que meu amo, prestes,
pode voltar...

LAURA

Cavalheiro,
d'um atrevimento d'estes,
minha alma agitada treme
e a indignação me sobeja!

FELIX

Como quem morrer deseja,
ousa tudo e nada teme;
se morrendo tenho em sorte
vingança de teus desdens,
morto a teus olhos me tens,
feliz, bemdizendo a morte!

LAURA

(a Clara) D'isto és culpada sómente.

CLARA

(sorrindo com intenção) Eu, senhora...

LAURA

Se tivesses
fugido e a avisar corresses...

CLARA

Gritei, corri...

FELIX

Inclemente,

podes negar-me a desculpa;
mas dos meus erros, ninguem,
podes condemnar tambem,
quando só eu tenho a culpa!
Quero que o teu azedume
recaia sómente em mim;
não aggraves, Laura, assim,
a Clara, pelo costume
com que a innocencia offendes!...

LAURA

Dizes bem que tenho errado,
porque sempre hei confiado
quando illudir me pretendes;
e assim, a Julia não tendo,
tu, mil cartas dirigido,
nem sua escada subido,
nem tão pouco a recebendo
em tua casa, eu cruel,
colerica e impaciente,
recrimino-te innocente,
quando és sincero e fiel!
Sendo, excepção das mulheres,
tão desigual e intratavel,
tão injusta, tão mudavel,
que me buscas, que me queres?

FELIX

Só venho mostrar-te aqui
qual é o engano maldito
de teus zelos...

LAURA

(com despreso)

Quem te ha dito
que eu tenho zelos de ti?

FELIX

Tu propria te contradizes!

LAURA

Por que modo?...

FELIX

Ouve a rasão.
Ou sentes zelos ou não;
e se os não tens, como dizes,
para que mostras enfado
dos effeitos que não sentes?
Se os tens, porque não consentes
em me ver justificado?
Do desengano abster-te,
e assim as costas voltar-me,
isso não, que a desculpar-me
ou para satisfazer-te,

se os tens ao certo, has de ouvir-me,
e fallar-me se os não tens.

LAURA

Se ao sophisma com que vens
eu não podesse eximir-me,
demonstráras subtilmente
que estando agora enfadada
ardo em zelos angustiada:
porém se precisamente
não colhe a regra ardilosa,
pois posso enfadada estar,
soffrer, sentir e chorar,
sem que chegue a estar zelosa,
nem eu tenho que escutar-te,
nem tu que dizer-me tens.

FELIX

Quer com zelos ou desdens
as rasões que tenho a dar-te
has de ouvir.

LAURA

(aparte) Agora cae.
Sair promette, e ouvirei.

FELIX

Prometto.

LAURA

Pois dize e sae.

FELIX

Negar-te que outr'ora amei
Laura, a Julia...

LAURA

Já tardava!
E' estyllo de obrigar,
maneira de contentar,
dizer-me, quando aguardava
os protestos mais cortezes,
mil finezas amorosas, —
sinceras ou mentirosas, —
que em juras d'amor, ás vezes,
parece até bem quem mente,
dizer-me na propria cara
que a Julia amaste?! Repara
que pensando unicamente
que desaggravas, offendes!

FELIX

Pois ouve-me até o fim.

LAURA

Podes desculpar-te?

FELIX

Sim.

LAURA

Inda bem, amor que tendes
a desculpal-o.

FELIX

Ahi vae.

LAURA

E cumprirás a promessa,
retirando-te depressa?

FELIX

De certo.

LAURA

Pois falla, e sae.

FELIX

Não te occulto, sem pudor,
que essa Julia tenha amado;
mas pensares que esse amor
é como o que te hei votado,
maior erro has praticado.
Se a Julia algum tempo amei,

não foi amor, ensaiei
a amar-te a luz singular,
que para saber amar
a Laura, em Julia estudei.

LAURA

A sciencias de vontade
aggravo lhes faz o estudo,
que amor para saber tudo
não vae á universidade,
por que é de tal qualidade
que tem os seus livros cheios
dos erros proprios e alheios;
e em sua sciencia, verás,
que é quem teima e a cursa audaz
quem por fim lhe ignora os meios.

FELIX

Pois o outro exemplo melhor:
cego ao mundo vem um ente
e discorre promptamente,
como será o esplendor
do sol, planeta maior
que no vasto espaço gira;
e quando por fé o admira,
cobra em noite amena e bella
a vista, e é d'uma estrella
a primeira luz que vira;

fitando o mago esplendor,
extasiado, exclama: — Sim,
este é o sol, que eu assim
imaginei seu fulgor. —
Mas da manhã o arrebol
tanta admiração lhe off'rece,
que a viva estrella obscurece!
E eu pergunto: — Offenderá
esse brilho extincto já
radiante sol que amanhece? —
E eu que cego assim vivia
de amor, quando não te amava,
ai, qual cego imaginava
como aquelle amor seria;
adorei na phantasia
presumindo que era assim,
o encanto, mas ai de mim,
julguei o sol uma estrella
e entretive-me com ella
até ver o sol emfim!

LAURA

Isso não; pois se me dou
por intendida comtigo,
que foi Julia o sol, te digo,
e eu a estrella que passou.
E provo-o; pois se eu estou
de ti perto, a noite fria,

e ella de manhã, porfia
em chamar-te, e estás com ella,
quem é o sol ou a estrella?
de qual a noite ou o dia?

FELIX

De que enganos te inspiraste!
ai, Laura, permitta a sorte,
se a tenho encontrado ou visto
desde que a Mafra chegaste,
que eu passe affrontosa morte,
muito peor que a de Christo.
Que mais desenganos queres,
que mais exiges de mim,
fallando verdade assim?
Pois no sentir das mulheres
maior desaire lhes vem,
se o ciume as vae ralando,
e os zelos confessam, quando
os ouvem de quem os tem!

LAURA

Eu bem sei que foi verdade
e não engano apparente...

FELIX

Como o sabes?

LAURA

Sei, que o sente,
meu peito em vaga anciedade.
E' mal que a mim me succede
e não póde ser mentira,
pois nos desgostos se mede
a dor que d'elles se tira;
certos, sempre adivinharam,
e fallaram-me verdade
sempre que prophetisaram;
na propria fatalidade
astrologos excellentes,
dão-me lições bem expressas.

FELIX

Pelo menos já confessas
que são zelos e que os sentes...

LAURA

Se me estás dando tormento,
que muito é que o confesse?...

FELIX

Se em vez de fingido, o desse
verdadeiro...

CLARA

N'um momento,
Fugi; meu amo ahi vem.

LAURA

Entra em casa, tem sahida
p'ra o outro lado tambem.

FELIX

Como ficamos, querida?...

LAURA

D'essa duvida me solta.

FELIX

O teu desengano espero.

LAURA

A ver-me esta noite volta,
que o desejo, ordeno e quero,
inda que bem me recorda
essa Julia...

CLARA

Fugi; vamos.

FELIX

Ai! minha Laura, concorda...

CLARA

Vinde, o tempo não percamos.

FELIX

Ai! Laura, o ciume abraza!

LAURA

Ai! Felix, zombas tambem!

CLARA

Ai! quanto serve uma casa
que duas saidas tem!

(cae o panno)

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

Sala mobilada ao gosto da época, em casa de Fabio.

SCENA I

LAURA e CLARA *entrando por uma porta, e por outra — Helena com veu sobre o rosto, acompanhada de Faustino*

LAURA

Helena! sejas bem vinda
a esta casa.

HELENA

E tu sejas,
branca pomba, meiga e linda
que hoje em meu auxilio adejas.

LAURA

Com tal visita é forçoso
alegrar-me.

HELENA

E' mal pensado,
pois venho a dar-te cuidado,
que o motivo é desgostoso.

LAURA

Saber quero promptamente
em que te posso valer.
(a Bertha) Que nos sentemos, consente,
pois o que tens a dizer
assim melhor ouvirei.

FAUSTINO

(fazendo uma venia para sair) A's vossas ordens me inclino
e a buscal-as voltarei.

HELENA

Ao anoitecer, Faustino,
podes vir.

FAUSTINO

Pois não faz bem,
que a essa hora p'rigosa,
chama-se a ronda e não vem. (sae)

SCENA II

Os mesmos excepto FAUSTINO

HELENA

O' minha Laura formosa,
a quem deu a natureza
nobre sangue e intendimento;

buscar posso com certeza
teu amparo e valimento,
que és boa amiga e discreta.

LAURA

Com tão grande prevenção
começa a proposição,
que mais desejo, indiscreta,
que tu propria, ouvil-a agora.

HELENA

Estamos sós?

LAURA

(a Bertha) Fecha a porta
e espera as ordens lá fóra.

HELENA

Que ella me ouça, pouco importa.

LAURA

Prosegue pois.

HELENA

Ouve attenta:
Felix, meu rispido irmão,
por um nobre capitão
profundo affecto alimenta

desde a sua tenra idade,
e a casa o trouxe estes dias,
entre expansões de alegrias
e os sorrisos da amisade.
Em Cintra o viu, e hospedado,
foi com tão pouca advertencia,
que occultar minha existencia
foi o primeiro cuidado.
Meu irmão ordena que eu,
n'outro quarto me conserve,
e cedendo aos dois o meu,
o maior recato observe.
E affastado pois de mim,
que o amigo creia, intenta,
que sósinho vive; e assim —
mas que acção tão pouco attenta —
sanar malicias julgou
em Mafra, não se dissesse: —
Em casa o amigo hospedou
como se lá não tivesse
inda uma irmã por casar!

CLARA

(áparte) E é por causa das más linguas
que nós padecemos minguas,
temendo a injuria affrontar!

HELENA

D'esta sorte que te digo,
no meu quarto, retirada,
onde outra porta ignorada
serve ao Felix de abrigo,
mandei pôr um anteparo;
e d'ahi só entra ou sae
a minha Bertha, que vae
em busca d'algum preparo.

LAURA

Pelo que me estás contando
não sei que idéas conceba.

HELENA

Deixemos pois a Fernando,
que posto jámais perceba
que uma dama em casa tem,
do seu affecto a dispensa;
deixemos Felix, tambem,
que apenas com isto pensa
que mais o logro sustenta
minha existencia escondendo.
Eu porém, agora vendo,
a prevenção com que intenta
de um quarto encerrar-me ao canto,

da prevenção fiz offensa;
que não ha cousa que tanto
fira a quem prudente pensa,
como a atroz desconfiança.

LAURA

Vejo esse despeito agora,
que te amofina, creança!

HELENA

Ai quanto erra e quanto ignora
a honra por este lado!
Como a quem busca olvidar
uma cousa, que o cuidado
de esquecel-a a faz lembrar!
E' como o que desvelado
se a dormir o somno o aperta,
ao sonho por fim chamado
é o sonho que o desperta;
como ás mãos de quem vae ter
livro com phrases manchadas,
que quanto mais vê riscadas,
mais vontade tem de as ler.
Este recato á donzella
que um irmão me impoz assim
e a curiosidade em mim,

ou destino em minha estrella,
despertaram-me o desejo
de saber se o hospede era
gentil, e vêl-o forcejo,
o que talvez não fizera
se me não fosse vedado.

CLARA

Deixou-nos Eva essa uzança,
e em nós ficou como herança
do seu primeiro peccado!

HELENA

E para poder melhor
fallar-lhe, sem que soubesse
quem a tanto se atrevesse,
tive inda arrojo maior!
Fui de manhã ao caminho
de Cintra, por onde havia
de passar, que era sosinho
o sitio, e a mata sombria.
Chamei-o, Laura, pensando
não ter esta leviandade,
outro empenho, conversando,
por teima ou curiosidade;
mas ai! que é facil a entrada
quanto difficil a volta

do p'rigo, quando se escolta
d'uma attração encantada!
Que o diga o mar, calmo e brando
se uma brisa o embala em paz;
quando se contempla, apraz
vel-o dormir; murmurando;
mas quem galgou atrevido
ondas revoltas e immensas,
ha de chorar mais perdido
suas terriveis offensas.
E assim affavel julguei
o mar do amor, mas apenas
os seus affagos provei,
logo lhe senti as penas!

CLARA

(áparte) É só do amor a esperança
que nos dá valor ousado!

HELENA

Pensarás que este cuidado
se entrega e sómente alcança
a ver-me hoje enamorada?...
Pois não, que o meu p'rigo augmenta,
d'amor e honra ameaçada,
a soffrer grande tormenta.
Hoje a meu irmão, Fernando,

que eu perto, escondida ouvia,
de tudo o ia informando,
por pouco me não perdia,
se Clara, por ti mandada
ali não chega, e os separa.
A folha ficou dobrada
e eu d'este modo escapára;
temo os signaes que tem n'ella,
do rosto, que já me viu,
ou tambem pela cautella
das poucas fallas que ouviu;
de ter-me seguido perto
de casa, e com mais perfeitas
informações, venho ao certo,
em Felix, causar suspeitas.
E em quanto se não explica,
esta aventura narrando,
convém fallar a Fernando.
Nas mãos de Bertha lá fica
uma carta, que eu lhe déra
para entregar-lhe, pedindo,
que a esta casa, subindo,
venha ver-me.

LAURA

Escuta, espera:
do affecto mais verdadeiro

e amisade que nos liga,
tu, como imprudente amiga
abusaste: pois primeiro,
que ao teu Fernando escreveras
e a esta casa o chamáras,
deveras pensar, deveras
saber que á tua evitáras,
embaraços que pões n'esta.

HELENA

Em tudo Laura, hei pensado,
isso fica ao meu cuidado.

LAURA

Que meio empregar te resta?

HELENA

Empreguei ùm que servisse.
Dois quartos n'esta morada
ha com saida á estrada
e outra ao parque; a Clara, disse,
que m'o trouxesse por ella;
de sorte, que entrando assim,
e desconhecendo emfim,
estranho, com tal cautella,
se a casa é tua, que expões?

LAURA

Exponho-me a que o pergunte,
e as consequencias ajunte
dos planos que me propões,
e o que hoje não sabe, saiba
amanhã, e pense que eu
fui a que o tentou de veu.

HELENA

Mas porque emfim te não caiba
algum risco, hoje hei de estar
descoberta e preparada,
como se a minha morada
fosse a que me has de emprestar.

LAURA

E inda que o ver-te, livrar
me possa com tal cautella,
meu pae, como has de evitar
que entre em casa, e encontre n'ella
um homem?...

CLARA

(áparte) Sae-te lá d'esta!

HELENA

E hoje por força ha de vir,

logo havemos de cair
no primeiro furto? Esta
finesa farás por mim,
pois é bem digna em verdade
de teu sangue, e da amizade
que te professo.

CLARA

(áparte) Pois sim!

LAURA

(aparte) Oh! quem dizer-lhe podera
o terceiro inconveniente,
e o maior, se de repente
Felix, que fallar-me espera,
chega ahi, e dá commigo
feito capa e medianeira
da irmã e d'um amigo!

SCENA III

As mesmas e BERTHA

BERTHA

Corri Mafra toda inteira
até o achar.

HELENA

Viste-o?

BERTHA

Sim.
Mal que ao pé de mim aporta,
dou-lhe a carta, lê, de mim
segue logo atraz, e á porta
que me heis dito, espera.

HELENA

Agora,
quem o auxilio me negára?

LAURA

Contrafeita o dou n'est'hora.

HELENA

Tira-me este manto, Clara;
tu, Bertha, chama a Fernando;
(Bertha sae) tu, Laura, vêl-o não queiras:
formosa e com taes maneiras
para creada...

LAURA

Ficando
dentro desta casa, amiga,
feita dona, olha por ella.
(áparte) A quantas cousas me obriga
esta louca sem cautella! (sae)

SCENA IV

BERTHA, FERNANDO *e* HELENA

BERTHA

Eis a casa, agora resta
dizer que a dama inexperta
tendes ali descoberta.

FERNANDO

Quem viu dita egual a esta!

HELENA

Decerto estaveis, senhor
Fernando, muito olvidado
de que iria meu cuidado
a buscar-vos.

FERNANDO

Meu temor,
confesso, pois que a esp'rança
d'esta ventura perdi,
que sempre andar juntas vi —
fortuna e desconfiança.

HELENA

Ainda que hoje podera,
pelo gosto de fallar-vos,

a esta casa chamar-vos,
jámais de certo o fizera,
se não tivesse a accusar-vos
um descuido contra mim.

FERNANDO

Contra vós, senhora?...

HELENA

Sim...
de que vou já perdoar-vos.

FERNANDO

Se vós mesma desculpaes
minha insensata imprudencia,
que foi uma inadvertencia,
bem desejo que o digaes,
por não tornar a incorrer
no descuido em que me achastes.

HELENA

A quem hoje começastes
nosso encontro a descrever,
que estorvou uma creada
o conto?...

FERNANDO

Já vos intendo
e não quero, nem pretendo

satisfazer-vos em nada;
porque, mulher que de mim,
onde não sou conhecido,
ha tanta noticia obtido;
mulher que se esconde assim,
de um homem de quem eu sou
amigo; mulher que tem
creada em casa, que vem
com as novas que lhe dou...
Callando, tudo vos digo;
nunca estes umbraes entrasse,
porque antes que vos amasse
era de Felix amigo.

HELENA

Heis sem duvida pensado,
pelas novas que vos dou,
que amada por Felix sou;
pois estaes muito enganado...
E o que vos digo heis de crer,
porque não mente quem ama;
não sou eu a sua dama
nem o posso vir a ser.

FERNANDO

Se os principios me negaes
mau argumento fazeis.
Por quem meu nome sabeis

e assim informada estaes?
Por quem pois, haveis sabido,
o que entre os dois, isolados,
escondidos, retirados,
a tal hora ha succedido?

HELENA

Porque emfim se conclua
quanto a recear vos obriga,
dir-vos-hei que sou amiga,
da que elle ama e quer por sua.
Ha pouco, estando commigo,
de Felix e em vós fallou,
e que ereis d'elle, affiançou,
o seu mais intimo amigo;
e inda que é nobre e sincero,
nunca em ninguem melhor cabe
do que n'aquelle que o sabe,
um segredo; e assim espero,
que a Felix o não direis,
occultando os meus signaes,
nem que vos vi, lhe digaes,
nem que esta casa sabeis;
por que me levam, senhor,
em tal suspeita, se é crida,
hoje a paz da minha vida
e a honra, que inda é peior!

FERNANDO

Bem conheceis que ha cessado
do meu receio a rasão,
e antes maior confusão
é a que me haveis deixado;
por que, se não sois...

SCENA V

Os mesmos, CLARA *e depois* LAURA

CLARA

Senhora...

HELENA

Falla.

CLARA

Meu amo e senhor,
vem já ahi no corredor.

HELENA

(a Clara) Só isto faltava agora!
Fal-o sair.

CLARA

Não, que vem
pela porta que elle entrou;
leval-o á outra não vou,
pois sabel-a não convem.
Eil-o ahi já...

HELENA

Que farei?

CLARA

Esconder-vos é forçoso,
n'esse quarto.

FERNANDO

Receioso
estou.

HELENA

Entrae.

FERNANDO

Sairei?

HELENA

Santo Deus!

FERNANDO

(esconde-se no quarto e entra Laura e Bertha) Estou perdido!

HELENA

Mata-me a dor d'esta pena!

LAURA

(entrando) No primeiro furto, Helena,

vê que nos hão surpreendido...
Em que de apuros me hei visto!

HELENA

Quem podia prevenir
quão cedo havia de vir
teu pae?

SCENA VI

HELENA, LAURA, BERTHA, CLARA, FABIO *e* FERNANDO
(escondido)

FABIO

Clara, então que é isto?
Sós com esta porta aberta!
vamos, tratae de explicar-me...

LAURA

Veio Helena visitar-me
e como esta porta acerta,
fronteira á de sua casa,
mandei-a abrir, ella entrou,
e cerrada assim ficou.

CLARA

(áparte) Esta patranha faz vasa!

FABIO

Desculpae, formosa Helena;

como vae a luz do dia
já fugindo, não vos via.

LAURA

Receio bem d'esta scena!

CLARA

(áparte) Que confusão! (sae)

BERTHA

(áparte) Que temor!

HELENA

Havendo agora sabido
quanto Laura ha padecido,
vim com meu disvello e amor,
a ver se acazo mereço
do mal a causa escutar
e as tristezas consolar.

LAURA

(a Helena) São tantas de que padeço,
que inda mais augmenta a dor
o remedio prevenido;
e penso que has conseguido
tornar a magua maior,
pois aggravou teu remedio
este accidente.

FABIO

Não sei
que diga, nem acharei
cura a seu enfado e tedio.
(gritando para dentro) Tragam-me luzes d'ahi.

SCENA VII

Os mesmos, FAUSTINO *e* CLARA

que entra com luzes que põe sobre as mesas

CLARA

Prompto, as luzes ahi vão.
Mais de oito horas já são,
na torre ha muito as ouvi
e tarde bastante é já
para voltarmos agora,
sós a casa, em tão má hora.

HELENA

(a Laura) Pena o deixar-te me dá,
Laura, com este cuidado;
mas não me posso esquivar.

LAURA

(a ella) E eu venho emfim a pagar
as faltas que has praticado!

HELENA

(áparte) Que farei? Pobre de mim!
(alto) Dá-me licença.

FABIO

Eu irei
acompanhar-vos.

HELENA

Não sei
porque me tratas assim!
a Fabio) Ficae, senhor...

LAURA

(baixo a ella) Melhor é
leval-o, e sair d'aqui
esse homem que fica ali.

FABIO

Isso não...

HELENA

Por minha fé,
que muito me honraes; teimar
com tão fina cortezia,
era audacia e grosseria.

FABIO

Se o meu braço qu'reis tomar...

Agora já não replico
e acceito grata o favor. (dá o braço, a Fabio e sae; Faustino e Bertha seguem-os.)

SCENA VIII

LAURA *e* CLARA

LAURA

Ó Clara, ha pena maior
do que a pena com que fico?
Quem ha de crer, que encerrado,
um homem que não conheço,
ali tenho? E se appareço,
ficará desenganado
de que Helena lhe ha mentido
quando aqui viver dizia.

CLARA

Esse apuro que eu temia,
o ter meu amo saido,
fez dar-lhe um prompto desterro.
Retirae-vos pois, sahi,
que eu vou tiral-o d'ali,
sem que elle possa, do erro
em que está, desenganar-se;
e sem vos ver, sahirá,
que em quanto a ella...

LAURA

Isso já
deve á pressa effectuar-se.
Abre a porta; espera, sentes?
Pareceu-me ter ouvido
na outra sala ruido.

CLARA

Já são dois inconvenientes.

SCENA IX

Os mesmos e FELIX

(que entra cautelosamente)

FELIX

(a Laura) Apenas a sombra fria
desdobrava o negro veu,
capa que á noite servia
para disfarçar o ceu,
viram-me em frente, onde moras,
as estrellas, que o desejo
anticipa tanto as horas,
que antes que passem, me vejo,
na rua o tempo gastando,
e que então me não fugia.
Vi minha irmã, que sahia
d'esta casa, caminhando

com teu pae, que a acompanhava;
logo a entrar aqui me atrevo
e a fazer pazes, buscava
o prazer que não descrevo.
Louco, em tão feliz contento
não quiz sequer dilatar
um só instante, um momento,
de te ver, de te fallar.

LAURA

Fizeste mal; de um pesar
apenas me salvas, quando
um outro vaes preparando.
Tanto podia tardar —
nem sei se a fallar acerto, —
em ter a casa voltado,
que affoito, atrevido e ousado,
entraste aqui, mas incerto
do instante em que pode agora
vir meu pae . .

FELIX

Olha, só quero,
que saibas Laura, que espero
no parque a bemdita hora
de te fallar; medo tenho,
me digas, que de outra parte

chego e procuro enganar-te,
quando a ver-te ancioso venho.
Vou-me e logo fallaremos.

LAURA

Vae-te sim; escuta, olha;
mal que meu pae se recolha,
volta, que dizer teremos
com mais vagar. Já não posso
com tanto susto: ai! de mim!
De tudo suspeita emfim;
ai! que cego amor o nosso!
Essa falsa porta, ao centro,
mal entra, teima em fechar;—
(áparte) digo isto por segurar
o passo ao que está lá dentro;—
(alto) e n'estes dias, severo,
entra e sae com taes rigores...

FELIX

Por te affastar os temores,
vou-me e ali no parque espero.

FABIO

(dentro) Tragam-me cá baixo a luz.

LAURA

Eil-o ahi já.

CLARA

Dito e feito!

(pega n'uma luz e sae)

FELIX

Se esta porta com effeito
fechou á chave...

LAURA

(áparte) Jesus!

FELIX

Não ha por onde escapar;
e só n'aquelle aposento
posso esconder-me. (vae a entrar no quarto onde está Felix e Laura se lhe põe adiante.)

LAURA

Um momento!
Aqui, não.

FELIX

Pois hei de entrar.

LAURA

Nunca!

FELIX

Porque!

LAURA

É aqui
que está meu pae escrevendo
até alta noite, e lendo.

FELIX

(espreitando pela fechadura) Mentindo me estás; bem vi
um vulto empurrando a porta,
ou a sombra que o recorta!

LAURA

Olha...

FELIX

Não tenho que ver!
Já nada receio.

LAURA

Ouviste
a voz de meu pae?

FELIX

Ai! triste!
Que hei de em tal caso fazer?
Se á offensa não resisto,
vou a de Fabio aggravar;
se me callo, hei de a tragar!

FABIO

Vós aqui, Felix! Que é isto!

LAURA

(áparte a Felix) Vê que és nobre e cavalheiro,
pensa bem o que fizeres,
que honrando sempre as mulheres
te honras sempre a ti primeiro

FELIX

(baixo a ella) Irei pois dissimular
offensas que se accumulam,
se zelos se dissimulam!
(alto a Fabio) Minha irmã venho buscar,
que ao abrigo hospitaleiro
estava entregue.

FABIO

N'est'hora
em casa a puz; venho agora
de servir-lhe de escudeiro.

LAURA

D'isso mesmo qué dissestes
foi já por mim advertido.

FELIX

Fico á honra agradecido
que hoje a minha irmã fizestes.

FABIO

Em casa já vos espera.

FELIX

(áparte) Que farei n'esta anciedade?
demorar-me; é leviandade,
se o deixasse em paz, fizera

de cobarde; alborotar
esta casa, é demasia;
esp'ral-o, como faria
as duas portas guardar,
estando eu só? Se Fernando,
meu amigo dedicado,
me tivesse acompanhado...
Vou no remedio atinando.
(alto) Guarde-vos Deus.

LAURA

(áparte) Que tormento!

FELIX

(áparte) Em verdade, hei de ver hoje,
quando a fortuna nos foge
se ajuda o atrevimento. (Felix faz um cumprimento para sair; Fabio chega até á porta com elle, e Clara pega depois n'uma luz, e Fabio em outra).

FABIO

Allumia, Laura, é justo
que me vás acompanhar,
pois tenho a sós de fallar
comtigo.

LAURA

(áparte) Ceus! outro susto!
Que terá elle a dizer?
Em que irá parar tudo isto? (saem)

SCENA X

CLARA, *que entra com a luz, depois* FERNANDO

CLARA

Foi n'um relance imprevisto,
mal a escada ia a descer,
que o hei de vista perdido!
Eu bem lhe conheço o intento,
que é dar volta n'um momento
ao parque: porém, sahido,
primeiro o outro terá
que este lá chegue; ali fóra,
com Laura, meu amo agora,
fallando, entretido está.
(indo á porta; a Fernando) Sahi ou ficaes perdido;
não ha que esp'rar, pois me atrevo
por vós...

FERNANDO

Sei quanto vos devo.
Inda que pouco hei ouvido,
n'este inferno que me abraza;
chegando-me as vozes mortas,
percebi inda entre portas
os empenhos d'esta casa!

CLARA

Vamos, vamos.

FERNANDO

Que apressada!

CLARA

(áparte) O que eu quero é vel-o fóra,
succeda depois embora
matarem-se os dois na estrada. (apaga a luz e sae com elle)

SCENA XI

FELIX *e depois* LAURA

FELIX

Em um esconso pequeno
que no vão da escada achárà,
primeiro que a luz baixára,
morto dos zelos que peno,
pude ficar encoberto.
Sair inda o não fizeram
e sabendo que o esperam
não se atreverão de certo.
O projecto que hei traçado
ao meu infortunio attento,
é trazel-o n'um momento
para a rua, disfarçado
em servo, a quem sem pudor
com oiro peitaram já.
(chegando-se á porta) Eis a porta; e aberta está!

(mudando a falla) Sahi-vos d'ahi, senhor.
Segui-me, seguro estou.
Não me respondeis? Que é isto?
a sua voz) Callais-vos! sabei, por Christo,
que arrancar-vos dentro eu vou! (entra)

LAURA

ntrando com luz) Meu pae, só quiz prevenir
que parte cedo ámanhã
p'ra o seu casal da Louzã
e talvez não possa vir.
Volto pois ao meu cuidado.
Clara, onde estás? Todos, creio,
que fugiram com receio
e sosinha me hão deixado
no perigo. E' mais que certo.
Ninguem apparece! ai triste!
Quem a taes golpes resiste?
Que farei eu n'este aperto?
Felix passeia na estrada
e o outro occulto inda ali!
Mudo affronte agora aqui,
já que estou desenganada.
Arrisque embora a Helena
já que me arriscou primeiro.
(para a porta) Vamos, sahi, cavalheiro,
que a tanto p'rigo condemna

uma imprudente mulher!
Não vos espanteis de ver-me.

FELIX

Como poderei tolher-me
ao espanto de te ver,
Laura?...

LAURA

Crê, por minha fé!...

FELIX

Que mudança!...

LAURA

(aparte) Não resisto!

FELIX

Tão falsa!

LAURA

Ai! meu Deus! que é isto?

FELIX

Sabes, Laura, o que isto é?
Se é que eu a dizel-o acerto!
Os desenganos que dão
ao que foi crente, ciumes...
porém minto, são cardumes
de aggravos, ciumes não! (passeia e Laura segue-o)

LAURA

Meu Felix... (áparte) Eu desespéro!
(alto) Meu bem, minha vida, pensa...

FELIX

Maldita! depois da offensa
que me queres?...

LAURA

Que te quero,
nada mais.

FELIX

N'este momento,
já que o dizes, será crido;
porque, não tendo escondido
um homem n'esse aposento,
nem affirmando que estava
vedado o passo por este;
e se por fim, não vieste,
fallar-me, quando eu pasmava
com o que hei visto... que vi?...
Nada digo e nada intendo,
por que estive defendendo
o teu nome e honra aqui,
quando tu... ai! Laura, adeus!

LAURA

Detem-te, que me has de ouvir
ou não te deixo sair.

FELIX

Depois dos aggravos teus?...

LAURA

Sim, que podem ser mentira.

FELIX

E' mentira o que estou vendo?

LAURA

Que viste?

FELIX

O rosto escondendo,
um vulto, ali dentro vira!

LAURA

Algum creado seria.

SCENA X

Os mesmos e CLARA

CLARA

(sem ver Felix) Socegue, minha senhora,
não tenha receio agora,
já lá vae... Virgem Maria! (vendo Felix)

FELIX

Era então algum creado?...

CLARA

(áparte) Como poude aqui entrar?...
Não sei, nem posso fallar!

FELIX

Serei eu d'isto culpado?...

LAURA

Tanto te estimo e te quero,
que inda não quero dizel-o,
pois mal te fica sabel-o.

FELIX

Uzo é fingir de sincero
um culpado, oppondo á queixa
só mysterios; sendo assim,
nosso amor, Laura, deu fim.
Adeus.

LAURA

(detendo-o) Olha, escuta...

FELIX

(desprendendo-se) Deixa...

LAURA

Pois não has d'ir-te.

FELIX

Peor,
que despertarei primeiro
a teu pae, ao mundo inteiro,
dizendo quem és...

LAURA

Senhor!

FELIX

Farás que perca o respeito
aos teus encantos; ninguem
com zelos guardado o tem.

LAURA

(a Clara) Detem-n'o...

CLARA

A elle! um perfeito
mocetão, tão bem disposto!...

LAURA

E foge! assim me condemna!
Hei de seguir-te. Ai! Helena,
a quanto me tens exposto! (segue-o)

(cae o panno)

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO III

Sala em casa de Felix — portas lateraes e uma outra falsa. — Mobilia da época

SCENA I

FERNANDO *e* BENEDICTO

BENEDICTO

(vendo entrar Fernando) Que tendes? Esta demora...

FERNANDO

Não sei dizer o que tenho.

BENEDICTO

D'onde vindes a tal hora?

FERNANDO

Nem eu sei já d'onde venho!

BENEDICTO

Depois de haverdes sahido
sem mim, quando eu sempre saio
a seguir-vos como um raio...
colerico e enraivecido,
pallido a casa voltaes,
quasi manhã!

FERNANDO

Não me mates,
nem digas mais disparates.
A mala arranjar me vaes,
pois quero inda hoje marchar;
e em quanto não chega a hora,
entra e vê no quarto agora
se a Felix posso fallar.

BENEDICTO

Ainda a casa não veio
posto que haja amanhecido;
e toda esta noite, creio,
que passou sem ter dormido..

FERNANDO

Feliz d'elle, que ha tratado
doce paz com sua dama,
que é o abrigo de quem ama!
E eu infeliz, que hei topado
estorvos...

BENEDICTO

Que aconteceu?...

FERNANDO

Contar-t'o já vou, mas rogo
que não me interrompas logo.
Aquella dama, de veu,
n'uma carta me avisou
que me dava em casa entrada.
Acceitei logo; a creada,
pelo parque me guiou;
levou-me á sala em seguida,
onde encontrei o portento
que vira ao pé do convento,
tão bella como entendida.
O que te digo, é bastante;
porem no primeiro lance,

fez-me constar de relance
certo enfado extravagante,
e eis que o pae sobe as escadas.
Metteu-me n'um aposento
onde depois de um momento,
e algumas fallas trocadas
de que pouco ouvi ou nada,—
mesmo apesar d'affastado,
escondido e retirado,
e a porta sempre fechada,
vago sussurro escutei
que as palavras confundiu!—
Um homem a porta abriu
e a minha espada empunhei;
mas logo, no mesmo instante,
o fecho senti correr,
sem poder notar nem ver,
gesto, figura ou semblante!
E n'isto scismava, quando,
triste, confusa e turbada,
outra mulher, á estrada,
veio conduzir-me, instando
que Felix, por causas varias
de nada fosse informado.
E eu de duvidas cercado
e de suspeitas contrarias,
n'esta lucta complicada

nem sei já que hei de fazer;
pois se a Felix esconder
a verdade, e acreditada
a suspeita, eu lhe não digo,
que ella o trahiu... é ingrata
correspondencia que mata,
ser seu hospede e inimigo!
E se este caso lhe explico,
e outra estivesse commigo,
confiada e crente, se o digo,
maior infamia pratico.
E entre esconder e fallar
o passo que mais convem,
já que dois damnos me vem,
é um ou outro evitar.
A Felix acção ingrata,
calando, não faço, intende;
nem o que se diz offende
essa dama. Logo, trata
de arranjar a roupa. Exulta,
que antes do sol despontar,
com a rasão que hei de dar
de ter baixado a consulta,
partirei antes da calma,
embora em Mafra florida,
deixe n'um engenho a vida,
e na formosura, a alma.

BENEDICTO

É resolução honrada!

FERNANDO

Por que não canças e approvas,
dou-te o fato e as botas novas
com que fiz esta jornada.

BENEDICTO

Vossas mãos, agradecido,
beijo senhor, inclinado;
não tanto pelo vestido
que é de valor estremado,
como por feito ser dado.
Mais se eleva quem a roupa
d'esta sorte me quer dar,
tendo a mercê de escutar
o que um fato prompto poupa.
(Mudando alternativamente de voz) — Senhor mestre, quantas varas
de fazendas são precisas
para mim? — Fazendas lisas
sete dão, mas das mais caras. —

Seis e meia, bem medido,
sobram retalhos. — Que o faça,
e eu torça um pé por desgraça,
se ficar largo e comprido. —
E tafetá? — Oito. — Sete
hão de ser. — Não tire nada
de sete e meia. — E collete? —
— Quatro. — Não. — Se uma pol'gada
faltar, mau vae. — Seda, quantas? —
— Tres onças, trinta de lã. —
— Bocaxim, tela mais sã? —
— Tres varas. — Lona? — Outras tantas. —
— Botões? — Chegam dusias... trinta. —
— Trinta?! — Sim, e é pela rasa.
Linhas, fio, bolsos, cinta...
vamos com tudo isto a casa.
(pondo-se firme) Bem direito, em frente encare,
junte os pés, firme se faça;
estenda o braço... — Repare
que não vou bailar! — Que graça
ha de ter o calção! — Quero
o gibão ancho de espaldas,
bem derribadinho o espero,
mas redondito nas faldas. —
— Conta ao galão não fazia
que ha de ser nas abas posto. —
— Pois compre-o. — Com muito gosto.

Ah! sim, tambem me esquecia...
entretelas. — D'este usado
ferragoulo m'as fará. —
— Em breve vae ser cortado. —
— E quando prompto o dará? —
— Sexta-feira, e não me empate;
venha ás nove. — E as tres ouvia!
Como tarda este alfaiate!
Senhor mestre, todo o dia
em casa o estive esperando.
— Umas anagoas á pressa,
com pressa estou acabando,
porque m'as pedem depressa;
e como levam mil pannos,
inda não pude acabal-as;
como ha de sem taes enganos
viver quem vive entre talas!
— Ah! mestre, saiu mui sêcca
esta obra. — Remolhae-a. —
— E angusto o calção, co'a breca! —
— A obra é de panno, usae-a
que em breve dará de si. —
— Este roupão ficou ancho!
— Pois olhe, não o desmancho
porque ha de minguar d'aqui,
que estas fazendas d'Hollanda,
encolhem e dão, verá,

conforme o alfaiate o manda. —
— Curto o ferragoulo está! —
— Tapa mais de meia liga
e ao uso assim fica bem. —
— Quanto devo? — Pouco. — Diga.
— Vinte do calção, e cem
do roupão; mangas, quarenta,
vinte e cinco do corpete,
sejam quinze do collete,
do ferragoulo, cincoenta,
dez tambem da abotoadura,
e cinco de cinta e mantas,
miudesas de costura,
vinte e tantas... — E outras tantas
impertinencias sem geito,
que embora fique ou me vá,
quem um fato me dá feito,
melhor presente me dá. (sae)

FERNANDO

Que loucuras! quem tivera
essa alegria, e de quantas
angustias fugir podera,
de tantas penas, de tantas
suspeitas e confusões!
Essa mulher me incommoda,

com seus mysterios; e toda
recatos e prevenções,
vae-me occultando a verdade!

BENEDICTO

(voltando) De dizer venho á creada
que quero a roupa emmalada,
pois volvemos á cidade.

FERNANDO

Deus antes de tempo quer,
por mais enganos que encerrem,
que de Mafra me desterrem
os ardis de uma mulher.

SCENA II

Os mesmos, HELENA *e* BERTHA, *de veos, ficando esta ultima á porta*

BERTHA

Vède o que intentaes.

HELENA

Por mim,
calla-te; não quero dar-te

ouvidos. Sempre hoje parte,
Fernando?

BERTHA

Parte hoje, sim!

HELENA

De que te admiras, ouvindo,
que louca amor me tornou?...
Laura lhe disse quem sou
e de mim se vae fugindo.

BERTHA

Mas que esp'raes se o sabe já?

HELENA

Vou fallar-lhe francamente,
pois se ainda está auzente
meu irmão, já não virá
até que lhe levem capa
e seja noite fechada.
Bertha, vigia essa entrada. (Bertha sae)

SCENA III

Os mesmos excepto Bertha

Fernando

(sem a ver) Vê lá se Felix te escapa...

Benedicto

Felix não, mas avistei
essas mysteriosas damas...

Fernando

Que dizes?

Benedicto

Ecce quam amas

Helena

Partir, Fernando!... Não sei
o que tal acção me prova,
sem despedir-vos sequer,
descortez, de quem vos quer...

FERNANDO

Tão cedo tiveste nova
da minha partida?...

HELENA

É má,
por isso me não tardou!

BENEDICTO

De noite ao demo fallou,
por isso informada está!

HELENA

D'isto infiro — eis-me turbada! —
que estaes de mim instruido;
mas se este caso, sabido,
vos anticipa a jornada,
ide pois; mas hei de achar
que a causa em nós, veio a ser,
impossivel de dizer
e impossivel de callar.

FERNANDO

Nada intendo, e mais não sei
de vós, com toda a verdade,
do que por vossa bondade
em confidencia escutei.
E antes a desconfiança
que de mim fazeis, me obriga
a ir-me...

BENEDICTO

(deitando a cabeça á porta) Cesse a cantiga.
Vem Felix...

HELENA

(áparte) Foges-me, esp'rança!

FERNANDO

Que vos afflige e embaraça?
Estaes commigo...

HELENA

É verdade;
por minha fatalidade,

sempre a augmentar-me a desgraça,
esta com outras vae dar,
combatendo o nosso amor!
Pois sabei quem sou... senhor,
nada vos posso contar.
A minha vida vos fica
entregue; guardae-a, — adeus, —
que eu aqui me escondo. (entra na porta falsa)

FERNANDO

Ceus!
Meus receios justifica!
A quanto me expõe, aonde
me arrasta do amor a chamma!
E' de certo a sua dama,
pois d'elle foge e se esconde!

SCENA IV

FERNANDO, FELIX *e* HELENA

FELIX

Fernando.

FERNANDO

Que tens, meu velho amigo?

FELIX

Tenho um pezar
que venho desafogar
comtigo; dá-me um conselho.

FERNANDO

Se toda a noite has andado
por fóra... vae-te d'aqui; (a Benedicto que sae)
promptamente percebi
que terias celebrado
as pazes com tua dama;
mas já tão cedo me vens
com esse pezar que tens?

FELIX

Sim, que um mal outro mal chama.
Bem mostraram teus conceitos
quando fallaste dos zelos,
que seus mofinos desvelos
e seus mais tristes effeitos,
eram tão outros, sentidos,
que dados, quanto se off'rece
entre o que os dá e os padece;
pois que soffrem meus sentidos

o damno que antes fizeram!
Zelos! quem sempre os causára
E nunca os exp'rimentára!

FERNANDO

Pois como e de que nasceram?
(áparte) Vejo agora que ha seguido
essa dama; e assim, a tel-os,
são d'ella e de mim.

HELENA

(áparte) Os zelos,
só do meu erro hão nascido.

FELIX

Todo rendido cheguei
onde, ai, de mim! satisfiz
com os extremos que fiz
os prantos que derramei,
as mal fundadas suspeitas
que ha muito contra mim tinha,
formosa inimiga minha.
E quando já satisfeitas
estavam, e que eu esp'rava
dos tormentosos rigores

colher o fructo em favores,
do lugar em que a aguardava
em seu jubilo e contento,
n'um grande apuro me vi,
e a porta de um quarto abri.—
—Mal haja meu soffrimento!—
achei ante os olhos meus
um vulto d'homem por fim!

FERNANDO

(áparte) Que era elle, vejo, e a mim,
não me viu, graças a Deus!

FELIX

Mal haja, que não ousei
inda que seu pae viesse,
e a honra ali lhe expozesse,
matar o heroe que encontrei.
Pude ficar escondido
com intenção de volver
a buscar o amante, e ver
quem era.

FERNANDO

Pois has sabido?...

FELIX

Não, que em breve uma creada
logrou tiral-o d'ali;
logo atraz d'elle sahi,
mas não pude ver mais nada.
E eis que até ao meio dia,
toda a manhã tenho estado,—
vê tu que nescio cuidado!—
pensando que volveria.
Haverá no mundo quem
exp'rimente a dor que eu tenho,
quando a sentir assim venho
zelos sem saber de quem!

FERNANDO

(áparte) Justamente aconteceu
tudo quanto imaginei;
quem era a dama, já sei,
o encarcerado, fui eu.
Deu-me os signaes; mas supposto
não saber a quem topou,
nem que ella aqui se occultou,
deixe um termo a tudo posto
minha ausencia, pois assim
uso com toda a cautella;

ter não ha de aggravos d'ella,
nem terá queixas de mim.

FELIX

Fernando, estás perturbado?—
Conselho me não dispensas?—

FERNANDO

E' que me tens admirado
ainda mais do que pensas.

FELIX

Que farei pois?

FERNANDO

Esquecer.

FELIX

Ai! posso eu fazel-o agora!

BENEDICTO

(á porta) Uma senhora, ali fóra,
tem muito que vos dizer.

FELIX

Já o tinha presentido;
Fernando, não quero vel-a.

FERNANDO

Primeiro vê bem se é ella.

SCENA V

Os mesmos e LAURA *de veo*

FELIX

De mais estou convencido;
é ella, e por conclusão,
que eu creia agora deseja,
que tudo mentira seja.

FERNANDO

(áparte) Temos outra confusão!
Se é esta a que Felix ama,
e em cuja casa appar'ceu
um homem, e este fui eu,
quem é pois ess'outra dama?!

LAURA

Supplico, Fernando, e espero

que d'aqui vos ausenteis,
e com Felix me deixeis,
porque a sós fallar-lhe quero.

FELIX

Quem te diz que accederei
ao que pretendes de mim?

LAURA

Por Deus, deixae-nos.

FERNANDO

Pois sim,
vou-me e em breve voltarei.
(áparte) Força é deixar encerrada
a outra ali dentro agora;
se esta é a que elle adora,
é a outra a minha amada. (sae com Benedicto)

SCENA IV

LAURA; FELIX *e* HELENA *(occulta)*

LAURA

Já que só estamos, vê,
a quanto me arrisco assim;
passo a dizer-te a que vim,
escuta-me:

FELIX

Para que?
Pertendes, já sei, mostrar
que uma illusão me enganou
em tudo que se passou!
Se assim m'o queres provar,
não tens que dizer, já vês,
nem eu tenho que saber.

LAURA

Mas se nada pode ser,
senão tudo isso ao revés!

FELIX

Como?

LAURA

Escuta.

FELIX

Ir-te-has porém,
se te ouvir?

LAURA

Sim.

FELIX

Pois sê breve.

LAURA

Negar que um homem esteve
n'aquelle quarto...

FELIX

Vaes bem...
E' estylo de obrigar,
maneira de convencer,
tal infamia vir dizer
quando contava escutar
grata fineza amorosa,
uma desculpa cortez...
Confessas a affronta?... Vês,
como a repetes teimosa
para que a sinta inda mais?!

LAURA

Não me ouves até o fim...

HELENA

(aparte) Lance fatál para mim!

FELIX

Que hei de escutar?...

LAURA

Muito.

FELIX

E saes,
se te ouvir?

LAURA

Sim.

FELIX

Dize, e parte.

LAURA

Negar que um homem estava
n'esse quarto e se occultava,
não o faço; vou contar-te
quem foi que a porta lhe abriu.

Porque hei de mentir? Foi Clara;
pois negar na propria cara
de quem escutou e viu,
é como o que ao desesp'rado
dá por consolo uma corda.
Julgar aggravo, concorda,
este acaso malfadado,
é crer que uma mancha assombra
a face do sol mais puro,
e a par da minh'honra, juro,
que por mais brilhante, é sombra.

FELIX

Mas esse homem que encontrei?...

LAURA

Não posso dizer quem era.

HELENA

(áparte) Que sorte, meu Deus, me espera!

FELIX

Mas porque?

LAURA

Por que não sei.

FELIX

Que fazia occulto assim?

LAURA

Ignoro tambem.

FELIX

Então,
em que dás satisfação,
dize?

LAURA

Em não saber.

FELIX

Ai! Sim!
Desculpa, é não o saber,
delicto, esconder quem é;
mas digo, por minha fé,
que é astucia não dizer
d'um erro a verdade e a culpa.
Como vencer deixarei
o que sei, ao que não sei?
Ai Laura, não tens desculpa.

LAURA

Que tormento isto me dá.
Inda que o possa dizer,
tu não o deves saber.

FELIX

Outra vez me has dito já
isso mesmo, e então jurei
nunca mais o acreditar;
e hoje aqui me has de contar
a verdade...

HELENA

(á porta) Que farei
n'este apuro inda maior?
Por desculpada se ver
vae-me deitar a perder.

FELIX

Nada me fica peor,
que uma suspeita...

LAURA

Pois vê.

(como quem vae para contar o caso)

HELENA

(á parte) Para que o caso não diga,
d'astucia a usar me obriga;
amor, ventura me dê,
como atrevimento dá.

(passa por diante de Felix de veo cahido e como que fazendo-lhe negaça; elle quer seguil-a e Laura o detem.)

(detendo-o) Traição cruel me renovas! (sae)

FELIX

Que é isto?

LAURA

Faz'-te de novas.
bem sei...

FELIX

Consente que vá
seguil-a a ver se a conheço.

LAURA

Que eu te deixasse, quizeras,
pois desculpar-te poderas
dizendo: — bem t'o mereço! —
que me largaste, buscando
seguil-a! Tal não farás. (detendo-o)

FELIX

Que és Laura, injusta, verás;
morra triste e miserando
se eu sei que mulher é esta.

LAURA

Não sabes?... Vou-te informar;
foi Julia que vi passar,
pois que duvida te resta?...

FELIX

Julia, não; por minha fé,
quem era, ignoro,

LAURA

Vaes ver:
Desculpa é não o saber,
só culpa sabel-o é!...
Se isto á duvida me arrasta,
como vencer deixarei
o que sei ao que não sei?...
Adeus, Felix.

FELIX

Se não basta
o desengano que vês,
o que tu, Laura, não crês,
hei de eu crer n'este momento?

LAURA

Por mim, só digo a verdade.

FELIX

E um homem, foi falsidade,
mettido em teu aposento?

LAURA

E esta mulher, que ha de ser?—

FELIX

Não sei.

LAURA

Nem eu quem elle era.

FELIX

Sabes, que ha pouco, sincera,
quasi o chegaste a dizer.

LAURA

Pois calando me hei de eu ir
sem me explicar d'esta vez
com homem tão descortez.

FELIX

(detendo-a) Laura...

LAURA

Deixa-me sair.

FELIX

Vae-te, que é lance cruel
o ter de rogar queixoso.

LAURA

Fica-te, que é mais penoso
levar traições de infiel
quando vim trazer finezas.

FELIX

Que bem desculpado estou!

LAURA

E eu por não menos me dou.

FELIX

E a par de taes gentilesas
em teu quarto um homem ver! ..

LAURA

Uma mulher encontrar!...

FELIX

Se isto meu Deus é amar...

LAURA

Se isto meu Deus é querer...

FELIX

Ai! permitta o ceu tambem...

LAURA

Castigar o ceu permitta...

FELIX

Qual faz do outro a desdita!

LAURA

(saindo) E o confunda!...

FELIX *e* LAURA

Amen, amen!

FELIX

Vou-me ao quarto de Fernando,
quero um conselho d'amigo;
onde irei eu dar commigo
se amparo não fôr buscando!

SCENA VII

HELENA *e* BERTHA

BERTHA

Foi grande ousadia, sei.

HELENA

Como perdida me vi
quando eu a Laura escutei,
que ia a dizer, conheci,

quanto emfim hontem passei;
perturbar-lhe a narração
tentei com tão louca acção,
que ao ser mister um pesar,
tive eu de me aventurar.

BERTHA

Isso é verdade.

HELENA

A rasão
que mais me animou, foi ver
Fernando, que perto andava
suspirando por saber
eu que este caso parava,
por encerrada me ter.
Mas como eu isto sabia,
não temi minha ousadia;
pois se não saisse bem,
em Fernando, ao menos quem
me defendesse, teria.
E emfim, melhor succedeu,
tudo o empenho me excedeu,
pois ao meu quarto passei,
e nos zelos que deixei
o lance mais se envolveu.

De sorte, que nem Fernando
se expoz por mim, disputando,
nem Laura o caso contou,
nem Felix ver-me logrou,
nem já com receios ando.

BERTHA

Famoso acontecimento!
a lição que elle ha deixado
será de aproveitamento.

HELENA

Quando é que deixa escarmento,
Bertha, um p'rigo já passado?
Antes o ter eu sahido
tão bem d'este, me ha movido
a pensar como ha de ser
que eu torne Fernando a ver.

BERTHA

Fugi, que sinto ruido. (Helena occulta-se)

SCENA VIII

BERTHA *e* FELIX *depois* HELENA

FELIX

(a Bertha) Minha irmã corre a chamar.

que venha fallar-me já,
pois aqui ninguem virá
nossas fallas perturbar.

BERTHA

Eu vou, senhor. (sae)

FELIX

Este dia,
bem mal começado vae!
Ao seu abysmo me attrae
a fatal melancolia.
(vendo entrar Helena) Helena.

HELENA

Que novidade
me chama a este aposento?

FELIX

Quer pôr a minha vontade
luz a teu intendimento,
consolo á tua piedade.
Ouve; quando hontem sahiste
de casa de Laura, entrei
ali outra vez, e ai! triste!
vi perfeitamente e achei...

HELENA

Diz, que achaste, diz, que viste?

FELIX

Um homem!

HELENA

Tal póde ser?!

FELIX

Desculpas vinha a trazer
quando uma mulher entrou
e d'esse empenho a affastou.

HELENA

Uma mulher! Tem que ver!

FELIX

Com Fernando estar devia
certamente; e elle em despeito,
presumindo que offendia
de minha casa o respeito,
disse que nada sabia.

Que a tal ponto me exaspere,
Laura, zelosa, me obriga!
E por mais que lhe pondere,
não crê que a verdade eu diga,
e queixa-se, accusa e fere!
Eu, por não dar a torcer
meu orgulho e sentimento,
não a quero ouvir nem ver;
desejo porém saber
qual o seu comportamento,
para o que ha imaginado
um ardil o meu cuidado.

HELENA

Pois diz, que me interessa ouvir.

FELIX

Minha irmã, has de fingir
que um dissabor, um enfado,
nos fez separar; pensei,
já que a ouvil-a não me emprasa,
que vás para sua casa
onde uma espia terei
n'esse inferno que me abrasa.
Alerta sempre estarás,
que em pouco tempo verás,

quem é pois esse embuçado
e em segredo e com cuidado
de tudo me informarás.

HELENA

Inda que deva hesitar,
hoje irei.

FELIX

Hoje sahiu,
ámanhã; que por mostrar
quão pouco meu mal sentiu,
ou qu'rer dar-me outro pesar,
no parque me disse agora.
ir pr'a Cascaes sem demora.

HELENA

Irei então ámanhã...

FELIX

A vida me dás, irmã,
quando estou da vida fóra. (beija-a e sae)

HELENA

Ha cousa como chegar

n'este favor que implorou
meu desejo a confirmar?...

BERTHA

(entrando pela porta secreta) Custou a sair, custou...
No quarto, farta de esp'rar,
vossa amiga está, senhora.

(faz um gesto á porta e entram Laura e Clara).

SCENA IX

LAURA, HELENA, BERTHA *e* CLARA *que se encarregam de vigiar as entradas*

HELENA

Laura, aqui por esta hora!

LAURA

Não te espantes d'isto, amiga,
que a tanto um pesar obriga.

HELENA

Quem duvida? quem o ignora?

LAURA

Da sorte que te servi,
hontem, só por te valer,
venho a valer-me de ti.

BERTHA

E d'hoje a hontem, aqui,
o que foi, se pode ver!...

LAURA

O homem que deixaste, amiga,
em minha casa escondido,
foi por Felix surpre'ndido.

HELENA

Jesus!

LAURA

Pouco tem que eu diga
quando e como isto foi, posto,
que bastava ser desdita,
para que logo a maldita
me evitasse este desgosto;
a que deixe de attender
a ser eu quem sou, me obriga,
e eis-me em tua casa, amiga,
só para o satisfazer.
Quando hoje a fallar-lhe vinha,
antes que eu lhe apresentasse

desculpa que não tocasse
tua opinião, nem minha,
uma mulher que sahia
d'um quarto, que estava perto,
e que era Julia de certo...

BERTHA

Pois nem outra ser podia.

LAURA

Oppoz-lhe aos zelos, ciume!

HELENA

Que ousadia e desconcerto!
Felix, que fez n'esse aperto?

LAURA

Fallou com certo azedume,
e ainda a tentou seguir;
mas não o deixei; perdidas
foram queixas repetidas;
nem as d'elle eu quiz ouvir
nem saber as minhas quiz.
Logo por mostrar que estava

alegre, que me ausentava,
em breve constar lhe fiz.
Ai! quanto a custo da alma
Helena, um triste se anima!

HELENA

Quando á propria dôr se arrima
e nunca o seu pranto acalma!

LAURA

Quiz distrair-me e fugir,
abrigo em Cascaes buscando,
mas faltou-me o valor quando
me resolvia a partir.
Corri n'esses campos; quantas
hesitações me venciam,
vendo que incultas nasciam
flôres delicadas, tantas,
que ellas todas comprimidas,
do vento incerto aos rigores,
cruelmente combatidas,
disputavam seus primores;
quanto á natureza via
na pompa rica e formosa,
na brisa, a voz harmoniosa,
nas florinhas, a alegria.

nos puros cristaes, bulicio,
nos ventos, a suavidade,
nos montes, a variedade,
nos palacios o artificio,
e em todos os campos, riso,
pranto foi, pranto em meus olhos,
por entre este mar d'escolhos,
cheia de zelos!...

HELENA

Preciso
distrahir-te, minha amiga.

LAURA

Sincera, posso dizer-te:—
a quem isto não diverte
bastantemente periga.
Com elle fallar não quero
que é indigno proceder,
triste acção, dar-lhe a intender
meus zelos. Aqui, espero,
usar de astucia imprevista,
se a amizade t'o consente;
e para eu ver propriamente
se Julia em seu quarto habita
o hei de espreitar decidida,

por aquella porta, amiga,
que ao d'elle este quarto liga,
e aonde a tem escondida.
— Mas como em casa faltar?
É justo agora que o digas. —
Responderei, se me obrigas,
que foi a Montelavar
meu pae, a ver uma herdade
onde ficará tres dias.
N'este espaço, bem podias
dar-me abrigo, se a amizade,
como fineza escolhida,
concede acção tão completa,
tão principal, tão discreta,
tão nobre como entendida.

HELENA

Como negar, entre amigas,
Laura, o que me sollicitas,
se tu mesma o facilitas,
se com minha dor me obrigas,
e a propria rasão me accusas?
Só ha um inconveniente;
mas se o vences facilmente,
inutil é dar-te escusas.
Tens a casa ao teu dispor.

LAURA

Mas que receio te agita?

HELENA

Tanto meu irmão te imita
n'essa astucia, empenho e ardor,
— confessemos por desgraça
que somos sempre as culpadas —
que hoje pediu que affectadas
discordias com elle faça
e a ir viver me rogou
em teu lar, servindo ali
de adail ao pé de ti;
se a tua casa não vou
por que tu na minha estás,
dirá...

LAURA

Escuta, o melhor
é que já para maior
certeza, d'aqui te vás;
com este acto de prudencia
ficará então mais certo
de ti, e eu d'elle mais perto.

HELENA

Dizes bem, com minha ausencia
zombar da malicia vou.

LAURA

Como ha de ser?

HELENA

Inexperta!
Dá-me o veo, e dirás, Bertha,
que em casa de Laura estou. (põe o manto de Laura)
(a Bertha) E corre a Fernando já,
de tudo em meu nome o avisa;
guarde a cautella precisa
e a ver-me esta noite vá.
Fica onde possas servir
a Laura; tu, Clara, vem,
pois nos obriga tambem,
trocando as casas, seguir
o mesmo com as creadas.

LAURA

Já tantas ancias te apertam?

HELENA

Mais estas cousas se acertam
por menos imaginadas.

LAURA

Antes que a casa te vás
por ella e minh'honra vela.

HELENA

Olha por minh'honra e d'ella,
que em posse da minha estás;
mas que esp'ranças lisongeiras!
onde isto irá? . .

CLARA

Qu'reis que o diga?

LAURA

Vae parar n'um lance, amiga. . .

CLARA

Que nos case ou metta a freiras!

(Helena e Clara saem pelo fundo. Bertha, Laura entram pela porta secreta)

SCENA X

FERNANDO *e* BENEDICTO *que saem da porta do quarto que lhes está reservado*

FERNANDO

Que papel é esse, diz...

BENEDICTO

O que ha de ser, é, tem sido,
de quanto vos hei servido
conta estreita.

FERNANDO

Que te fiz
e a que proposito agora?...

BENEDICTO

É que eu hoje vou partir
e deixo de vos servir.

FERNANDO

Mas a causa?

BENEDICTO

Quem a ignora?
E' porque andaes estes dias
mui discreto.

FERNANDO

Em que sentido?

BENEDICTO

E' que andaes muito entretido...

FERNANDO

Fugiram-me as alegrias.

BENEDICTO

Não ha de ser tão discreto
meu amo, quando pensar
que não lhe posso guardar
o segredo de um projecto.
Comvosco estaes sómente,
sempre andaes de mim auzente,

comvosco sahis e entraes!
E assim dizer pode alguem,
que se parecem, senhor,
oppostos — dinheiro e amor!
Olhae com quem, e sem quem!
E se a ver-vos aqui vem
a dama — «Sae-te d'aqui.» —
Se ides vel-a: — «Espera ahi,
que me sigas não convem!»
Pois se isto ha de ser assim,
Pelo inferno ou pelo ceu,
para que vos sirvo eu?!
Procurar um amo emfim,
quero agora, mais humano;
e hei de encontral-o melhor,
que nenhum será peor,
seja embora um lutherano,
seja um nescio presumido,
um sabio ou douto afamado,
com engenho um desgraçado,
sem elle, um entremettido,
um poeta de bons ditos
e madrigaes, que sejamos
tanto creados e amos,
tudo em casa Benedictos!
Ou seja um lindo composto
fallando no tom de Horacio,

galanteado em palacio,
peor do que deixo exposto!

FERNANDO

As cousas que se hão passado
publicaram-se infinito,
e inutil é, Benedicto,
de novo ter-t'as contado
para que as conheças; pois
seguir a dama velada,
fallar-lhe mesmo na estrada,
e vel-a em casa depois,
onde emfim me succedeu
caso ao de Felix par'cido,
ao ser por ella mettido
n'um quarto em que me escondeu;
vir aqui ver-me em seguida,
deixar-me desenganado,
e ser outra, haver provado,
de Felix a pertendida;
sair d'aqui tão veloz,
ir-se emfim como ella o fez,
tudo isto é obvio e tu crês,
sem que tenha a minha voz
que o contar; embora queira
não posso dizer, verás,
mais do que tu vendo estás.

BENEDICTO

O' que mulher embusteira!

FERNANDO

Ha tempo que estou pensando
que tudo que ha succedido,
é verdade, e estou corrido
de estar crendo e duvidando
que mulher é esta! Pois,
logo que ser presumia
quem Felix ama, vivia,
sem descorrer; mas depois
que estive aqui só com ella,
de Felix a dama entrou
e emfim me desenganou
que não era a minha bella;
então no empenho prosigo
de saber quem é, sem ter
receios já de offender
a honra do meu amigo,

BENEDICTO

Quasi que posso dizer
quem é.

FERNANDO

Tu?

BENEDICTO

Eu.

FERNANDO

Sim, por fé.

BENEDICTO

Sei com certeza que é!

FERNANDO

Diz, que o desejo saber.

BENEDICTO

Não será enredadora?...
Sei quem é — Nem embusteira?...
Sei quem é — Nem trapaceira?...
Sei quem é — Nem falladora?...
Mesmo a rasão o aconselha
e diz quem é! Ouvi pois:

FERNANDO

Falla.

BENEDICTO

Aqui entre nós dois...

FERNANDO

(impaciente) Diz quem é.

BENEDICTO

Alguma velha!

FERNANDO

Pedaço d'asno!

SCENA XI

Os mesmos e BERTHA *de veo*

BERTHA

Fernando,
ouvi, prestae-me sentido...

BENEDICTO

O' bruxa, d'onde has saido?

FERNANDO

Falla, que estou esp'rando.

BERTHA

A dama de quem, por Deus,
a casa, senhor, sabeis,
pede que hoje á noite esp'reis
que chegue á janella. Adeus. (sae)

BENEDICTO

Bruxa das bruxas tapadas,
ouve...

FERNANDO

Detem-te, onde vaes?

BENEDICTO

Deixae-me, não quero mais
que dar-lhe tres bofetadas
p'ra que as leve á tal senhora...

FERNANDO

Deixa-te d'essas loucuras.

BENEDICTO

Não voltes com taes finuras,
velha astuta...

FERNANDO

Escuta agora:
pois que em breve a noite fria,

da tarde o lindo arrebol,
apressa dizendo ao sol
que se vá e leve o dia,
e já que esp'rando me estão,
dá-me a espada e tu, por mim
aguarda.

BENEDICTO

Que eu fique?!

FERNANDO

Sim!

BENEDICTO

Que espere um judeu, eu não!
Pois á casa onde encerrado
já vos deixaram mettido,
onde ha pae, que anda illudido,
e um amante imaginado,
não heis d'ir só!

FERNANDO

Sim, hei de ir...

SCENA XII

FERNANDO, BENEDICTO *e* FELIX *que entra*

FELIX

Aonde amigo?

FERNANDO

Não sei
como occultar-te pod'rei,
nem tambem como exprimir
os mysterios d'esta casa!
Tens hoje entrevista?

FELIX

Eu, não.

FERNANDO

Nem d'amor qualquer prisão?

FELIX

Não, que o fogo que me abraza,
para augmentar seu ardor
treguas por hoje me ha dado.

FERNANDO

Pois quer hoje o meu cuidado
confiar-te sem temor,
o meu conto, interrompido
apenas o comecei.

Tendo porém conhecido
que te não pode aggravar
de certas causas o effeito,
hoje, d'amor a teu peito,
vou um segredo entregar.
Vem commigo e saberás
por que o tempo não percamos
um caso estranho!

FELIX

Pois vamos,
que grande mercê farás
em mitigar-me essa dôr
que terrivelmente peno,
p'ra que d'amor o veneno
cure a triaga d'amor.

BENEDICTO

E eu, que hei de fazer?

FERNANDO

Esp'rar,
até que a casa voltemos. (saem)

BENEDICTO

Sem ver, paciencia, fiquemos,
nem ouvir! E hei de callar,
quando não tem o servir,
outro gosto, outro praser,
que escutar para saber,
e saber para instruir!...
De tal ventura me priva
por não confiar de mim!
Pois não ha de ser assim,
e em paz Benedicto viva,
em como agora o embaço!
O caso que me occultou
saberei: seguir já vou
de prompto, passo, por passo,
atraz d'elles, embuçado;
por que se eu, como suspeito,
nem o advirto, nem o esp'reito,
para que sou seu creado?! (embuça-se e sae correndo)

(cae o panno)

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO IV

O mesmo scenario do 1.º acto. E' sol posto e vae escurecendo a pouco e pouco.

SCENA I

FABIO *e* PONCIO *detendo-o*

PONCIO

Vamos, animo, que estaes
ao pé de casa, senhor.

FABIO

Poncio, é tão forte a dor
que já não posso andar mais.
Inda que eu, por descansar,
da egua a terra saltei,
e a pé caminhar tentei
um momento, por deixar
co'o exercicio destruido
o effeito da queda; a vida,
já vi mais compromettida
mas sem me achar tão rendido.

PONCIO

Foi providencia, senhor,
por que apenas uma legua
andada, cahiu a egua,
e n'esse estado é melhor
volver-vos a casa, aonde,
curar-vos com mais cuidado
podeis.

FABIO

A dor, d'este lado,
toda á perna corresponde,
que foi a que me ficou
debaixo.

PONCIO

Vêde se o pé
ficou são.

FABIO

O melhor é
subir, pois se eu me não vou,
deixo a pancada esfriar
e então, mau...

Poncio

Dissestes bem,
pois considero tambem
que vos deveis ir deitar.

Fabio

Vamos lá, se isso restaura
minha saude; o receio
de entrar em casa, me veio,
por não dar cuidado a Laura;
pois me estima de maneira
que temo, venha a morrer
se eu d'esta sorte appar'cer
cheio de sangue e poeira.

Poncio

Como filha, claro está
que o sente a pobre senhora.

Fabio

Creio bem que a esta hora
se fechou no quarto já.

Poncio

Oh! de certo...

FABIO

Que, tormento,
ir seu descanso turbar,
sem o poder evitar!
Mas ao seu socego, attento,
batendo leve, entrarei
pela porta principal;
minha prevenção é tal,
que espero, conseguirei,
que do seu quarto distante
não me ouça.

PONCIO

Tratae agora
de vós, já que tudo ignora,
vossa filha.

FABIO

Não te espante
ver-me com tanta firmeza,
que eu em minha senectude,
adoro a sua virtude
como outros sua belleza.

(encosta-se a Poncio e sae dando volta á casa para entrar pela porta do lado da estrada).

SCENA II

FERNANDO, *e* FELIX — *depois* BENEDICTO

FELIX

Muito folgo de te ouvir
este caso singular!

FERNANDO

E para te não cansar,
deixo ainda de ref'rir
as circumstancias do trama.
Já que ella me espera agora,
vae com Deus em boa hora.

FELIX

Dizes-me ir ver uma dama
com risco de scenas varias;
mas se um p'rigo ha que affrontar,
e pedes p'ra me ausentar,
são duas cousas contrarias.
vê que em mau terreno lavras,
pois mais franquesa pedia
um amigo, que aprecia

mais obras, do que palavras.
Vae, logra em paz teu amor,
que até ao romper da aurora
eu velarei aqui fóra.

FERNANDO

Tanta amisade! melhor
fizera em não resistir.

BENEDICTO

(entrando pé ante pé observando) Se como os vejo os ouvira,
promptamente conseguira
o plano seu descobrir.
Vamos... (approximando-se)

FERNANDO

Temol-a tramada!

FELIX

Um homem, por este lado
se não me engano, embuçado
nos segue!

FERNANDO

Puxa da espada.

FELIX

Quem vem lá?

BENEDICTO

Ninguem! Tem graça,
dizer quem vem, a quem pára!

FELIX

Quem sois?

BENEDICTO

Olhae-me p'ra cára.

FERNANDO

Pois passe, se acaso passa.

BENEDICTO

Com esse passe, não passo,
pois no caso em que me vejo
nem passo arredar desejo,
que eu, se em fallas sou escasso,
em acções não me ganhaes!

FELIX

Co'a espada te ensinarei.

FERNANDO

Dá-lhe a morte.

BENEDICTO

Suspendei.
Ai! ai! senhor, que mataes
Benedicto!

FELIX

Quem?

BENEDICTO

Repito,
Benedicto, fallo serio:
embora acabe o mysterio,
fique inteiro...

FERNANDO

Benedicto,
que é isto?

BENEDICTO

Quiz ver ao certo
onde ieis.

FERNANDO

(dando-lhe um empurrão d'um lado e Felix do outro) Sim?...

BENEDICTO

Ai!

FELIX

Maroto!

FERNANDO

Deixa-o, evita alboroto,
que fica d'aqui mui perto
a casa.

FELIX

Dize-me, aqui
vive essa dama, Fernando,
que vens ver?

FERNANDO

Vaes acertando...

FELIX

Bella?

FERNANDO

Como ninguem vi

FELIX

Tem pae?

FERNANDO

Tem.

FELIX

E em casa entrava
quando te escondeste, amigo?

FERNANDO

Sim.

FELIX

E estando ella comtigo
entrou a que me buscava?

FERNANDO

Sim.

FELIX

A noite não vae alta,
cheia está de sombras pardas;
ai, lua, quanto hoje tardas!
Quando a sua luz te falta,
engano d'amor te abrasa!

FERNANDO

Vou chamal-a á adufa; importa
desenganar-te, e essa porta
hão de abrir.

BENEDICTO

(áparte) Já sei a casa!

FELIX

Esta porta? essa janella?...
Conheço-as bem, que traição!
Falsas duas vezes são
para mim, como foi ella!

FERNANDO

Põe-te ao pé d'aquella escada
que o meu signal lhe vou dar. (dá o signal)

FELIX

Se bem me póde lembrar,
na confidencia passada,
ser, — tua fé me jurava —
a mesma mulher rendida
que te espera, a que escondida
hoje em minha casa estava.

FERNANDO

Justo.

FELIX

E a que logo depois
chegou...

SCENA III

Os mesmos e CLARA *da janella*

CLARA

Pchiu...

FERNANDO

Chama por mim!

CLARA

Sois Fernando?...

FERNANDO

Sou eu, sim.

FELIX

(áparte) E' Clara!

CLARA

Esperae-me pois,
que a porta já corro a abrir.

FERNANDO

(a Felix) Fallou commigo a creada
e já vem descendo a escada.

FELIX

Dize-me antes d'ella vir... (Clara abre a porta)

FERNANDO

Não póde amigo ser antes.

FELIX

Se póde...

FERNANDO

Espera-me: adeus!

FELIX

Essa dama...

CLARA

Entrae.

FERNANDO

Por Deus,
logo ouvirei, que os instantes
me apressam. (entra Felix; quer seguil-o, mas Clara fecha-lhe a porta)

SCENA IV

FELIX *e* BENEDICTO

FELIX

E entrar ousava,
se a porta, a maldita Clara,
me não fecha assim na cara!

BENEDICTO

Por se fechar, não aggrava,
uma porta que é de pau,
mas o *ferro* que a defende.

FELIX

Quem taes confusões intende,
do meu desespero o grau!
A casa de Laura vou;
logo uma visão surgiu;
mas do meu quarto sahiu
outra que Laura encontrou.
E se esta não póde ser,
tal dama, quem é? Medito!
— Oh! quem não tivesse dito
podendo o caso antever,

que deixasse hoje de vir
aqui ficar minha irmã,
e antes viesse ámanhã,
que m'o havia descobrir!—
Quanto mais a idéa apura
maior vulto á infamia dá;
em zelos não penso já,
que a verdade exacta e pura
só busco agora encontrar.
E' Laura ou Laura não é?
Ganha a crença e ganha a fé
se esta incerteza acabar.
E que se perde, se é ella,
em perder a alma e a vida
depois de Laura perdida?
Porta ao chão! Dentro a janella!
Mas se eu tive a leviandade
de jurar guardar-lhe a porta!
Que tem isso? E que me importa,
a confiança, a amisade,
decoro, e respeito santo?
O ciume o esquecerá,
porque amisade não ha,
nem honra que valha tanto!

(dá empurrões á porta para a metter dentro e ao mesmo tempo, e distante, sente-se bater na porta do outro lado da estrada.)

BENEDICTO

O que fazeis?

FELIX

Morrer vaes...

BENEDICTO

Se é possivel, desisti.

FELIX

Que foi isto que senti?

BENEDICTO

Por que assim vos espantaes?
outro será, de outro lado,
que está batendo a outra porta,
que por signal, não supporta,
a furia d'um desalmado.

FABIO

(dentro) Clara! Laura! abri! abri!

CLARA

(dentro) Meu amo! pobre de mim!

FELIX

É Fabio, (ouve-se dentro tinir as espadas)

FABIO

(dentro) E a ver chego emfim
esta infamia!

BENEDICTO

Safa! Ali,
o negocio não vae bem;
vamos subindo as escadas
que ouço já tinir de espadas. (indicando os degraus que dão para a casa de Felix)

FELIX

Oh! mal haja a porta!

BENEDICTO

Amen. (Felix occulta-se atraz de um arbusto e Benedicto cose-se com o muro da escada)

SCENA V

Os mesmos, FERNANDO *com* HELENA *nos braços saindo de casa de Fabio*

FERNANDO

Não temaes nada, senhora,
que inda que gritem d'ali,
refugio tendes aqui.

HELENA

Comvosco levae-me agora,
pois que em vossa casa entrando
já nada tenho a temer.

FERNANDO

Vinde e não temaes de ver
alguem que me está esp'rando.

HELENA

E' Felix?

FERNANDO

Sim.

HELENA

Attentae
que é Felix!

FERNANDO

Não ha logar
p'ra taes recatos guardar.
(chamando) Felix?

FELIX

(chegando-se) Eis-me.

FERNANDO

Corre, vae...

FELIX

Que aconteceu?

FERNANDO

Foi, que estava,
fallando com esta dama,
quando vem seu pae e a chama,
porque a porta a abrir tardava.
Logo tratou de a arrombar
e pela espada puxou;
mas porque a luz se apagou
tive occasião de a salvar. (indicando Helena)
Eu fico, leva-a comtigo;
sou eu que devo impedir
quem te busca perseguir.
Só Benedicto commigo
ficará.

BENEDICTO

Vou-me safar!

FELIX

Que elle a acompanhe, convem;
esp'remos nós dois quem vem.

FERNANDO

Tão só a havemos deixar?
Não é justo, que o dever
exige em tão duro lance
amparal-a a todo o trance.
Trata pois de a proteger,
e de a pôr a salvo.

FELIX

E' justo.
Ai! Laura, caiste emfim
nas minhas mãos.

HELENA

(áparte) Ai! de mim!

FELIX

(áparte) Infame!

HELENA

Tremo de susto!

FELIX

(a ella) Vem, que embora malfadada,
finezas não possa dar-te,
sou quem sou, e hei de salvar-te.

HELENA

(áparte) Ha mulher mais desgraçada!

FELIX

(áparte) Ha homem mais infeliz! (sae com ella pela porta direita da casa)

FERNANDO

Essa gente ahi não tarda.

BENEDICTO

Pois que venha, que a mostarda
vae-me subindo ao nariz.

SCENA VI

Os mesmos, FABIO *e* PONCIO *trazendo criados com luzes*

FABIO

Inda que as forças me faltam,
sobra da honra a pujança
para vir buscar vingança.

FERNANDO

Para traz!

BENEDICTO

Se d'ahi saltam,
morrem todos!

FABIO

Esta espada
vingue esse arrojo inaudito.

BENEDICTO

(com medo) Ai! infeliz Benedicto...
quem te metteu n'esta alhada!

FERNANDO

(áparte) Cumpre evitar a pendencia
e para me não trahir,
voltar as costas, fugir,
não é temor, é prudencia. (sae correndo tomando o lado da casa)

FABIO

Detem-te, espera, cobarde!

BENEDICTO

Quem n'este apuro, diria,
que assim me abandonaria!

PONCIO

(agarrando Benedicto) Não foges, velhaco, é tarde!

FABIO

Mata, Poncio, este insolente.

BENEDICTO

Ai! ai!

FABIO

Quem sois?

BENEDICTO

Não me esgana?...
Sou, se o medo não me engana,
um curioso impertinente.

FABIO

Entregae a espada.

BENEDICTO

A espada,
é pouco, se a pelle escapa;
tomae o gibão e a capa,
calções, collete... e mais nada!

FABIO

Servis a quem aggravar
veio esta casa?

BENEDICTO

E tem azas,
pois é um aggrava cazas,
que se não póde apanhar!

FABIO

Mas quem é, como se chama?

BENEDICTO

Fernando, o melhor amigo
de Felix, e o mais antigo.

FABIO

Para a vingativa chamma
n'um vilão não atear,
dou-te a vida.

BENEDICTO

(aparte) E fazes bem.

FABIO

Guiar-me um clarão já vem
e a Felix corro a buscar
a explicação que já tarda.
Mal haja a casa isolada,
com duas portas de entrada,
que tão mal a honra guarda. (entrando em sua casa)

SCENA VII

FELIX *e* HELENA, *depois* FAUSTINO, LAURA *e* BERTHA

HELENA

(entrando em scena pela porta por onde se foi, como quem vem fugindo)

Com arte o pude enganar.
Seguem-me... E' elle! Jesus!

FELIX

(gritando para dentro) Depressa, tragam-me luz.
Não haveis de me escapar.

FAUSTINO

(dentro) Levarei, se acaso acharem
luz, os meus olhos dormentes.

LAURA

(apparecendo á segunda porta da casa de Felix, com Bertha; a ella.)

Vi-a fugir, não te ausentes,
até aqui se encontrarem.

FELIX

Já pelo menos, ingrata,
sentes faltar-te o valor
para negar...

LAURA

(áparte) Que traidor!

FELIX

Este lance é que te mata,
porque a traição manifesta
d'uma inconstancia alleivosa,
mulher perfida e enganosa!
Frente a frente e descoberta,
nega os zelos que me déste...

HELENA

(áparte) Acaba-me aqui a vida!

FELIX

E hoje para mim, perdida,
a minha casa vieste?!

LAURA

(a Bertha) Porque traz veo, e assim traja,
a que hoje vi, ha de ser.

FELIX

(a Bertha) Nem te quero ouvir dizer
se tens desculpa. Mal haja
quantas penas padeci,
quanto amei essa bellesa,
quanta loucura e finesa
fez meu santo amor por ti!

LAURA

Amor lhe votava, é certo!
Ai! já não posso, a paciencia
me falta.

BERTHA

Onde ides? Prudencia...

LAURA

Não sei, porém, de mais perto,
vou ouvir acautelada. (desce, deixa cair o veo e approxima-se dos dois)

FELIX

Vem essa luz?... Quero-a ver...

FAUSTINO

(dentro) Já lá vae...

HELENA

Que hei de fazer
Se vem luz?...

FELIX

Não dizes nada?...
Pois se estás bem convencida,
que has de dizer?...

(solta-lhe a mão. Helena vae-se affastando e Laura vae collocar-se no meio de ambos ; Felix toma-lhe a mão, julgando que é a de Helena, que se affasta parando ao pé da porta onde ficou Bertha.)

HELENA

Se eu podesse,
primeiro que a luz viesse,
escapar, salvára a vida!

FELIX

Não has de fugir; pois bem,
de mais, vingado serei
senão ignoras que sei
que és tu...

LAURA

Por outra me tem.
E hei de ouvir isto callada

até vir a luz, e veja
que sou eu a quem moteja!

HELENA

Tremo confusa e turbada...
Do meu quarto á porta estou,
e já que a buscava incerta,
foi ventura achal-a aberta.

BERTHA

(entre portas) Sois Laura?...

HELENA

Laura não sou.
És Bertha?

BERTHA

Sou eu, deveras.
Que é isto?

HELENA

Logo t'o digo.
Cerra essa porta e commigo
vem já depressa. Que esperas? (entra e fecha a porta)

SCENA VIII

FELIX, LAURA *e* FAUSTINO, *trazendo luz. O luar vem esclarecendo a scena*

FAUSTINO

Aqui vem luz.

FELIX

Põe-n'a ali,
e vae-te já sem demora.

LAURA

(áparte) O que irá dizer agora
ao ver-me...?

FELIX

(fitando-a) Tu Laura, aqui!
vê que sou eu quem ficou
a teus zelos indiff'rente.

LAURA

(áparte) Pois ao ver-me de repente,
não tremeu nem se turbou?!

FELIX

Só eu no mundo, outro amante,
á propria dama conduzo!
O que fez ter fé, e que uso
déste ao meu amor constante!
A quantos males sujeita,
a injuria que estou soffrendo...
Dize agora se te offendo...

LAURA

Tem sua graça a desfeita!
Bem te esforças por fingir
a rasão com que me aggravas;
pois se convencido estavas
vindo em teus braços cair,
por outra me has de tomar
que vem aqui ter comtigo,
e as queixas d'ella, commigo
prosegues!

FELIX

E hei de escutar
offensas graves e tantas,
fazendo-me crêr, calando,
que a outra estive escutando!

LAURA

Ai! Felix, de que te espantas,
se é verdade?

FELIX

E aonde pára
a dama a quem te reportas?

LAURA

Se a casa com duas portas
é má de guardar, repára,
que muito peor será
as que tem por tecto os ceus.
Já se foi.

FELIX

Laura, por Deus,
foge, vae, deixa-me já,
que a tua audacia me exalta.
Se pretendes que te negue
que me foste ha pouco entregue
por que estava — a voz me falta —
teu pae ausente, e Fernando...
— Não posso ..

LAURA

Engano ha de ser;
por que eu, para ouvir e vêr,
tudo o que estamos passando,
escondida até agora
no quarto de tua irmã,
estive desde a manhã.
E ella...

FELIX

Espera. Sem demora
vou sabel-o. Helena? Helena?
(chamando á segunda porta que dá para o quarto de Helena.)

SCENA IX

Os mesmos, HELENA *e* BERTHA

HELENA

Que queres? (áparte) Dissimulada
hei de ser, porque informada
estou d'esta nova scena.

FELIX

Por ventura, minha irmã,
veio á tarde ter comtigo?

HELENA

Nem Laura esteve commigo
nem eu com ella. Amanhã,
hei de a ver, que o prometti;
porém hoje...

LAURA

Espera, amiga,
quer este caso que o diga;
em casa não te pedi
que me tivesses? E á minha
tu não foste?...

HELENA

Affirmo eu,
que é falso!

FELIX

Vê em que deu
a tua astucia damninha?
Estava a pobre donzella,
recolhida e recatada,
no seu quarto retirada,
e dizes-me estar com ella?

LAURA

(a Helena) Vê que por ti me condemna!

HELENA

(baixo a Laura) Salvo-me n'estas alturas.

LAURA

Saiam já, que tanto apuras,
verdades á luz, Helena.

BERTHA

(que está ao fundo e se approxima de Felix)

Divisei um vulto além.

FELIX

Ha de ser Fernando; agora
nem mais palavra, senhora,
que o meu rival ahi vem.

LAURA

N'elle a minha esp'rança puz.

HELENA

(aparte) Toda a verdade se aclara;
quem a Fernando avisára
do abysmo a que me conduz. (affasta-se)

SCENA X

Os mesmos e FERNANDO

FERNANDO

(a Felix) Este empenho que me inflamma
para que ninguem tentasse
seguir-me, fez que tardasse.
Onde has posto aquella dama?

FELIX

Eil-a aqui; primeiro agora,
que venha a esp'rança a perder,
e eu a veja em teu poder,
has de esta alma arrancar fóra.

FERNANDO

Jámais na idéa me entrou,
que homem de nobres brasões,
recuse as obrigações
a quem d'ellas se amparou.
A dama que te entreguei,
exijo!

FELIX

(mostrando Laura)

Não é, perdão,
a que me entregaste?

FERNANDO

Não!

FELIX

Faltava isto, bem sei,
para acabar de perder
a paciencia.

HELENA

(áparte) Ai! desgraçada!

FERNANDO

Se esta suppunhas, trocada,
que outra causa ha de valer;
sê franco, basta de tramas.

LAURA

As confusões vão passando,
segundo creio. — Fernando,
esta é quem buscas, quem amas?

FERNANDO

É esta, porque escondida
a meus olhos se occultava?

LAURA

(a Felix) Vê bem, se em seu quarto estava
retirada e recolhida...
(baixo a Helena) Salvo-me n'estas alturas.

FELIX

Em paga, terás Helena,
D'esta culpa, igual a pena.

HELENA

(a Fernando) Salvae-me a novas torturas.

FERNANDO

Ser tua irmã, e occultal-a!...

FELIX

Vingarei seu prejuiso.

FERNANDO

Sabes quem sou, e é preciso
defendel-a e amparal-a
por mulher.

FELIX

Sabes tambem
quem sou; e em casa, atrevido,
menos que seja um marido
não ha de olhal-a ninguem.

FERNANDO

Visto isso, em o ser, ficamos
bem os dois.

SCENA XI

Os mesmos, Fabio, Benedicto *e creados*

Fabio

É moço honrado
e ha de entregar o malvado. (vae para se encaminhar a casa, mas Felix sae-lhe á frente.)

Felix

Que zanga é esta? Ora vamos...

Fabio

Isto é honra, é pouco, é nada!...

Benedicto

Que linda dança aqui já
se vaé urdindo!...

Fabio

Onde está
vosso amigo e camarada?

Fernando

Fernando, a um, nem a dez
jámais as costas volveu

BENEDICTO

(áparte) A cara, affiança eu,
e fugindo a quatro pés!

FABIO

Traidor!

FELIX

Fabio, suspendei,
que vos transtorna o furor
d'esse aggravo, o golpe e a dor;
foi Laura a causa, bem sei;
mas só a mim me ha tocado
como esposo que hei de ser.

FABIO

Não tenho que responder
sendo assim por vós honrado.

HELENA

(a Fernando) Ver-nos-hemos de mais perto.

FERNANDO

Cede a tormenta á bonança.

BENEDICTO

Sempre alcança quem não cança...

FELIX

Para que vejas se é certo,
dou-te a mão e evito os damnos.

LAURA

Com duas portas, ninguem,
queira uma casa que as tem,
por causa d'estes enganos!...

(cae o panno)

FIM DA COMEDIA

Francisco Ferreira Serra

A MOCIDADE

DE

NUN'ALVARES

PEÇA EM 3 ACTOS

POR

FRANCISCO SERRA

PERSONAGENS

D. FERNANDO I.
D. NUN'ALVARES.
JOÃO AFFONSO PIMENTEL.
GONÇALO MENDES.
DR. JOÃO DAS REGRAS.
D. JOANNA TELLES, irmã da rainha.
D. MECIA RIBADANEIRA.
D. CONSTANÇA DE NORONHA.
D. IGNEZ ANNES.
JOÃO SANCHO.

Cortezãos, damas, besteiros, cavalleiros,
pagens e peões

ACTO I

Sala no paço de Santarem

SCENA I

D. Mecia, D. Constança *e* D. Ignez, *cortezãos, damas, cavalleiros e pagens*

Côro de cavalleiros

Rendeu-se Lisboa, a guerra,
Galgando de terra em terra
Deve estender-se a Castella;
Mas Henrique, victorioso,
Deseja a paz ancioso,
E a mão d'uma infanta bella.

Côro de damas

A mão da infanta pertende
Esse rei que nos offende
Com seu poder em Castella:
Mas n'esse intento, ardiloso,
Deixa ver o ambicioso
Que não é por amor d'ella...

Côro de fidalgos

Acabe em paz a contenda
E que sempre bem se intenda

Portugal, co'os de Castella;
Côrte d'um e d'outro Estado
Deixe o contracto ajustado,
Mas sempre muita cautella...

(Repetem uns e outros conjunctamente a respectiva estrophe e saem todos á excepção de D. Mecia, D. Constança e D. Ignez).

D. Mecia — Bravo! ia apostar que não ha em toda a côrte, donzellas que possam exceder-vos na escolha e perfeição dos adornos. Ainda bem que vae terminar a guerra com os castelhanos. O cardeal de Bolonha, depois de fallar a D. Henrique em Lisboa, veio aqui persuadir D. Fernando da conveniencia de se avistarem ambos e tratarem amigavelmente dos seus interesses. D. Henrique de Castella chega breve com o seu exercito a Vallada e os dois soberanos encontrar-se-hão na ribeira de Santarem para ajustar o tratado de paz. El-rei que andava preoccupado com a perda da praça de Lisboa, já se mostra alegre, prasenteiro e bem disposto á benevolencia.

D. Constança — Activam-se os preparativos das festas. Joanna Telles, a irmã da rainha, prepara um grande sarau.

D. Ignez — E João das Regras que teve artes de convencer o rei a reconhecer o papa Urbano, como legitimo, contra o de Avinhão, tambem projectou uma surpreza.

D. Mecia — E D. João Affonso Pimentel um torneio para se mostrar naturalmente mais garboso aos olhos da irmã da rainha, por quem está perdidinho d'amores...

D. Constança — E sabeis se os pagens da infanta e da rainha preparam alguma serenata?

D. Mecia — *(dissimulando.)* Os pagens?... Não me consta.

D. Ignez — Parece incrivel que a ardente phantasia de D. Nuno...

D. Mecia — Lá vem já o pequeno!... *(despeitada.)* Não pensas n'outra cousa!

D. Ignez — Eu, ora essa!... Enganais-vos... quero dizer...

D. Mecia — Que atrevido moço! conta treze para quatorze annos e já o pae que zela a honra da nação o mandou a Lisboa explorar as forças dos nossos inimigos. E por tal modo se houve, que fez prodigios nas pesquizas. Depois de voltar ao Alemtejo a informar seu pae, veio aqui pedir a el-rei que fosse servido dar-lhe algumas tropas para combater o campo castelhano que observára com vantagem. Este impulso da creança que largou ha pouco o collo da ama, tem sido geralmente applaudido e el-rei nomeou-o pagem e creio que não tardará a armal-o cavalleiro. Ahi está por que elle faz andar á roda a muita cabecinha...

D. Constança — As cabecinhas de muitas, póde ser, de todas é que não...

D. Mecia.

Posso dizer de todas, e repito...
Prior do Crato é seu irmão; é nobre,
Gentil, travesso, ouzado o rapazito,
Mas na modestia o galanteio encobre

Eu sempre fui d'um porte irreprehensivel;
Mas uma vez, venceu-me o coração
E essa fraqueza logo foi punivel
Em satyra mordaz, sem compaixão.

Se a tal endiabrado, el-rei não trata,
De por mulher lhe dar qualquer menina,
Bem podem crêr que em pouco se desata
A ser a nossa inevitavel ruina.

D. Constança — Essa desventura não será geralmente fatal áquellas para quem D. Nuno é de todo indifferente.

D. Mecia — De certo, para aquellas que elle despreza. O audacioso tem um porte, um gesto e um olhar de quem se julga seguro do triumpho. Deus sabe quanto eu procuro evitar as scintillações d'aquelles olhos!...

D. Ignez — Dominam com a sua meiguice, fascinam com a sua altivez!

D. Mecia — Por todo o ouro do mundo, que não desejaria encontrar-me só com elle...

D. Constança — *(sorrindo)* Desconfio que receia apparecer-vos... Foge de encontrar-vos.

D. Mecia — Oh! de certo, é preciso confessal-o; jámais me faltou porem ao respeito...

D. Constança — Joanna Telles, a irmã da rainha, parece tomar por elle um grande interesse.

D. Ignez — *(com despeito)* Excessivo!

D. Mecia — E tambem a infanta D. Brites, irmã de el-rei. Tem diante de si uma brilhante carreira o maganão d'este pagem!

D. Ignez — E pensaes que o rei tratará de lhe destinar esposa?...

D. Mecia — Não o ponho em duvida...

D. Ignez — E em quem se presume que recahirá a escolha?...

D. Mecia — *(com pudor)* Não convem a uma don-

zella investigar o caso. E' verdade que somos tantas...

D. Constança — Sendo D. Nuno uma creança, não se póde bem saber se o rei lhe quer dar esposa ou procurar quem lhe sirva de mãe.

D. Mecia — *(estimulando-se)* Que pretendeis dizer?

D. Constança — Não proclamam já que são tantas?...

D. Mecia — De mais para servirem de mãe.

D. Constança — De menos para servirem de avó...

D. Mecia — Meninas, meninas, foi com o douto João das Regras que aprenderam a fazer satyra?...

D. Constança — Olhem quem ahi vem!

D. Ignez — D. Nuno!

D. Mecia — Elle!

D. Constança — Enganam-se, é Gonçalo Mendes.

D. Mecia — Gonçalo Mendes! esse importuno virá ainda enfadar-me com os seus iusulsos galanteios!...

SCENA II

Os mesmos e Gonçalo Mendes, *(bem vestido)*

Gonçalo:

Que vejo! por vida minha,
O mais feliz dos viventes
Por encontrar, me julgo,
Estrellas tão reluzentes.
(D. Mecia inclina-se)
Bom dia, esbelta Constança,
Graciosa Ignez, bom dia,
Acceitae os meus respeitos
O' veneranda Mecia!

(D. Mecia, dissimulando, inclina-se profundamente).

D. Mecia:

Eu a tanta gentileza
Nunca me posso esquivar;
Governador, tenho a honra
Tambem de o cumprimentar.
(Fazendo-lhe caricata mesura.)

Gonçalo:

Maliciosa, em epigramma
Bem quizestes replicar...
Juro inda por esses olhos
Que me fazem gracejar...

Mas sabei, gentis donzellas,
As novas que vim trazer
E de certo hão de causar-vos
Um ineffavel prazer.

QUARTETO

Ignez, Constança *e* Mecia:

Dizei, dizei se são bellas,
Pois outras não podem ser,
Se agouraes que hão de causar-nos
Um ineffavel prazer.

Gonçalo:

Mas sabei gentis donzellas
As novas que vim trazer;
E de certo hão de causar-vos
Um ineffavel prazer.

D. Mecia — De que se trata?
D. Constança — Que temos?
D. Ignez — Aposto que vem fallar de D. Nuno.

Gonçalo — D. Nuno! Por Sant'Iago, temos em campo D. Nuno! Este nome anda na bocca de todas as donzellas. Basta só apresentar-se na côrte para chamar a attenção das mais nobres e mais bellas! Nenhum outro se lhe póde comparar... E ellas que teem formado tantos projectos a seu respeito, como hão de ficar pasmadas, quando... *(sorrindo)*.

D. Ignez — Quando o quê?...

Gonçalo — Nada, nada, é um mysterio que eu não quero descobrir... mas ficae sabendo que el-rei não cessa de se mostrar generoso com esse affeiçoado pagem. Permittiu-lhe ser o primeiro de todos a entrar no torneio. Se levar a melhor, será armado cavalleiro.

D. Ignez — Que ouço? *(áparte)*

D. Constança — *(idem)* Que ventura!

D. Mecia — Meus Deus! E é possivel, tão jovensinho, que se exponha a tanto risco? Uma creança! Ainda que lograsse triumphar, a fadiga seria muito violenta para corpinho tão debil e a sua saude... *(áparte.)* Eu lhe passarei aviso que depois do torneio achará nos meus aposentos com que reparar as forças.

D. Constança — No fim de contas, quem vem a ser D. Nuno?... Uma donzella de elevada styrpe que...

Gonçalo — O quê! uma donzella! *(áparte.)* Nada, ella não póde estar ao facto... *(alto)* Gentilissima Constança de Noronha, procedestes avisadamente despresando D. Nuno. A vossa inclinação para um homem de valimento...

D. Constança — Creio que não será tão falto de meritos que venha a ser zeloso de D. Nuno. *(áparte)* Assim como não pensa em mim, tambem eu o não posso tolerar.

D. Ignez — Não se póde admittir confronto. D. Nuno é gentil e meigo...

D. Mecia — Ora vamos, bem se vê que o amaes...

D. Ignez — Pois eu não receio confessal-o. Oxalá que o rei permittisse consagrar-lhe amor de esposa, já que nasci muito tarde para lhe tributar um affecto de respeitavel matrona. *(fazendo uma mesura a D. Mecia).*

Gonçalo — *(rindo)* Não obstante, o vosso amor expande-se livremente. . mas ahi vem o douto João das Regras. *(olhando para D. Constança)* Com todo o respeito, creio que deve fazer bater o coração com mais violencia a algumas das nossas damas... E' tão sabedor...

SCENA III

Os mesmos e João das Regras

João das Regras — Feliz encontro... Gentis donzellas... governador...

D. Mecia — Dizei-me querido doutor, sempre se realisa o torneio e a surpreza que promettestes?...

João das Regras — De certo, os meus esforços não deixarão de ser coroados do melhor exito. O rei, a rainha e a infanta D. Brites hão de gostar immenso das festas; mas reparae bem, minhas encantadoras beldades. *(D. Mecia inclina-se)* vêde que estaes perdendo um tempo precioso.

D. Mecia — Porquê?

João das Regras — E' que n'este momento estão fazendo passear no parque os cavallos que hão de figurar na justa. As plumas e as fitas são magnificas e os jaezes reluzentes.

D. Constança — *(com ironia)* Quanto reconhecimento vos devemos, doutor... mandais-nos vêr as bestas!...

João das Regras — Se me tivesseis deixado concluir... E' que em torno d'ellas, correm, saltam, riem, folgam, gentis cavalleiros e os mais bellos pagens, entre os quaes se conta D. Nuno...

D. Ignez — Parto immediatamente.

D. Constança — Corramos a ver os preparativos da festa *(sae correndo com Ignez)*.

D. Mecia — *(esforçando-se por acompanhal-as)* Não correis assim, que vos não fica bem... esperae... esrae... *(sae em seguimento d'ellas)*.

SCENA IV

Gonçalo Mendes e João das Regras

Gonçalo — *(contemplando D. Mecia, rindo)* Ah! ah! ah! Quem póde dizer á decrepitude, corre como uma gazella! Por minha vida que é uma cousa verdadeiramente estupenda, ver as heroinas do seculo passado a galantearem com estes donzelleiros da actualidade.

João das Regras — Oh! na verdade, a Ribadaneira poderia renunciar a certas extravagancias. E o seu desvairamento por D. Nuno! Oh! aquella sim, que ha de acabar bem.

Gonçalo — *(Rindo com ar de mysterio)* Que possa acabar extravagantemente, ninguem está hoje n'esse caso como eu.

João das Regras — Desculpae-me, governador, creio antes que um tal previlegio me cabe exclusivamente a mim. O importante segredo...

Gonçalo — *(um tanto perturbado)* O segredo?... Estareis por ventura tambem ao facto?...

João das Regras — *(fingindo admiração)* Se estou! Pois quê! tambem sabeis?...

Gonçalo — Se sei! mas como conseguistes penetrar?...

João das Regras — Um momento, um momento. Busquemos evitar algum equivoco. Saibamos primeiro de que se trata.

Gonçalo — Do supposto D. Nuno.

João das Regras — Bem, vejo agora que sabeis; mas quando este mysterio me devia ser exclusivamente revellado, a Affonso Pimentel e á irmã da rainha, appareceis-me agora sciente de tudo!

Gonçalo — *(Muito satisfeito)* Schius! Tenho aqui uma carta chegada de Almeirim ao romper do dia. O rei foi-hontem lá caçar com os pagens. O conde de Ceia viu D. Nuno e sem perda de tempo, eis o que aquelle verdadeiro amigo me escreveu: *(canta)*

Não percaes tempo, que o mysterio em breve,
Vae revelar-se como a luz do dia;
D. Nuno, o pagem, é uma donzella,
Fazei-lhe a côrte e uzae de fidalguia.

D. Mecia, a mumia, é sua prima
E que apezar de o ser, a não conhece;
Ribadaneira, uma e outra sem mistura,
O mesmo nobre sangue as enaltece.

Em pouco, o mano do prior do Crato,
O verdadeiro, a compar'cer virá,
E o trama que um astuto concebera
Co'a a união dos dois acabará.

El-rei, nosso senhor, tudo inda ignora,
E se antes vos informo, e faço mal,
E' por saber quanto elle estima o servo
Que assim affronta a colera real.

João das Regras — E então, não é divertido?... Emquanto D. Joanna Telles e João Affonso Pimentel se lisongeavam...

Gonçalo — *(com modo conquistador)* Ah! ah! senhores namorados, quizeram rir-se de mim?... O plano era talvez fazerem-me passar por imbecil diante das damas da côrte... Comprehendo agora tudo. Eis a surpreza, a situação comica com que esperavam divertir o rei. Anceiam todos pelos ruidos e alegrias da função. Por mais pomposo que seja o espectaculo de ver um pagem depôr o manto, vestir a saia e comparecer como donzella na presença dos cortezãos, não se hão de eclypsar os preparativos da festa.

João das Regras — *(affectando mau humor)* Muito me desconsolaria se chegasse a suspeitar que haviamos confiado...

Gonçalo — Ora essa! Pois não tenho eu aqui a carta do conde de Ceia? *(rindo)* E todas estas donzellas que aspiravam á mão do supposto D. Nuno... e a durasia Ribadaneira que imaginava possuil-o... Um matrimonio entre duas primas! bonito! Imaginae pois a desesperação dos pagens e cavalleiros. Acredital-o-heis senhor João das Regras, acredital-o-heis?... Tenho a certeza de que venci o coração da maliciosa disfarçada.

João das Regras — *(perdido de riso)* Ah! sim?...

Gonçalo — Com nenhuma outra pessoa se detem a conversar senão commigo. Gosta de me ouvir e vão-me recordando agora umas olhadellas de que não fazia caso, uns sorrisos e uns certos apertos de mão...

Quanto me sinto feliz! Chega a irmã da rainha, disfarcemos.

João das Regras — *(áparte)* Deve confessar-se que Affonso Pimentel tem chiste. Foi bem ideada a partida e tem realmente graça.

SCENA V

Os mesmos e Joanna Telles

D. Joanna — *(a J. das Regras)* Ainda bem que vos encontro; desejava fallar-vos...

João das Regras — Não me podia a sorte ser mais propicia...

D. Joanna — Desculpae-me, Gonçalo Mendes.

Gonçalo — Oh! senhora minha... desço ao parque... vou ver os preparativos do torneio que Affonso Pimentel tão acertadamente imaginou. Aproveitarei a occasião para conversar com os pagens.

D. Joanna — *(com intenção)* Tambem com D. Nuno?. .

Gonçalo — *(rindo com ironia)* O pagem predilecto... ah! ah! ah!

João das Regras — *(ao ouvido)* Prudencia!

Gonçalo — Com licença, senhora minha; d'aqui a um instante, estarei na vossa presença e espero apresentar-me com o gentil D. Nuno. Que as donzellas se resignem, tenham paciencia... Dedico-me todo a elle, inteiramente a elle... oh! oh! oh! *(sae rindo).*

SCENA VI

Os mesmos, menos Gonçalo Mendes

D. Joanna — *(rindo)* E então, como vae a historia?...

João das Regras — A's míl maravilhas. O basbaque acredita em tudo com uma ingenuidade...

D. Joanna — E' um logro que muito nos ha de divertir...

João das Regras — Pedaço d'asno! E a um homem d'estes, confiou el-rei o governo de um castello!

D. Joanna — Desculpae-me doutor, mas acho que elle tem o caracter mais gracioso e original que póde imaginar-se. Rico homem da provincia, dispondo de meios, maniaco por tudo que é galanteria, mereceu a benevolencia de D. Fernando, um dia em que o conde de Ceia, estando com elle á meza, se lembrou de o fazer governador. Como sabeis, o conde apezar da idade, conserva o espirito de um rapaz de 20 annos. Meu cunhado, que não perde nunca o ensejo de ver envolvido em gracioso enredo um caracter original, condescendeu logo. Encontra uma certa uniformidade de caracter entre elle e Mecia Ribadaneira, o que lhe proporciona as mais chistosas aventuras. Affonso Pimentel procura envolvel-o nas scenas que urde graciosamente para distrahir minha irmã, e a que está preparando, deve agradar immenso á rainha.

João das Regras — Servirá de remate á obra.

D. Joanna — Tratemos agora do que vos diz respeito; D. Constança de Noronha...

João das Regras — Estimo-a, mas persuado-me que D. Nuno lhe não é indifferente.

D. Joanna — E' na verdade um pagem adoravel.

SCENA VII

Os mesmos e D. Nuno *que entra e se conserva um momento ao fundo*

D. Nuno — *(áparte)* Bem me fazem saber que o sou...

João das Regras — Sois irmã da rainha e ainda que elle pertença a uma das primeiras familias...

D. Joanna — Lembraes-me as conveniencias...

D. Nuno — *(ao fundo)* Haja vista as que guardou o rei com a irmã. Corro ao encontro de Ignez. *(Desapparece).*

João das Regras — Conheceis as intenções de el-rei?...

D. Joanna — Meu cunhado pensa em casar-me e mostra-se tão apressado, que é forçoso decidir-me. Quanto a D. Nuno, um adolescente apenas, não é ainda cavalleiro e el-rei está empenhado em casar-me antes de lhe destinar uma brilhante carreira.

João das Regras — *(com intenção)* Ia apostar em como a escolha de Affonso Pimentel não desagradaria a D. Fernando.

D. Joanna — Todos vos admiram a sagacidade e o engenho, mas sois um pouco imprudente.

João das Regras — Qualidades que me não poupam a rivalidade de D. Nuno, não é assim?...

D. Joanna — Não vos dê isso grande cuidado; desconfio que D. Nuno ama... *(áparte)* Se é que o comprehendo já. *(alto)* Ama ou finge amar Ignez Annes, se de facto não é affectuosamente correspondido. Por todos os motivos, seria um consorcio auspicioso. Hei de interessar-me bastante nas sollicitações que fizer a meu cunhado e se aquelle audacioso m'o permittir...

João das Regras — Brevemente se celebrarão as nupcias. Tudo me diz que existe n'aquelle moço um espirito forte, uma vontade energica e um braço valoroso. Não estará longe a época em que Portugal careça de assignalados heroismos. Pelas pesquizas que D. Nuno fez em Lisboa, presumo que estará ali um grande ho-

mem. Para distrair dos cuidados da guerra, o dia de hoje será consagrado ás diversões.

D. Joanna — Figurando entre ellas a da Ribadaneira, está claro...

João das Regras — E' tambem uma das que se deixaram captivar por D. Nuno. Os seus prolongados suspiros, os seus estudados desdens... E ainda outro dia se deu um caso bem galante... *(caminhando para o fundo)* Convem que me retire.

D. Joanna — Porquê?

João das Regras — Ahi vem quem me despede. *(Apontando para a esquerda, inclina-se e sae).*

SCENA VIII

D. Joanna Telles *e* João Affonso Pimentel

A. Pimentel — Então, porque é que se retira João das Regras?

D. Joanna — *(ajustando-se com galanteria)* Sois um grande imprudente.

A. Pimentel — Tem graça! Pois eu chego n'este momento...

D. Joanna — E foi por ver que vos encaminhaveis para aqui, que vos cedeu immediatamente o posto.

A. Pimentel — E' gentil e cavalheiro.

D. Joanna — E nós somos incautos, haveis de convir.

A. Pimentel — E' um poder superior á nossa vontade que nos obriga a isso... o amor!

D. Joanna — O amor... e não quereis convencer-vos de que vos não acredito?...

A. Pimentel:

Como a vossa irmã, rainha,
Sois a dama mais damninha
Do reino de Portugal.
Eu a vossos pés, rendido,
De sincero amor vencido,
Formei o meu ideal.

Em troca, ironicamente,
Respondestes-me inclemente,
Com desdens ao meu amor;
Desesperado me contive,
Mas nunca resposta obtive
Ao zelo galanteador.

Fallei de vagos anceios
E aos meus candidos receios,
A vossa philosophia,
Os sabios gregos citava
E em pedantesca acabava
A prelecção noite e dia!

D. Joanna:

Acreditei com cegueira
Quando pela vez primeira
Amar-me um homem jurou.
Sei tambem igualmente
Que o primeiro amor ardente
Vos venceu e dominou.

Se ambos uma vez amamos,
A primeira, em que encontramos
A luz que a alma irradia,

Como agora ha de essa chamma
Despertar, se a não derrama
O fogo em que se accendia?!

DUETTO

A. PIMENTEL:

Fallei de vagos anceios
E aos meus candidos receios,
A vossa philosophia,
Os sabios gregos citava
E em pedantesca acabava
A prelecção noite e dia!

D. JOANNA:

Se ambos uma vez amamos,
A primeira, em que encontramos
A luz que a alma irradia,
Como agora ha de essa chamma
Despertar, se a não derrama
O fogo em que se accendia?!

A. PIMENTEL — Dizei-me então que caminho tenho a tomar.

D. JOANNA — O mais facil do mundo.

A. PIMENTEL — Qual?

D. JOANNA — O de nunca mais me fallardes de amor.

A. PIMENTEL — Isso é impossivel. Deveis saber que os homens são capazes, capacissimos de amar duas, quatro ou seis vezes com a mesma intensidade no curso da vida.

D. JOANNA — Com a mesma intensidade?!

A. PIMENTEL — Não acreditaes?...

D. JOANNA — E é justamente a razão por que me retiro.

A. PIMENTEL — Voltaes ao costume antigo?...

D. JOANNA — Fallemos porém do plano que imaginastes a respeito de D. Nuno.

A. PIMENTEL — Mas não tenho senão vontade de fallar de vós.

D. JOANNA — Gonçalo Mendes recebeu a missiva. Vi-o ha um instante enthusiasmado, doido de alegria.

A. PIMENTEL — *(agastado)* E eu que esperava divertir-me tanto com este gracejo, hei de entristecer-me!

D. JOANNA — Pensae que a estas horas, já Gonçalo Mendes começou a render finezas a D. Nuno.

A. PIMENTEL — E o mais engraçado é ter-lhe feito acreditar que é uma donzella, prima da Ribadaneira. O equivoco d'este appellido...

D. JOANNA — O gracejo não irá tão longe, de certo.

A. PIMENTEL — Vereis que o meu projecto é originalissimo.

D. JOANNA — E D. Nuno que é tão orgulhoso...

A. PIMENTEL — Vejo que o lastimaes com grande pezar...

D. JOANNA — Mas não achastes excellente o plano de meu cunhado, de o unir a Ignez Annes?

A. PIMENTEL — Achei, mas sois ainda livre e esse demonio é tão ousado...

D. JOANNA — Se agora sou livre, posso amanhã deixar de o ser.

A. PIMENTEL — Não ignoro que o rei insiste no vosso consorcio com o almirante Gonçalo Vasques d'Azevedo; mas esse intento...

D. JOANNA — Não se realisará, nem elle me obrigaria a isso. O que el-rei deseja é ver-me ao lado de um homem que seja digno de mim e da sua estima. Podeis estar n'esse caso. (*Com negligencia*) Esta noite, depois do torneio, espero-vos nos meus aposentos, onde encontrareis o meu velho notario para regular certas condições...

A. PIMENTEL — Sois previdente.

D. JOANNA — Dar-vos-hei a chave da porta secreta que deita para os meus aposentos. Assim convem para

evitar as suspeitas e as murmurações dos mal intencionados.

A. PIMENTEL — Bem imaginado!

D. JOANNA — Colligeremos de accordo os apontamentos que elle fôr tomando. *(observando para fóra)* Vejo alguns cavalleiros que se dirigem aos aposentos do rei. Naturalmente é para sair. Ide, evitae que notem a vossa ausencia.

A. PIMENTEL — *(indo para sair)* Ah! e a chave?...

D. JOANNA — Eu vol-a farei chegar ás mãos antes de soarem as Ave-Marias na torre das Cabaças.

A. PIMENTEL — A essa hora deveis estar com a rainha.

D. JOANNA — Não me percaes de vista. Aproveitarei um momento... não vos detenhaes.

A. PIMENTEL — Respiro finalmente! *(áparte)* E' minha! *(sae)*

D. JOANNA — Já não ha remedio... Agora affasta-se... mas hei de acabar por ceder. Este homem tomou tal ascendente sobre o meu coração, que já o não posso domar. *(fica um momento preoccupada)*

SCENA IX

A mesma e D. NUNO

D. NUNO:

Ah! 'stá só! que bello ensejo!

D. JOANNA:

Por que me int'ressa, não sei!
Mas D. Nuno sinto e vejo
Onde o meu olhar fitei.

D. NUNO:

Sempre o meu nome na bocca!
Sejamos timido e amavel,

Pois fingindo bem de ingenuo
Acho monção favoravel.

D. Joanna:

Se o estouvado tivesse
Um momento de juizo...
(áparte) Demonio! estava-me ouvindo!
(compondo-se) Entrar assim de improvizo!...

D. Nuno: *(com modo innocente)*

Receiava perturbar-vos,
Senhora minha, perdão.

D. Joanna:

Bem, podeis aproximar-vos.

D. Nuno: *(com affectação)*

Oh! senhora...

D. Joanna:

Então... então?...
Porque esse timido gesto,
E esse modo contrafeito?...

D. Nuno:

Senhora minha... o receio...
O acatamento... o respeito...

D. Joanna:

Creança! Julgaes que ignoro
Dissimulando, talvez,
Que aprendestes esses modos
Fallando com D. Ignez!...

D. Nuno: *(tomando um aspecto cheio de vivacidade)*

Se me haveis reconhecido
O caracter natural,
Deixo de estar comprimido,
Vou mostrar-me jovial.

D. Joanna:

Que enganar-me pertendieis
Com franqueza confessaes...

D. Nuno:

Um nescio de mim farieis
Do modo por que julgaes.
Se acreditasse, no mundo
Não haver homem capaz...
De enganar-vos subtilmente...

D. Joanna:

Julgaes-me então perspicaz?...

D. Nuno: *(inclinando-se)*

Mais do que eu, sois francamente,
Mais astuta e mais sagaz!

DUETTO

D. Joanna:	D. Nuno:
De enganar-me subtilmente...	Mais do que eu, é francamente
Julga-me então perspicaz!	Mais astuta e mais sagaz!

D. Joanna — Escutae-me, D. Nuno. Primeiro que tudo, preciso saber se é opportuna a occasião de vos escutar.

D. Nuno — Ah! senhora... todos os dias, a cada instante, sempre se fosse possivel!

D. Joanna — *(em tom de gracejo)* Deveras?...

D. Nuno — A irmã da rainha, aquella que exerce tão poderosa influencia no animo d'el-rei e tanto se interessa por mim...

D. Joanna — Não faço mais que corresponder aos desejos do soberano; elle estima-vos e o elevado apreço em que tem a vossa familia, o decidiu, apenas

a deixastes em tão verdes annos, para ir a Lisboa, prestar-lhe um serviço, a conservar-vos na sua côrte. A dizer a verdade, não tendes correspondido mal ao seu desvello. Um pouco estouvado, é certo...

D. Nuno — Hei de corregir-me d'esse defeito *(áparte)* variando...

D. Joanna — D. Fernando é bom e complascente. Prefere desabafar commigo as suas queixas a reprehender-vos.

D. Nuno — Tenho errado, é facto... mas encontrar-me assim n'um mundo inteiramente novo, sem conselho, sem mão que me ampare. Ah! senhora... se quizesseis fazer-me a caridade de me servir de guia no escabroso caminho em que me encontro isolado?...

D. Joanna — Tem na voz a suavidade de uma meiguice que encanta e attrae. Escutae-me. Hoje deveis portar-vos com o maior denodo e valor. O rei quer ver-vos justar no torneio.

D. Nuno — Bem sei senhora, e é isso mesmo que me afflige.

D. Joanna:

Moço tão ousado
Que provas tem dado
De estranho valor,
Porque é que hesitaes,
Porque receiaes
E perdeis a côr?...

D. Nuno:

Eu nada receio
Mas desgosto veio
O animo abater;
Entre cavalleiros
Os menos guerreiros,

Todos hão de ter
Faxa ou bracelete,
Pluma em capacete
De dama gentil...
Eu apenas, pagem,
Só tenho a miragem
Do ardor infantil.

D. JOANNA:

Repelli, attento
Vosso desalento
E essa fronte erguei;
Que se a mão tremente
Triumphar potente,
Eu vos louvarei.

E logo esse esforço
El-rei generoso
Recompensará.
E então prasenteiro,
Senhor cavalleiro,
D. Nuno armará.

(Finda esta ultima estrophe repete-a em duetto com D. Nuno).

D. NUNO — *(com transporte)* Cavalleiro!... Oh! meu Deus... mas cavalleiro sem dama, é uma idéa que desfallece.

D. JOANNA — Pois conquistae-a com a vossa coragem; depende de vós.

D. NUNO — *(lisongeando-se)* De mim?

D. JOANNA — Indaga-se, procura-se...

D. NUNO — *(cada vez mais animado)* E depois de haver procurado bem?... Quem me assegura que não obterei uma recusa?

D. Joanna — Ora vamos, vamos, menos modestia, menos ostentação de uma virtude que eu creio bem, não conheceis... *(áparte)* Fallemos-lhe de Ignez. Experimentemol-o. *(alto)* Escutae-me um momento, mas respondei-me com toda a sinceridade e franqueza. Sentis que sois capaz de amar?

D. Nuno — *(vivamente)* Ninguem ainda deixou de amar n'esta idade; mas perguntae antes se alguem é capaz de amar mais do que eu, e affianço-vos que amarei uma só vez na minha vida.

D. Joanna — Não exagereis. O interesse que tomo por vós é talvez demasiado, mas já que principiei é forçoso acabar.

D. Nuno — Por Deus, continuae, ficar assim no meio, seria realmente cruel.

D. Joanna — Adverti que illudir um coração disposto á mais ardente paixão...

D. Nuno — Seria um crime nefando. Jesus! as damas que se encaminham para aqui.

D. Joanna — *(um tanto contrariada)* Pois bem, terminaremos a confidencia n'outra occasião e em outro logar.

D. Nuno — *(apressadamente)* Depois do torneio?...

D. Joanna — Sim, depois... dir-vos-hei tudo. *(áparte)* A proposito, convem não esquecer a chave para Affonso Pimentel.

D. Nuno — *(áparte)* Estou satisfeitissimo!

SCENA X

Os mesmos, D. Mecia, D. Constança de Noronha *e* D. Ignez Annes

D. Mecia — A rainha acha-se um pouco indisposta; não obstante, deseja que o rei gose da festa que se

prepara e se lhe fôr possivel, assistirá ao sarau que ordenastes.

D. Joanna—Vou ao seu encontro. *(áparte)* Terei occasião de entrar nos meus aposentos. *(sae)*

D. Mecia—*(caminhando para D. Nuno, com affectada galanteria)* Felicito-vos meu gentil pagemsinho... Aproveitaes habilmente as conversações da irmã de D. Leonor...

D. Ignez—*(despeitada)* Habil... e constantemente!

D. Nuno—O interesse que toma por tudo que me diz respeito...

D. Ignez—A titulo naturalmente de prolongar agradaveis colloquios...

D. Constança—*(com pezar)* Tomae conta que vos denunciaes com esses despeitos e transportes mal disfarçados...

D. Mecia:

Disse bem D. Constança,
Nós somos d'outra feição;
Se melhor diz o rifão
De que alcança quem não cança,
Bem o sabe o maganão!
O que ha pouco disse a infanta
D. Brites, não me espanta,
Sou da mesma opinião.

D. Nuno:

A que ella possa referir-se
Não o sei, mas não é mau.

D. Ignez:

O que andou hontem a ouvir-se,
Toda a noite no sarau.

D. Mecia:

Do mordomo-mór a filha,

A peso d'ouro estimou;
E á de Vasques d'Azevedo,
Vice-almirante, a igualou.

D. Nuno:

E' certo e bem me recordo
Que a estimei em trez milhões!

D. Ignez:

E porquanto me prendieis
D'amor aos vossos grilhões?...

D. Nuno:

Mais um, talvez seja pouco...

D. Constança:

E a mim?

D. Nuno:

Desculpa vos peço
Não direi...

D. Mecia:

Mas eu, emquanto?

D. Nuno:

Vós sois das que não tem preço!...

D. Ignez—*(rindo)* Ah! ah! ah!

D. Mecia—*(pavoneando-se)* Julga-me inextimavel! valho mais que todas juntas.

SCENA XI

Os mesmos, João das Regras *e* Gonçalo Mendes

Gonçalo—*(que chega primeiro)* Eil-a, eil-a finalmente. *(sem tirar os olhos de D. Nuno)*

João das Regras—Usae de prudencia.

D. Nuno—Só agora tenho o prazer de ver-vos, go-

vernador... Muito vigorosa devia ter sido a sortida dos castelhanos para tão rapidamente vos obrigar a abandonar-lhes o castello de Lisboa.

GONÇALO — Vigorosissima! Tenho andado á vossa procura, mi... corri tudo e não foi possivel encontrar-vos, mi... *(baixo a João das Regras)* Então não me ia tornando a escapar — minha senhora!...

D. NUNO — Imagino que não heis de desamparar as bellas com a mesma facilidade com que abandonastes aquella importante posição.

GONÇALO — E' ciosa... *(a João das Regras)* Não percebeis o epigramma?... *(a D. Nuno)* As damas merecem todos os acatamentos.

D. MECIA — Vamos, não occulteis a verdade: ainda agora esteve fallando commigo.

D. CONSTANÇA — E digam depois que tem um genio desconfiado...

D. IGNEZ — *(áparte)* Nem um momento se pode encontrar só, este endiabrado D. Nuno.

GONÇALO — *(baixo e a D. Mecia)* Olhaes muito para este interessante pagem... desconfio que o coração vos diz alguma cousa em seu favor.

D. MECIA — *(baixando os olhos)* Modestia, senhor... modestia!

GONÇALO — Isso não quer dizer nada... *(áparte)* Corre-lhe nas veias o mesmo sangue dos Ribadaneiras.

D. NUNO — Vamos ao encontro d'el-rei.

GONÇALO — N'esse caso, permitti que vos offereça o meu braço.

D. NUNO — O vosso braço!... Essa agora é melhor!

GONÇALO — Vamos...

JOÃO DAS REGRAS — *(baixo a Gonçalo Mendes)* Cuidado, que arriscaes tudo... Mais devagar.

D. Constança — Cousa é devéras para estranhar que deis o vosso braço a um pagem!...

Gonçalo — Não me parece, mas se vos apraz encostar-vos a este .. *(offerecendo-lhe o outro braço)*

D. Constança — Não... não... offerecei-o antes á Ribadaneira.

D. Mecia — Não vos detenhaes em preferencias, que vem já ahi el-rei.

João das Regras — *(a Gonçalo Mendes)* Recordo-vos que mais careceis agora de tino e de prudencia.

Gonçalo — Demonio!... E' verdade que me não sinto na flor dos annos, mas tambem não sou para ahi nenhum poltrão.

SCENA XII

Os mesmos, D. Fernando trazendo pela mão D. Joanna Telles — João Affonso Pimentel, cortezãos, cavalleiros, damas e pagens

D. Fernando — *(a D. Joanna)* Pelas rasões que vos dei, espero que annuireis a este meu desejo.

D. Joanna — Já que assim o quereis...

D. Fernando — *(sorrindo)* João Affonso Pimentel não achará inconveniente n'isso.

A. Pimentel — Senhor... *(baixo a D. Joanna)* Para dizer a verdade, não me agrada muito.

D. Fernando — Minha cunhada quiz preparar-vos um grande sarau, Affonso Pimentel um torneio, e João das Regras uma festa mysteriosa, verdadeira surpreza. Todas estas diversões que approvei, se reflectem no brilho das vossas formosuras. *(As damas fazem reverencia.)* Antes porém de começarem as festas, ouvi-me,

D. Nuno. Deveis estar informado já, que apreciando o vosso nobre esforço, resolvi que tomasseis parte no torneio. E como não seria proprio da vossa elevada gerarchia que vos apresentasseis entre os combatentes sem o distinctivo de uma dama... *(Gonçalo Mendes sorri maliciosamente)* tereis um. O vosso braço que parece ainda debil, mas que é destro e agil, cingil-o-ha a irmã da rainha com o seu bracelete. Pensae em defendel-o no combate e ai de vós se o deixardes arrancar. Se porém o vosso nobre esforço souber conserval-o, obtereis uma recompensa que muito deverá lisongear o vosso amor proprio.

D. Ignez — *(contrariada)* E é ella que vae dar-lhe o bracelete...

Gonçalo — Uma dama com a insignia de outra!... Eu estalo a rir.

D. Nuno — Senhor, perder a vida, mas não a honra, será sempre a divisa de D. Nuno Alvares Pereira.

D. Fernando — *(a meia voz)* Ouvis, D. Joanna Telles?... Só o vosso olhar sabe armar cavalleiros.

D. Mecia — *(baixo a D. Nuno)* Depois do torneio deveis sentir-vos fatigado. Nos meus aposentos, achareis com que refrigerar-vos.

D. Nuno — *(olhando-a com assombro)* Antes um estimulante!

D. Fernando — Amanhã á noite, assistireis ás danças e cantares nos aposentos da rainha; ali poderá brilhar a mocidade em toda a perfeição das suas graças e donaires. *(D. Mecia inclina-se em signal de agradecimento.)*

Gonçalo — Aproveitar-me-hei tambem senhor. *(Olhando para D. Nuno)* Havemos de bailar juntos... Ah!...

(soltando um gemido alongado sem desviar os olhos de D. Nuno.)

D. Nuno — *(estupefacto)* Que terá hoje este espantalho!

D. Fernando — D. Joanna, cumpri a formalidade e vamos á festa. D. Nuno, approximai-vos.

A. Pimentel — *(baixo a D. Joanna)* E a chave?

D. Joanna — D'aqui a um instante. *(D. Nuno avança e põe um joelho em terra e D. Joanna tira o bracelete para lh'o cingir)*

Ide, meu joven guerreiro,
Ide e voltae triumphante,
Mas recordai-vos primeiro
Que vos incita ao valor,
O distinctivo brilhante,
D'altas emprezas, penhor.

Digno é dos vossos cuidados,
Da fama, nome e nobreza
Dos vossos antepassados;
Do muito que el-rei vos ama,
E da graça e gentileza
Da vossa escolhida dama.

D. Nuno:

Por tudo isso, aqui vos juro,
Que onde mais se attear a chamma
Do combate, eu mais seguro
Luctarei como quem ama.

(D. Joanna ao cingir-lhe o bracelete deixa cair da cintura uma pequena chave d'ouro).

D. Joanna — E agora...

D. Nuno *(apanhando rapidamente a chave)* Senhora... *(querendo apresentar-lh'a.)*

D. Joanna — *(a meia voz sem dar pela chave)* Prudencia!

D. Nuno — *(guardando a chave)* Bem... isto é mais do que eu esperava!

D. Fernando — D. Ignez Annes, devo dizer-vos alguma cousa ácerca de um projecto dos vossos antepassados que talvez consiga realisar... Fallaremos depois do torneio. A' festa! *(indo para sair.)*

A. Pimentel — *(baixo a D. Joanna)* E a chave?

D. Joanna — Eil-a... *(indo a tiral-a)* Jesus, que a perdi! cahiu-me de certo, tinha-a agora mesmo aqui. Procurae que haveis de achal-a.

D. Fernando — *(parando a contemplar D. Mecia; áparte)* Que vontade de rir me faz, ver a Ribadaneira a derreter-se com os olhos fitos em D. Nuno. *(alto)* Vamos D. Joanna, á festa!

A. Pimentel — *(baixo a D. Joanna)* Não a vejo!

D. Joanna — *(a D. Fernando)* Partamos... *(a Pimentel)* procurae, procurae...

Gonçalo — *(baixo a D. Nuno)* Permitti que vos offereça o braço...

D. Nuno — *(rindo e dando-lhe uma forte palmada no hombro.)* Muito fraco para me apoiar!

(Gonçalo Mendes faz um tregeito como se o tivessem derreado.)

João das Regras — *(a D. Constança)* Senhora... *(offerecendo-lhe a mão.)*

D. Constança — Obrigado, doutor...

D. Fernando — Onde estaes, Affonso Pimentel?

A. Pimentel — *(que tem procurado sempre a chave com os olhos)* Aqui, meu senhor... *(áparte)* Não a

vejo! *(Desce com D. Fernando e D. Joanna, damas e pagens.)*

D. Ignez — *(A primeira a affastar-se de D. Nuno como reprehendendo-o)* Oh! *(junta-se a D Constança.)*

D. Nuno — *(Como quem tenta justificar-se.)* Mas...

D. Mecia — *(Do outro lado, com effusão.)* Ah! *(Affasta-se.)*

D. Nuno — *(com gracioso despeito.)* Então?...

Gonçalo — *(do lado em que está D. Ignez, tomando o braço a D. Nuno.)* Até que emfim!

D. Nuno — *(áparte)* Que demonio quer esta aventesma que me não larga! *(encaminha-se para o fundo cortejando Gonçalo Mendes.)* Viva! Passe muito bem!

(Côro de cavalleiros de escudos e lanças em riste, caminhando do fundo á bocca da scena, simulando a lucta).

Côro de cavalleiros

Avante meu corsel, firmeza!
Recua agora e foge! avante!
Supporta os acicates, galga
Barreiras que topaste, adiante!

Côro de damas

Figura de gentil belleza,
Occulta bem o teu semblante,
Sustem o escudo e aggride ousado
Quem busca arrebatar-te a amante.

(Repetem juntos o côro das damas e cavalleiros, começando a sair para o combate pela porta do fundo; cae o panno).

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

Os aposentos de D. Joanna Telles. Duas portas, uma que deita para o gabinete e outra de saída secreta; uma terceira porta lateral que serve de entrada commum. Mobilia rica, candelabros, jarras e vasos de flores, etc.

SCENA I

JOÃO DAS REGRAS *e* GONÇALO MENDES *que entra primeiro, fallando com muito calor.*

GONÇALO — As vossas reflexões são inuteis. Estou decidido.

JOÃO DAS REGRAS — Pensae bem... não estaes já no vigor da idade e essa donzella ainda que bastante nova, póde ter já alguma inclinação. O seu proprio disfarce o inculca.

GONÇALO — Ah! meu douto amigo, vós que instruido pelo vosso mestre Baldo soubestes com tanta força de razões sustentar a legitimidade do papa Urbano contra os cardeaes que pugnavam pelo de Avinhão, não podeis aconselhar-me, no meio d'este labyrintho?... Não posso avistal-a sem me sentir cada vez mais inflammado. Dizeis-me que póde ter já alguma inclinação... Por ventura não é em mim que ella emprega as suas attenções?... Esta noite, está o rei ainda muito distrahido com as diversões que lhe preparam, mas amanhã, o mais cedo que poder, apresentar-me-hei reverentemente a fazer-lhe o meu pedido.

JOÃO DAS REGRAS — *(áparte)* Deve ser divertidissmio!

Gonçalo — Eu não sei como não estoiro de riso, quando vejo essas donzellas a derreterem-se pelo supposto D. Nuno, principalmente a Ribadaneira! Isto é a cousa mais chistosa do mundo! A quem é que ella ama e dirige as suas declarações?... A uma menina e moça, sua prima, que uza o mesmo appellido; mas reflectindo bem, deve ter-se em conta que causou admiração e surpreza no torneio. Que firmeza no arção! que vigor de musculos investindo com a lança! que força de pulso!

João das Regras — Se a tivesseis na defeza do castello de Lisboa, não poriam lá pé os castelhanos, vos asseguro.

Gonçalo — Parecia o genio de Marte! Por S. Thiago! para possuir esposa d'este quilate, bem desejaria ter meia duzia de annos de menos.

João das Regras — *(áparte)* Duzia e meia e não seria de mais!... *(alto)* Póde porem saber-se o que vindes fazer aos aposentos de Joanna Telles?...

Gonçalo — Procuro occasião de a encontrar e penso que não faço mal esperando aqui. E' necessario que eu a previna das minhas intenções com a bella vergontea dos Ribadaneiras. Obtendo o seu appoio, uma só palavra que ella dê ao rei, é negocio concluido. Os corações que amam, encontram sempre disposto á benevolencia o escravo submisso de D. Leonor.

João das Regras — *(áparte)* Quem o podesse libertar! Consigamos ao menos que o rei fraco nos salve celebrando a paz. O ajuste de contas, fal-o-ha depois o mestre d'Aviz. Alguem se approxima.

Gonçalo — E' D. Constança de Noronha e Ignez Annes que se encaminham para aqui.

João das Regras — *(rindo)* Duas rivaes que nos não podem tragar. Preparae-vos para a lucta.

SCENA II

D. Ignez, D. Constança *e os mesmos*

D. Constança — *(com despeito)* Venceu, sim, venceu, mas foi devido mais á destreza que ao valor.

D. Ignez — Cuidado, não duvideis da coragem de quem tanto a tem mostrado em tão verdes annos. Pelo menos, na minha presença, ninguem ousará sustentar o contrario.

D. Constança — Mas de que provem esse ardor? Sois porventura madrinha ou protectora de D. Nuno? A propriedade do bracelete pertence exclusivamente a D. Joanna Telles e já não é pouco se apenas vos concedeu guardal-o.

D. Ignez — *(áparte)* E' incontestavel. Não tenho remedio senão disfarçar a minha colera.

Gonçalo — Ora vamos, minhas joias, ponham de parte essas discussões e deixem em paz D. Nuno. O seu destino está já traçado. E' preciso resignar-vos, minha bella Ignez Annes.

D. Ignez — Muito obrigado pela advertencia. *(áparte)* Tambem este exotico poltrão vem dar a sua sentença... Que praga!

D. Constança — E crêdes que esteja definitivamente traçado o destino de D. Nuno?...

Gonçalo — Nem se pergunta... Ahi está o douto João das Regras que melhor o póde confirmar do que eu.

João das Regras — Sois competentissimo para o di-

zer e tanto basta para que me dispenseis de o confirmar. Depois, bem sabeis quanto sou discreto e se me confiam um segredo ou dou a minha palavra de o guardar, ouça o que ouvir, digam o que disserem...

GONÇALO — Eu cá então sou o contrario; em me puxando pela lingua, ponho logo tudo para ali em pratos limpos. Por isso, repito o que disse e se ha alguem que tenha as suas esperanças em D. Nuno, tire d'ahi o sentido. Perdem o tempo pensando no gentil pagemsinho...

D. CONSTANÇA — Eu não o dizia?... (*a D. Ignez*) E' a irmã da rainha que o domina.

GONÇALO — (*rindo*) Ah! ah! ah! que o domina! Lá por lhe ter posto no braço o bracelete...

D. CONSTANÇA — Pois eu intendo que a benevolencia póde estender-se do braço á mão... é tão perto uma cousa da outra...

GONÇALO — O quê! a ponto de apertar o nó?...

D. CONSTANÇA — E quem o duvída?

GONÇALO — (*rindo*) Ah! ah! ah! pois aposto que tal não succederá. Olé!

JOÃO DAS REGRAS — (*baixo a Gonçalo Mendes*) Se continuaes por esse modo a dar com a lingua nos dentes, estaes aceiado!

GONÇALO — Eu sou muito esperto, vou já remediar tudo. Estará já D. Nuno secretamente ligado?...

D. CONSTANÇA — Uniu-se por ventura a alguma nobre dama?... Dizem que o pae lhe destina D. Leonor d'Alvim, rica dona de Entre Douro e Minho.

GONÇALO — Não é nada d'isso; é um segredo que diz respeito a D. Mecia Ribadaneira.

D. CONSTANÇA — Quem tal diria! que assombro!

D. Ignez — Querem ver que o estouvado está disfructando a carcassa?

João das Regras — *(Rindo)* Vae-se embrulhando cada vez mais a meáda.

Gonçalo — Não se trata de dar a mão áquella donzellona... são outros laços, por que elle aqui para nós, não é... mas a irmã da rainha não apparece e vejo que passou decididamente aos aposentos de D. Leonor. E eu que preciso tanto fallar-lhe... Reservar-me-hei para momento mais opportuno. Se vos apraz, doutor, passemos á sala d'armas.

D. Ignez — (*correndo a Gonçalo Mendes*) Tenho o grande defeito de ser curiosa. Dizei-me pois...

Gonçalo — Ficae se quereis divertir-vos com D. Constança de Noronha *(A'parte)* Convem-me affastal-a, por que posso desafiar os zelos do supposto D. Nuno.

D. Ignez — Preciso dizer-vos ainda uma cousa.

Gonçalo — Desculpae-me, estou compromettido e não posso demorar-me um instante.

D. Constança — Não insteis, bem vêdes que o espera a sua amada...

Gonçalo — E' muito mais do que isso... ha de ser minha esposa!

D. Ignez — Esposa... essa agora é melhor!

Gonçalo — A'manhã sabereis tudo, amanhã...

D. Constança — Amanhã...

Gonçalo — Se Deus quizer... mas isto aqui entre nós. Se o rei o consentir... podereis amanhã mesmo assistir ás festas do noivado.

D. Constança — (*rindo*) Noivado... com a Ribadaneira?...

Conçalo — Ah! ah! ah! (*rindo tambem*) Ahi está o

que se chama adivinhar... Ah! ah! ah! uma Ribadaneira, justamente!

D. Ignez — Estaes zombando?...

Gonçalo — Palavrinha d'honra *(indicando João das Regras.)* Aqui está quem vos póde informar. Não é verdade que a nobre e gentil Ribadaneira será minha, ámanhã?

Eu já não sei o que sinto,
Nem que prazer me extazia!
E' como um gozo celeste
Que docemente enebria.

Meu desejo mais ardente
Eu vos posso assegurar,
Pois em rapidos momentos
O verei realisar.

D. Ignez *e* D. Constança:

Seu desejo mais ardente
Não duvida assegurar,
Pois em rapidos momentos
O verá realisar!

Gonçalo — Affirmo-vos que terei o gosto de ver cumprido o meu desejo mais ardente. *(sae)*

D. Ignez — *(para João das Regras)* Poderei acreditar no que elle diz?...

João das Regras — Escutae. Se por ventura lhe entrou na cabeça esposar uma Ribadaneira, crêde que o realisará; mas guardae silencio, pois como se trata de uma scena chistosa, de uma verdadeira surpreza, o rei gosta de ser o primeiro a sabel-a para a contar a to-

dos. Sêde prudentes. Comprometti-me com a irmã da rainha a vigial-os e é preciso que os não perca de vista. *(sae)*

SCENA III

D. Ignez *e* D. Constança

D. Constança — E' inutil! Não posso acreditar que se lhe mettesse na cabeça conquistar a Ribadaneira.

D. Ignez — Deploravel symptoma! Ir casar uma donzella da côrte e começar logo pela mais velha!...

D. Constança — Acho rasoavel. E' a que tem esperado mais.

D. Ignez — (*despeitada*) Julgo acceitavel a preferencia mas nas audiencias da rainha; fóra d'isso...

D. Constança — Estimareis mais que vol-a concedessem com D. Nuno.

D. Ignez — Para que hei de negal-o?

D. Constança — Principalmente agora, que vos vae deixar o campo livre a vossa rival.

D. Ignez — De quem pertendeis fallar?...

D. Constança — Ora, de quem ha de ser, da respeitavel figura que se approxima e que na vossa propria presença acaricia D. Nuno.

SCENA IV

Os mesmos e D. Mecia Ribadaneira

D. Mecia — (*desgostosa por encontrar D. Ignez e D. Constança; áparte*) Que farão por aqui estas lambisgoias?... (*alto*) Não sei por que abandonastes o salão que os bobos e jograes teem animado tanto. A

conversação corre animadissima. Bem deveis saber que em taes reuniões, quando falta a belleza...

D. Constança — Tendes razão; volto para lá, mas com todo o meu vagar. Creio que ninguem terá dado facilmente pela vossa falta. (*áparte*) Não se póde deixar de ser insolente com esta atrevida. (*sae*)

D. Mecia — (*depois de a ter mirado de alto a baixo*) O que vale é que a prudencia nasce da madura reflexão... quero dizer, da cultura do espirito...

D. Ignez — (*a D. Constança*) Cuidado, bem sabeis como ella é... (*a D. Mecia*) Respondei-me antes á pergunta que ha pouco vos fiz. Sabeis onde está D. Nuno?

D. Mecia — Mas se vos disse já que não sabia!... (*A'parte*) Pobre moço! Está naturalmente esperando por mim nos meus aposentos e eu a perder aqui um tempo precioso. (*Alto*) Ide, ide á sala d'armas, preciso ficar só. (*Entram duas camareiras com uma pequena banca com toalha e serviço de refrescos, doces, etc., collocam-n'a a um lado da scena e retiram-se*) A irmã da rainha que não deve tardar aqui, encarregou-me de certa commissão que tenho procurado desempenhar o melhor que posso. Nós, as damas galantes, obsequiamo-nos mutuamente da melhor vontade. (*Põe dois tamboretes junto da meza*)

D. Ignez — (*apressadamente*) Para que são esses tamboretes?...

D. Mecia — Para que são?... para que são?... Que curiosidade de abelha mestra!

D. Ignez — (*A'parte*) Olha quem falla!...

D. Mecia — Vamos, eu tambem saio.

D. Ignez — Por favor, escutae-me um instante.

D. Mecia — Esta insistencia...

D. Ignez—Sêde mais condescendente e se responderdes á minha pergunta, dir-vos-hei uma cousa que muito vos interessa e vos dará grande prazer.

D. Mecia:

Que cousa será, saibamos,
Dizei-a, por compaixão,
Não mortifiqueis, vos peço,
Meu sensivel coração.

D. Ignez: (*com mysterio*)

Respondei-me vós primeiro;
D'aquelles bancos, um d'elles
E' para Joanna Telles?...

D. Mecia:

De certo.

D. Ignez:

Mas o outro, então...
E' destinado a D. Nuno?

D. Mecia: (*Formalisada*)

Callai-vos, que estaes dizendo!

D. Ignez:

Vós que o callais, sabendo...

D. Mecia:

Sim?... pois eu digo que não.

D. Ignez:

Para quem julgais que seja?...

D. Mecia:

Sei lá! Que dizer-me tendes?

D. Ignez:

Que a fortuna vos bafeja
E um consorcio vae haver.

D. Mecia:

Quem julgais que seja o noivo?...

D. Ignez: — (*Indicando o banco*)
Sabeis quem vem occupal-o?
D. Mecia:
E para que hei de occultal-o?
João Affonso, ha de ser.
D. Ignez:
Caçoais commigo. E' D. Nuno.
D. Mecia:
A' fé de donzella honrada...
D. Ignez:
Basta, não direi mais nada.
D. Mecia:
Agora toca-me a vez.
Mas então em quem se falla
Para ser meu pertendente?...
D. Ignez:
Disfarçais prudentemente...
Gonçalo Mendes, talvez.
D. Mecia:
Ora! por essa noticia,
Muito obrigado vos fico.
D. Ignez:
Que o não digais, vos supplico,
A ninguem, seja quem fôr.
D. Mecia:
Mas por quem foi que soubestes,
D'esse ridiculo trama?
D. Ignez:
Pelo proprio que o proclama
E pelo sabio doutor.

D. Mecia — Basta, basta, isso não foi mais de que um gracejo inventado para divertir a côrte á minha

custa. Não importa. Peço-vos novamente que vos retireis. (*Passeia de um lado para o outro, agitada e com mau humor).*

D. Ignez — Vou e não direi nada. *(Dá alguns passos para sair, mas detem-se; áparte)* Dois logares reservados... E D. Nuno não apparece! Ia apostar que n'este momento está escondido n'aquelle gabinete. Aproveitemos o momento em que ella está distraida... sempre é bom ver.

D. Mecia — *(depois de murmurar baixinho)* Pois que se livre de pensar em mim! Velho remoçado á força de arrebiques, quem te metteria na cabeça esposar uma donzella da minha idade?... Que figura imaginas que eu represento no mundo?... De tua sobrinha, talvez?... Vamos ter com D. Joanna e levar-lhe a chave. *(Sae e sente-se fechar a porta á chave).*

D. Ignez — *(Que volta do gabinete emquanto a outra sae.)* Bonito! foi-se e deixou-me aqui fechada. Nada, o melhor é chamal-a. *(detendo-se)* Se o faço, vae accusar-me justamente pela minha ousadia. Hesito... mas emquanto estou reflectindo, affasta-se. Se D. Joanna chega e me encontra?... de mais a mais, vindo em companhia... E eu que estava tão desejosa de sabel-o, receio agora tanto expôr-me!... Não ha remedio senão ficar... Dois tamboretes... será para D. Nuno um d'elles?... *(sente-se abrir a porta secreta)* Meu Deus! Estão abrindo uma porta... toda eu tremo... Que hei de fazer?... Ah!... esconder-me n'aquelle gabinete. *(entra).*

SCENA V

A mesma e D. Nuno vestido de outro modo, entrando com a maior precaução pela porta secreta.

D. Nuno:

Tudo vae ás mil mar'vilhas,
Como sou afortunado...
Porta, chave e occasião! *(Avança cautelosamente)*

D. Ignez: *(A' porta do gabinete).*

Bem o suppuz... scelerado!

D. Nuno:

Para a primeira aventura
Faço um grande figurão!

D Ignez:

Como se gaba, atrevido!
Isto é para desesp'rar.

D. Nuno:

Com que habilidade e graça
Fez-me a chave aos pés saltar! *(Guarda-a)*

D. Ignez: *(áparte)*

Duro castigo merece
O delicto de a apanhar.

D. Nuno: *(Chegando mais á bocca de scena)*

Na intriga dos galanteios
Fui por acaso arrastado;
Buscando empregar os meios,
Convem ser dissimulado.
Galanteador excellente
Não se pode ser tambem,
Se falta a um imprudente
A arte de fingir bem!

D. Ignez:

E tão novo é já artista!
Não precisa incitamento.

D. Nuno: *(Chegando-se á meza).*

Bravo! para uma entrevista
Isto é um grande elemento!
Acipipes saborosos,
Aves com bello recheio,
Dôces, vinhos generosos...
Refrigerio animador
Será depois do torneio
Ante um olhar seductor.

D. Ignez: *(Com amargura).*

Bem se vê quanto lhe querem
Do conforto pelo aspecto,
Se todas assim fizerem
Como lhes será fiel!...

D. Nuno: *(Provando um dos acipipes).*

E' manjar meu predilecto...

(Depois de provar)

Carregaram-n'o de mel!

D. Ignez:

E' um guloso completo
E um namorado infiel.

D. Nuno:

Este bom vinho provemos

(Deita vinho n'um copo)

Que tão lindo brilho dá.

D. Ignez:

Não usa de cerimonias
Como em sua casa está!

D. Nuno: *(Pegando no copo e fazendo um brinde)*

Licor delicioso,
Nectar precioso,
Divino licor!
Aroma excellente
Que enebria a gente
Nas ancias do amor!

Que travo tão bello,
E rico sabor!
Eu sinto ao bebel-o
Ardente calor!

No embate da vida,
Na lucta renhida
Que nos faz tremer,
Valor fortalece,
Nosso peito aquece,
Convida ao prazer!

Que travo tão bello
E rico sabor!
Eu sinto ao bebel-o
Ardente calor!

(Depois de beber) E' bom! extraordinariamente bom! E quando eu o digo, é por que sei quanto elle vale.

D. Ignez — Puf!... tambem este vicio!

D. Nuno — Querem ver que a esta hora andam todos á minha procura sem que ninguem suspeite do meu feliz esconderijo. Sò me falta obter o triumpho.

D. Ignez — Malicioso!

D. Nuno — Não sei o que daria para que Ignez Annes podesse presencear esta deliciosa entrevista.

D. Ignez — *(A'parte)* Ah! perverso! Não tem a candidez do pagem, mas a monstruosidade de um dragão!

D. Nuno — Parece que me ama loucamente.

D. Ignez — *(Desesperada)* Pelo contrario, aborreço-te. *(Entra e fecha a porta).*

D. Nuno — *(Que lhe pareceu ouvir uma voz)* Hein? ia jurar que tinha ouvido uma voz. Estará alguem no gabinete? *(Sente-se abrir a porta da parte de fóra)* Eil-a que chega... mas se ella não vem só?... A prudencia aconselha-me a ser cauteloso. *(Vae esconder-se na porta secreta.)*

SCENA VI

Os mesmos, D. Joanna que entra com precaução e em seguida Affonso Pimentel.

D. Joanna — Fechae, fechae depressa e sem fazer ruido. *(Pimentel obedece).*

D. Nuno — *(Sem se mover, vendo Pimentel)* Olé! mouro na costa!

D. Ignez — Agora é que eu não percebo isto!

D. Nuno — Os tamboretes são dois... aqui estamos tres... logo eu sou de mais.

D. Joanna — Assegurais-me então?...

A. Pimentel — Não me foi possivel encontral-a. Atravesso os corredores, precorro as salas, indago, chamo e procuro... tudo em vão!

D. Nuno — Não percebo o que dizem?

D. Ignez — Encontral-a?... Procuravam então uma mulher. Naturalmente era eu!

D. JOANNA — *(A Pimentel)* Sentemo-nos. Mandei preparar esta refeição para animar um pouco o que temos a dizer. O notario não deve tardar.

D. NUNO — Bravo, vem tambem um notario!...

D. JOANNA — Pedi á Ribadaneira que se desse ao incommodo de o introduzir aqui, de modo que ninguem o visse. Quaes são pois as razões que pretendeis allegar para me convencer de que devo submetter-me ao jugo matrimonial?

A. PIMENTEL — As do meu amor, simplesmente.

D. JOANNA — Devo confessar-vos que são muito fracas.

A. PIMENTEL:

Oh! deixae esse tom de gracejo
Que me affrouxa e me faz comprehender
Que em vosso animo a minha influencia
Efficaz não se póde exercer.

E o desejo invencivel não cessa
De um ao outro os destinos unir,
Quando a côrte que intentos devassa,
Já do caso começa a inqú'rir.

E pergunta quem é essa noiva
Que em mysterio eu occulta assim tinha,
E quem é o pref'rido ditoso,
Da belissima irmã da rainha?

Decidamo-nos pois á surpresa
E esse impulso se inspire no amor,
P'ra que eu beije rendido essas mãos,
Fascinado n'um olhar seductor.

QUARTETTO

(Pimentel repete esta ultima estrophe.)

D. Joanna:

Agradeço-vos pois a franqueza
Se provem d'um transporte d'amor,
Mas cuidado, que póde cegar-vos,
D'esse olhar o luzente fulgor.

D. Nuno:

A sorrir lhe agradece a franqueza,
Mas não crê nos protestos d'amor
E recorda-lhe o p'rigo que affronta,
Pondo a vista no olhar tentador.

D. Ignez:

Ai! do pobre D. Nuno, a tristeza,
Na primeira aventura d'amor,
Por se ver derrotado e vencido,
Quando a côrte o acclamou vencedor!

D. Joanna — Devo advertir-vos que uma longa cadeia...

A. Pimentel — Isentos de absurdas convenções, não ha cadeias que nos amedrontem. Ah! senhora, tende um pouco mais de confiança nas vossas prendas e virtudes, nos merecimentos que vos distinguem. Tudo isso que vos serve de escudo, é a melhor garantia da minha constancia e lealdade. Tudo creio, tudo espero e confio de vós. Eu estudarei o meio mais efficaz de não desmerecer a vossa estima e de vos atear no coração uma scentelha de amor. Não, adoravel Joanna, não heis de querer recompensar-me tanto affecto com tamanha injustiça. Entrego nas vossas gentis mãos o meu destino. *(Beijando-lh'as.)* E' este o juramento que deponho n'ellas. *(Sentam-se á meza.)*

D. Nuno — *(Áparte)* Se foi para presencear esta scena que ella deixou caír a chave, não lhe agradeço a cortezia.

D. Ignez — *(Do outro lado)* Estou bem vingada! Que humilhação!

D. Joanna — E' inutil! A vida do homem está vinculada ás alternativas de certas eventualidades que não podemos superar. *(Servem-se.)*

A. Pimentel — *(Sorrindo)* Não conheço bem o sentido das vossas palavras.

D. Joanna — Malicioso... Pois bem, serei vossa esposa. Estaes satisfeito?

A. Pimentel — (*com transporte*) Acreditai, senhora, que é este o dia mais venturoso da minha vida. Nunca o esquecerei.

D. Nuno — Um brinde ao proximo hymineu!

D. Joanna — Aprecio o vosso jubilo, mas não me sinto tranquilla.

A. Pimentel — Então porquê?

D. Joanna — Porque se vae demorando muito o notario.

D. Nuno — *(A'parte)* Não tenho remedio senão ir chamal-o.

A. Pimentel — Pareceu-me ouvir...

D. Joanna — Esperae... *(Vae á porta da entrada e escuta)* E' a Ribadaneira. *(Abre-a; Pimentel levanta-se.)*

D. Nuno — *(no mesmo sitio)* Para ser homem de espirito, é preciso dar-lhe a conhecer que presenciei tudo.

SCENA VII

Os mesmos e D. Mecia.

D. Mecia — *(Agitada)* Ah! se soubesseis...

D. Joanna — E o notario?...

D. Mecia — Quem foi capaz de lhe pôr a vista em

cima?... Estes velhos julgam que podem voltar ao tempo da infancia... Mas vamos ao que importa.

D. JOANNA — De que se trata?

D. MECIA — Sabeis lá! Toda a côrte foi chamada aos aposentos da rainha, que deseja entregar com a sua propria mão, na presença de todos, uma prenda a D. Nuno. Procuram-n'o por toda a parte e ninguem sabe onde elle pára. *(A'parte)* Quatro vezes o busquei sem conseguir pôr-lhe a vista em cima!

A. PIMENTEL — E sabeis qual é a prenda que D. Leonor lhe destina?

D. MECIA — Uma cota bordada a ouro pelas suas regias mãos e que por auctorisação do monarcha...

D. NUNO — *(Apresentando-se)* Essas honras ganham-se!

D. JOANNA — Então que é isto!...

A. PIMENTEL — *(A'parte)* Ah! Foi este endiabrado que encontrou a chave!

D. MECIA — Bem podia esperar por elle!...

D. NUNO — (*Respeitosamente*) Perdoai-me, senhora, se vos causei desagradavel surpresa, mas uma tal noticia...

D. JOANNA — (*Disfarçando*) Fostes vós provavelmente que encontrastes uma chave...

A. PIMENTEL — Deveis suppôr que a vossa ousadia...

D. NUNO — Será grande, mas foi maior a decepção que tive e para gente da minha raça, é muito! Nada mais posso fazer que congratular-me comvosco pelo bom exito que obtivestes. Ouvi tudo e de tudo tive a honra de ser testemunha. Senhora, aqui tendes a chave e o bracelete. A minha missão junto de vós, está concluída.

D. JOANNA — *(A Pimentel)* Não calculais como estou mortificada.

D. Mecia — Sempre é uma rival de menos, mas a boas horas!

A. Pimentel — *(Baixo a D. Joanna):*

Convem-nos que este imprudente
Silencio saiba guardar;
Se o advirto, certamente,
O caldo vae entornar.

D. Joanna:

Bem, D. Nuno valoroso,
A chave quero acceitar
E o bracelete precioso
Deixo para vos honrar.

D. Nuno:

Deixais-me senhora o menos,
Não é para agradecer...

A. Pimentel:

Os meus zelos são venenos
Que me fazem padecer.

D. Joanna — *(A D. Nuno).*

Penhor será do segredo
Que á lealdade se fia,
Tão propria de cavalleiro
E da vossa fidalguia.

D. Nuno:

Ai! que bondade transpira
A confiança que inspirei!

A. Pimentel:

Cruel receio me assalta...

D. Joanna:

Justiça fazer-vos sei.
Mas ha que tempo, observando,
Me estaveis vendo e escutando,
Pelo amor de Deus, dizei.

D. Nuno:

Cheguei primeiro e ouvi tudo,
De principio até ao fim.
Com transporte a mão beijar-vos
Eu senti... assim... assim. *(Beijando-lh'a)*

TERCETTO

A. Pimentel *e* D. Joanna:

Chegou primeiro e ouviu tudo,
De principio até ao fim!

D. Nuno:

Com transporte a mão beijar-vos
Eu senti... assim... assim.

D. Ignez — *(Saíndo de improviso do gabinete e batendo no hombro de D. Nuno)* Não é preciso mostral-o tanto ao vivo, gentil pagem.

D. Joanna — *(Surprehendida)* Meu Deus!

A. Pimentel — *(Observando friamente em redor de si)* Vejamos se ha ainda outras portas d'onde nos surjam novas testemunhas.

D. Nuno — Por minha fé, que foi uma entrevista muito reservada!

D. Joanna — *(Depois de ter olhado para A. Pimentel, sorrindo)* Que dizeis a tudo isto?

A. Pimentel — Que quereis que vos diga, senhora... *(Sorrindo.)*

D. Joanna — Parece uma cilada...

D. Ignez — *(A meia voz a D. Nuno)* Perfido!

D. Nuno — *(Como desculpando-se)* O acaso... um puro acaso...

D. Mecia — *(Do outro lado)* Traidor!

D. Nuno — Tambem esta; safa!

D. JOANNA — *(A Pimentel)* N'este caso, que devemos resolver?...

A. PIMENTEL — Não sei... mas este enlace já me parece publico, apesar de não haver intervido o notario.

D. JOANNA — E vós Ignez, como explicais?

D. IGNEZ — Dir-vos-hei a verdade, porque não sei faltar a ella. Vim aqui para saber... *(Contendo-se; a D. Nuno que se approxima)* Não era a vosso respeito, descansai...

D. NUNO — Não era a meu respeito, mas de uma pessoa que eu conheço muito de perto.

D. IGNEZ — Basta, deixai-me fallar. Sem que ninguem me podesse surprehender, entrei n'aquelle gabinete. A Ribadaneira, julgando que eu tivesse sahido, retirou-se e quando eu quiz partir d'aqui, achei-me fechada.

A. PIMENLEL — Vistes então chegar D. Nuno?...

D. IGNEZ — Vi... se o não havia de ver! E quereis saber o que fez quando se viu só?... Poz-se a comer e a beber como um glotão!

D. NUNO — Não sei em que se empregue melhor o tempo quando se está ocioso.

D. JOANNA — *(Passado um momento, a Pimentel, no tom anterior)* Então, Affonso?!...

A. PIMENTEL — Que quereis, senhora?...

D. JOANNA — Agora não ha remedio; estes não se calam e são tão imprudentes...

A. PIMENTEL — Obriguemol-os a ser discretos, castigando-os severamente. Unamol-os pelos laços do matrimonio. Fallai n'isso a el-rei.

D. IGNEZ — *(Com satisfação)* Pela minha parte, sou docil; quando erro e me impõem qualquer castigo, encontram-me sempre submissa e resignada.

D. Nuno — Sim?... Pois a mim succede-me o contrario, sou impaciente e recalcitrante.

D. Mecia — Bravo, D. Nuno! Tendes o verdadeiro caracter de um heroe que heis de ser. *(A'parte)* Quero-o para mim.

SCENA VIII

Os mesmos, D. Constança *e* Gonçalo Mendes.

D. Constança — (*A D. Joanna*) Senhora .. (*A'parte*) D. Nuno aqui! Tenho o prazer de reunir n'uma só, duas commissões importantes. (*A D. Nuno*) El-rei e a rainha, mandam-vos procurar por toda a parte e perguntam tambem por vós. (*A D. Joanna*).

D. Joanna — Vamos. (*A Pimentel*) E' preciso não impacientar minha irmã.

A. Pimentel — E' a vós que vos cumpre apresentar este aventureiro e contar o occorrido.

D. Joanna — E' um genio singular e creio que o seu arrojo não deixará de agradar a D. Fernando.

A. Pimentel — E se o rei se mostrar de mau humor, estou certo que a scena que preparei me alcançará desculpa.

D. Joanna — (*Vendo Gonçalo Mendes*) Gonçalo Mendes! Não estou bem aqui. Vinde commigo, D. Nuno.

D. Nuno — Seguir-vos-hei.

Gonçalo — (*Chegando perto de D. Nuno, com a mais viva expressão*) Não vos esqueçais de mim... tende-me sempre na idéa.

D. Nuno — Já cá faltava!... Esta mumia vae-me importunando demasiado. *(Descendo com D. Joanna e Pimentel)*

D. Ignez — Em o não tendo ao pé de si, é uma lastima!

Gonçalo — (*Rindo*) Ah! ah! ah!

D. Mecia — (*Mirando Gonçalo Mendes com os olhos baixos*) Cada vez mais galanteador!

D. Constança — Não aspirar á sua mão, é já uma vantagem para Affonso Pimentel.

Gonçalo — (*Rindo*) Ah! Ah! Ah!

D. Mecia — D. Nuno não acceitará a mão de nenhuma d'essas delambidas. Aspira a outra que eu cá sei.

Gonçalo — (*Rindo menos forte*) Ah! ah! ah!

D. Ignez — (*Despeitada*) Fazeis tenção de ficar a rir?...

Gonçalo — Eu cá tenho as minhas razões... Ah! Ah! Ah!

D. Ignez — Não vos intendo.

Gonçalo — Se D. Nuno alguma vez se resolver a dispôr da sua mão, eu bem sei quem a ha de possuir.

D. Ignez — Então quem é?...

D. Constança — Fallai.

D. Mecia — Sê-de franco, explicai-vos.

Gonçalo — Quereis sabel-o?... Pois bem! Quem ha de possuil-a... sou eu!

D. Ignez, D. Constança *e* D. Mecia — (*Rindo*) Ah! ah! ah!

D. Mecia:

Que desproposito este,

D. Constança:

Que louca série de enganos!

D. Ignez:

Que enfadonha impertinencia

GONÇALO:

Bem se vê que a não conhecem...
Que direi?... dos verdes annos,
Ai! ó santa inexperiencia!
(D. Mecia inclina-se.)
Não é por vós que o digo...

D. CONSTANÇA:

Então por quem o dizeis?...

GONÇALO:

Repeti-o ha pouco tempo
E bom é que o recordeis...
De D. Nuno, a sorte estava
A decidir n'este dia;
O seu mysterio acabava
E a sua mão obteria.

D. CONSTANÇA:

Que absurdo!...

D. IGNEZ:

Inacreditavel!...

D. MECIA — *(Com despeito):*

Descoberta de um sandeu
Que da bella mocidade
As velleidades perdeu!

GONÇALO:

Quem as mostra ter perdido,
O segredo ha surprehendido
Ao douto e sabio letrado
E de certo o vosso espanto
Não conterieis, se tanto,
Vos fosse emfim revellado.

D. CONSTANÇA — *(Cheia de curiosidade):*

Se os factos são verdadeiros,
Fallai com sinceridade.

D. Ignez — *(Com doçura):*

Co'a severa austeridade...

D. Mecia:

Dos mais nobres cavalleiros.

QUARTETTO

D. Constança, D. Ignez e D. Mecia:

Se os factos são verdadeiros,
Fallai com sinceridade.

Gonçalo:

Co'a severa austeridade
Dos mais nobres cavalleiros.

Gonçalo — E quem póde resistir a tantas graças?... *(D. Mecia inclina-se.)*

D. Constança — Dizieis pois?...

Gonçalo — Schius! Não reparastes como Affonso Pimentel deixou de mostrar ciumes de D. Nuno?

D. Ignez — E' verdade, é...

D. Mecia — E admirou-me bastante.

Gonçalo — Não sei porquê.

D. Ignez — E a mim tambem!

Gonçalo — Schius! Pois se elle sabia tudo!...

D. Ignez — Mas o que é que elle sabia?...

Gonçalo — Que D. Nuno... é uma femea!

D. Constança — O quê?... O quê?...

D. Mecia — *(Desalentada)* Jesus!

D. Ignez — Santo Deus!

Gonçalo — Schius! schius! calluda, não me atraiçôem, não descubram o arcano que deve estar reservado até um momento opportuno. Basta saber que o mysterio... quero dizer... contentai-vos em saber por emquanto, que D. Nuno... esse pagem gentil... é uma donzella e ámanhã o mais tardar.. será minha! *(Vae para saír.)*

D. Ignez — *(Soluçando):*

Que D. Nuno é rapariga...
Ora o que ha de vir a ser!
E eu que tanto o amava e esti e
Por elle mesmo a morrer!
Mas resigno-me ao saber
Que é esse Gonçalo Mendes
Que em sorte lhe vae caber!

D. Mecia:

Oh! isso nunca! impossivel!
Por minha rival, jámais!
Eu que fui sempre inflexivel
Aos seus rogos e aos seus ais!
Não 'stou disposta a ceder.
Ataca, Gonçalo Mendes,
Já me não sei defender!

D. Ignez — *(Soluçando):*

Ah! ah! ah! uma donzella!
Quem m'o havia de dizer!

DUETTO

D. Mecia:

Ataca, Gonçalo Mendes,
Já me não sei defender!

D. Ignez:

Ah! ah! ah! uma donzella!
Quem m'o havia de dizer!

(Desfallecem nos braços uma da outra, Gonçalo procura amparal-as a muito custo e cae o panno.)

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO III

Sala nos aposentos de el-rei; grandes janellas ao fundo, vendo-se o Tejo junto á ribeira de Santarem.

SCENA I

Peões, besteiros, cortezãos, damas e cavalleiros, D. Fernando, D. Joanna *e* João Sancho.

Côro de peões

Vinde, vinde, do rei á presença
E dizei-lhe o que andais murmurando,
Elle o manda, é com sua licença,
Vá do povo o conselho escutando.

Côro de cortezãos, cavalleiros e damas

Do villão tenho pena, coitado!
Em que assados se intenta metter;
Que sabe elle das cousas do Estado,
Para o rei o escutar e attender?!

D. Fernando — Por que andais por ahi blasonando ao povo contra a minha inacção, mostrando-vos entre todos o mais insoffrido e esquecendo-vos que sois um moço de baixa sorte, como filho de um palafreneiro d'el-rei D. Pedro?...

João Sancho — E' que apesar d'isso, sou d'aquelles que para impedir os infortunios da patria, tudo arriscam a troco das suas vidas e do seu sangue. Eis por

que, mostrando zelo igual á minha firmeza, clamarei ao povo que é uma infamia estar a ver arrastar a patria e não lhe acudir, por não faltar a uma obediencia sem merecimento, sendo mais glorioso para todos ir morrer debaixo das ordens de qualquer homem que nos queira guiar, do que na falta das do rei, consentir que os castelhanos se façam senhores de Portugal, acceitando-lhes condições de paz que são um embuste. Não nos falta valor para fazer em pó os nossos contrarios, o que nos falta senhor, é quem nos conduza, e por isso, o povo ou tem de instar ao rei que olhe por si e por todos, ou ha de buscar pessoa que contra os seus inimigos o governe.

D. Fernando — Causa realmente assombro que semelhante homem, ouse distrair os vassalos da minha obediencia e metter-se a interprete dos motivos que tenho para tratar pessoalmente com Henrique de Castella as condições de paz! Cautella com o teu espirito de revolta, que só castigo agora com o despreso que me inspira um mal nascido moço de mulas, que foi o mister de teu pae.

João Sancho — Senhor, eu conheço que assim é quanto dizeis, mas se vossa alteza tivesse muitos moços de mulas como este, os castelhanos nossos inimigos, não se atreveriam tanto a vós e ao vosso reino.

D. Fernando — Temerario! Levem-n'o. *(A'parte)* E quem sabe? Talvez tenha razão.

Côro de damas e cavalleiros

O moço de mulas
Julgou-se doutor,
Qual outro alfaiate
Feito prégador!

CÔRO DE PEÕES E BESTEIROS

Fallou pelo povo
Com todo o primor
E do rei á face
Subiu-lhe o rubor.

(Os cavalleiros affastam os peões e besteiros, que levam João Sancho e todos saem.)

SCENA II

D. FERNANDO *e* D. JOANNA.

D. FERNANDO — Vêdes o que é ser rei? A todos tem de dar contas e a todos tem de as pedir. *(Sorrindo)* Por isso vol-as peço, buscando conhecer melhor a historia da chave.

D. JOANNA — *(Perturbada)* Não vos disse já que me cahiu?...

D. FERNANDO — Sim... mas o motivo porque a levaveis?...

D. JOANNA — O mais innocente d'este mundo.

D. FERNANDO — Com essa ingenuidade, acabareis de provar-me que tenho sido injusto, fazendo-vos tantas perguntas.

D. JOANNA — E na verdade assim é.

D. FERNANDO — *(Rindo)* Se o estava adivinhando.

D. JOANNA — A chave devia ser entregue a João Affonso Pimentel.

D. FERNANDO — *(Com ironia)* Muito bem...

D. JOANNA — E se investigarmos a origem do que tem succedido, será necessario accusar-vos.

D. Fernando — O vosso engenho excede toda a minha espectativa.

D. Joanna — As vossas censuras, ainda que em tom amigavel...

D. Fernando — Serão mal apreciadas mas podem ser bem cabidas. Todo o cuidado é pouco com a calumnia; ponde os olhos em vossa irmã.

D. Joanna — Affonso Pimentel mostrava-se tão apressado...

D. Fernando — Desculpo a insistencia; mas a chave...

D. Joanna — N'essa noite, devia achar-se nos meus aposentos um notario. Tinhamos estabelecido algumas clausulas que offereciam contestação. Para que tudo fosse resolvido em segredo, quiz entregar a chave a Affonso, mas por desgraça, perdeu-se, indo caír por cumulo de fatalidade nas mãos d'essa arrojada creança que tudo affronta com firmeza e ousadia. Eis aqui como tratando de empregar os meios para mudar de estado, a fim de que não continuasseis a incitar-me a escolher esposo e só no empenho de satisfazer-vos, recorri ao expediente da chave. Ora sendo vós a causa principal da minha tentativa, só tendes a culpa do que succedeu.

D. Fernando — As razões são demasiado frouxas.

D. Joanna — A maior inconveniencia provem do atrevimento de Nun'Alvares. Vê caír uma chave a uma dama e em vez de lh'a restituir logo, apanha-a, serve-se d'ella, surprehende-me... Devo advirtir porem a vossa alteza que já lhe perdoei.

D. Fernando — Não me parece que a resolução de D. Nuno seja condemnavel.

D. Joanna — Não creio que possa justificar-se airosamente.

D. Fernando — Pois bem, ouçamol-o.

D. Joanna — Pelo amor de Deus, não façais tal; bem sabeis que não guarda reservas.

D. Fernando — Gosto da franqueza e aborreço aquelles que, carregando com a responsabilidade de uma falta, não podem dar prompta desculpa. *(Chamando D. Nuno.)*

SCENA III

Os mesmos e D. Nuno, *vestido já de outro modo.*

D. Nuno — A's vossas ordens, senhor.

D. Fernando — D. Joanna que sabe o elevado apreço em que vos tenho, já vos desculpou a ousadia; eu é que ainda não. Ponhamos de parte a imprudencia de apanhar uma chave que muito bem sabieis não poder servir-vos d'ella... Por que motivo a não restituistes a quem pertencia?...

D. Nuno — *(Com firmeza)* Foi essa a minha primeira idéa; mas como se me não tivesse proporcionado occasião de approximar-me de tão nobre dama durante o resto do dia, julguei ter usado de prudencia levando secretamente a chave aos seus aposentos.

D. Fernando — *(Olhando um momento para D. Joanna)* Parece-me que em vez de ter parte no aggravo, mostra que vos guardou... os maiores respeitos.

D. Joanna — *(Com ironia)* Obrigado, o vosso zelo penhora-me...

D. Fernando — *(A D. Nuno)* E não vos lembrou que seria mais conveniente deixar a entrega para esta manhã?...

D. Nuno — *(Sempre resoluto)* Oh! não, meu senhor; como poderia esta nobre dama passar uma noite tran-

quilla, ignorando em que mãos teria caído a chave de uma das portas dos seus aposentos?... Quiz evitar-lhe esse penoso martyrio, recordando as recommendações da rainha para que se tenha com sua irmã os maiores desvellos e acatamentos.

D. Fernando — *(A D. Joanna em voz baixa)* Bem vêdes como demonstra ter do seu lado a razão.

D. Joanna — *(Com ironia)* Mas se eu já o sabia antes d'elle se explicar.

D. Fernando — Vistes João Affonso Pimentel?

D. Nuno — Ficou conversando com a rainha que, não tendo podido saír do quarto para presencear a festa que elle preparou para vos distrair, escutava attentamente a descripção que d'ella lhe fazia.

D. Fernando — Podeis retirar-vos, mas não vos affasteis muito. *(D. Nuno faz uma venia e sae)* Desconfio que João Affonso não alcança o que deseja.

D. Joanna — Então porquê?

D. Fernando — Creio ter já descoberto a surpresa.

D. Joanna — Veremos; ahi vem Ignez Annes, fallai-lhe de D. Nuno. Quanto ao meu contracto, creio que se o não firmastes ainda, o não desapprovareis.

D. Fernando — *(Com certa affectação)* Bem se vê que tendes muita pressa, não é verdade?

D. Joanna — *(Igualmente)* Estais enganado, não é porque sinta decidido empenho em mudar d'estado, mas simplesmente por condescendencia com os vossos desejos. *(Inclina-se profundamente e sae.)*

D. Fernando — Estimo que tomasse esta resolução. Não andava muito segura na côrte e eu detesto as murmurações. Parece que ainda tenho no ouvido as do povo de Lisboa pela bocca do alfaiate Fernão Vas-

ques. *(Olhando para o fundo)* Então, porque vos não approximais?...

SCENA IV

D. Fernando *e* D. Ignez Annes,
que entra timidamente.

D. Ignez — Senhor...

D. Fernando — Tenho que fallar-vos.

D. Ignez — A's ordens de vossa alteza.

D. Fernando — No domingo, antes da missa, fallei com vosso pae em Almeirim ácerca do esposo que vos convinha e elle applaudiu, mas nada se resolverá sem a vossa adhesão.

D. Ignez — *(A'parte)* Meus Deus! quem será!

D. Fernando — Não respondeis?

D. Ignez — Ah! D. Nuno, D. Nuno, se não fosseis uma rapariga... *(A'parte.)*

D. Fernando — Olhae que fazeis esperar el-rei... Emudeceis?!...

D. Ignez — Creio que vossa alteza e meu pae, só buscariam fazer-me feliz e por isso me sinto resignada.

D. Fernando — Não se trata de uma submissão, mas de attender á vossa escolha. Tendes algum compromisso? Votais particular estima a alguma pessoa da côrte?

D. Ignez — *(Com pezar)* Ah senhor, se m'o permittis, confessal-o-hei; quem me prende, quem eu estimo... é uma encantadora dama!

D. Fernando — Muito bem, mas não é d'isso que se trata.

D. Ignez — Não, bem sei; mas estímo-a apaixonadamente.

D. Fernando — *(A'parte)* E' singular!... *(Alto)* mas além d'essa dama, não tendes nenhuma outra inclinação, nenhum outro affecto?

D. Ignez. — Oh! affianço-vos que não. Todos os meus pensamentos lhe são exclusivamente consagrados.

D. Fernando — Bem, muito bem; isso honra-vos assás; mas vosso pae e eu, desejamos que a maior parte d'esses affectos sejam consagrados a um esposo digno de vós. A escolha que fizemos por todos os titulos vos convem e deve lisongear-vos. Preparai-vos pois para abrir o vosso coração a um sentimento mais forte e dar a vossa mão a D. Nuno.

D. Ignez — *(Com precipitação)* A D. Nuno! mas se penso n'elle já ha muito tempo e por minha vontade a não daria a outro!

D. Fernando — Que dizeis! *(A'parte)* Por minha fé que não intendo nada. *(A Ignez)* Amais D. Nuno?...

D. Ignez — *(Enxugando os olhos)* Sim, meu senhor, e isto era muito natural, não era?...

D. Fernando — Bem, bem, mas se é do vosso agrado, porque chorais? Se elle vos corresponder, affianço que será vosso esposo.

D. Ignez — Meu... *(Com amargura)* porque vos apraz zombar assim da minha dôr?

D. Fernando — Zombar, eu?... mas se pelo contrario me parece... *(A'parte)* Querem ver que perdeu a razão? Esta inesperada nova...

D. Ignez — *(Approximando-se timidamente de D. Fernando)* Senhor...

D. Fernando — Que pretendeis?... Fallai.

D. Ignez — E quando deve apparecer nos trajes proprios do seu sexo?...

D. Fernando — Quem?

D. Ignez — Elle, D. Nuno.

D. Fernando — De pagem veste, emquanto o não armo cavalleiro, o que será breve.

D. Ignez — De pagem?! pois não é uma donzella?

D. Fernando — Uma donzella?... D. Nuno! Elle que pesquizava os castelhanos em Lisboa com o valor e ousadia d'um heroe!...

D. Ignez — E' verdade que vossa alteza não podia sabel-o, porque é um segredo que João Affonso Pimentel não quer ainda divulgar.

D. Fernando — Affonso?... *(Sorrindo)* O gracejo é realmente divertido. Está caçoando... Nunca se viu um disparate assim!

D. Ignez — Asseguro que é uma realidade e dir-vos-hei ainda mais.

D. Fernando — Outra ainda melhor? Ouçamos.

D. Ignez — Não tardará que alguem vos peça a sua mão... hoje mesmo escolherá esposo.

D. Fernando — Esposo! quem?...

D. Ignez — Ella!

D. Fernando — Isto não se acredita! Ah! astucioso D. Affonso... corramos a contar este engraçado episodio á rainha... como ella ha de rir... *(Sae)*

SCENA V

D. Ignez *só, depois* D. Constança *e* D. Mecia.

D. Ignez:

Será ou não um mancebo?...
O rei toma o caso a rir...
Isto tudo é um mysterio
Que eu não posso descobrir.

Será por zombar das damas
Que o pertendem com paixão,
E ao equivoco dão vulto
Com reservada intenção?...

Se fosse meiga donzella,
Quanto eu infeliz seria!
Antes pagem... cavalleiro,
De figura nobre e bella,
A quem Fernando primeiro
Tal mercê dispensaria.

(Olhando para o fundo) Ahi vem D. Constança e a Ribadaneira. Alimentemos o èngano; é conveniente.

D. Constança — Ah! se visseis, Ignez?...

D. Ignez — O quê?

D. Constança — Gonçalo Mendes apaixonadissimo pela incognita donzella sob o nome de D. Nuno, não faz senão correr d'aqui para alli, participando que em poucos momentos será feliz e o hymeneu o fará rejuvenescer.

D. Mecia — Não vos illudais... é certo que falla no hymeneu, no amor que o devora, n'uma esposa que o tornará feliz... mas ninguem lhe ouviu ainda pronunciar o nome... Qual elle seja, ninguem o poderá dizer.

Ignez — *(A'parte)* Cuida talvez que é o seu...

D. Mecia:

Eis a incognita que chega

D. Constança:

E affecta um porte viril!

D. Mecia:

Quero fugir ao contagio
Da sua astucia subtil.

Eu não sei por que o admiram
Tantas cabeças de vento!
Podia passar por homem...
Mas por mulher?... Que tormento!

. CONSTANÇA:
A figura é desastrosa!
D. IGNEZ:
Um cavalleiro de saias!
D. CONSTANÇA:
(*Coxeando*) E' d'um pé defeituosa!
D. MECIA:
(*Descaindo um hombro*) E um hombro... tem-te não caias!

TERCETTO

IMITANDO CADA UMA OS DEFEITOS A QUE ALLUDEM

As tres:
A figura é desastrosa!
Um cavalleiro de saias!
E' d'um pé defeituosa!
E um hombro... tem-te não caias!

SCENA VI

Os mesmos e D. NUNO.

D. NUNO — Permittis que tenha a honra?...

D. CONSTANÇA — *(Com ironia)* Essa é bôa, não façais ceremonia. *(Sae)*

D. MECIA — Guarde-vos Deus! viva! *(A'parte)* Precisa viver muitos annos primeiro que chegue a adquirir o uso da minha maneira de andar. *(Sae pavoneando-se caricatamente).*

D. IGNEZ — *(A D. Nuno)* vistes?... Deixaram-vos sós commigo.

D. Nuno — Foram extremamente cortezes. Advinharam-me o intento... de as affastar.

D. Ignez — Enganais-vos, fizeram-n'o por despeito. Não é por isso, mas por outro motivo que ha pouco me constou, que me não é permittido aqui ficar comvosco.

D. Nuno — Outro motivo!... E não poderei sabel-o?

D. Ignez — *(Inclinando-se)* Não, senhora...

D. Nuno — *(Surprehendido)* O quê? *(A D. Ignez que pretende retirar-se)* Escutai-me um momento apenas, eu vol-o supplico.

D. Ignez — Sabeis que sois demasiadamente teimosa, querida amiga?...

D. Nuno:

Amiga! que tratamento!
Mas bem deveis reparar
Que acceitando o acolhimento
Junto a vós hei de ficar.

D. Ignez:

Assim será, dentro em pouco...

D. Nuno:

E eu vos poderei beijar
Não só a mão, mas a face...

D. Ignez:

Isso não hei de deixar!

D. Nuno:

Estreitar-vos nos meus braços...

D. Ignez:

Crédo! crédo! isso é que não!

D. Nuno:

Chegar-vos ao coração...

D. Ignez:

Crédo! crédo! isso é que não!

DUETTO

D. Nuno:

Se a minha metamorphose
Segundo os casos, varia,
Eu não posso sujeitar-me
A tão cruel rebeldia.

D. Ignez:

Se a vossa metamorphose
Segundo os casos, varia,
Eu não posso confiar-me
Só á vossa fidalguia.

(D. Nuno vae para sair).

D. Ignez — Então, retirais-vos?

D. Nuno — O rei ordenou-me que me não affastasse muito d'elle; vejo que voltou aos aposentos da rainha e convem que não dê pela minha falta.

D. Ignez — Peço-vos...

D. Nuno — Pois bem, aqui me tendes, mas como dama ou como pagem?...

D. Ignez — Sabel-o-heis. *(Sorrindo)* Dou-vos os meus parabens.

D. Nuno — Então porquê? Ah! já sei, pela cota que a rainha quiz tão graciosamente...

D. Ignez — *(sorrindo).* Bem sei, a cota bordada a ouro, mas não é por isso que eu vos felicito.

D. Nuno — Então porque é?

D. Ignez — E'... é... pelo matrimonio que ides brevemente contrair... Não vos fallou n'isso el-rei?

D. Nuno — Teve a bondade de me fazer uns signaes que não percebi, mas não sei ainda de que se trata.

D. Ignez — Pois eu vol-o conto.

D. Nuno — *(Com muita naturalidade).* Estou bem certo que deveis sabel-o... eu é que o ignoro. No meio d'estas duvidas, quasi que não sei o que sou! Mas qual é a deidade que pretende?...

D. Ignez — Gonçalo Mendes!...

D. Nuno — *(Soltando uma gargalhada.)* Ah! ah! ah!

o poltrão que abandonou o castello de Lisboa aos castelhanos, pensa...?

D. Ignez — Se o não quereis acreditar, perguntai-o a Affonso Pimentel.

D. Nuno — Ah!... já sei... é o episodio com que projectam distrair el-rei...

D. Ignez — Desconfio porem, que não chegaremos a ter festa, por que tal consorcio se não realisará...

D. Nuno — *(Rindo)* Jamais!... podeis crel-o... Se o desenlace da scena se basêa no atar d'esse nó, ficai descançada.

D. Ignez — Chega João Affonso, elle proprio poderá dizer-vos...

D. Nuno — De mais me tendes demorado. El-rei já deve ter mandado alguem em minha procura. Adeus minha zombeteira.

D. Ignez — Um momento. Sempre insistis negando o que se passa com Gonçalo Mendes.

D. Nuno — *(Rindo)* Desafio a quem tiver a audacia de o contestar.

D. Ignez — Então é por que se trata de outro projecto.

SCENA VII

Os mesmos e Affonso Pimentel.

A. Pimentel — D. Nuno, estais de serviço e é necessario sempre que venham procurar-vos?

D. Nuno — Se fosse para a guerra, não me faria esperar.

Eu da côrte afeminada
Aborreço as convenções,
Não nasci pr'a barretada,
Detesto as adulações.

Mais me apraz correr n'um campo,
E a cavallo gallopar,
Investir d'espada ou lança
Contra dez, sem recuar.

Oh! se um dia me encontrasse
Entre o fragor da peleja,
Vós e os poltrões d'esta côrte,
De mim teriam inveja.

(Sae precipitadamente).

A. PIMENTEL — E a vós, Ignez Annes, tambem se poderia fazer uma leve censura. As damas estão todas entretidas, conversando animadamente e murmuram da vossa ausencia.

D. IGNEZ — Comprehendo as intenções reservadas do vosso reparo... mas esta circumstancia é muito natural, por que a conversação d'este pagem me agrada mais que a das outras damas.

A. PIMENTEL — Oh! magnifico seculo de candida innocencia!

SCENA VIII

Os mesmos e GONÇALO.

GONÇALO — *(A Pimentel)* Andava justamente á vossa procura. *(A Ignez)* Desculpai-me...

D. IGNEZ — Deixo-vos á vontade. Irei fazer companhia á vossa... futura esposa, se m'o permittis.

GONÇALO — Honrais-me infinitamente...

D. IGNEZ — Sois muito cortez. *(Faz-lhe uma cortezia e sae)*

GONÇALO — Bem o vêdes, a cousa divulgou-se o mais possivel. O projecto do meu consorcio é geralmente conhecido, mas um grande receio me aniquilla, o de

não poder talvez obter aquella que domina os meus pensamentos.

A. Pimentel — E porque motivo ?

Gonçalo — Porque el-rei não foi o primeiro a ser informado da minha pertenção. Não desejaria que tão grave falta o tivesse irritado contra mim e essa contrariedade me arrisque a perder a mão de uma descendente dos Ribadaneiros.

A. Pimentel — Em verdade, a falta pode ter serias consequencias. O que vale, é que el-rei é indulgente... Espero que expondo-lhe claramente as couzas...

Gonçalo — Por isso vos procurava, afim de que vos digneis apresentar-me a sua alteza.

A. Pimentel — Não me será difficil. A festa que preparei e que teve a condescendencia de acceitar, effectuar-se-ha d'aqui a poucos instantes. E' o preludio das que se destinam a celebrar a chegada do rei de Castella para o ajuste da paz.

Gonçalo — Se antes d'isso eu podesse realisar o meu consorcio, brilharia como um astro em presença das duas côrtes reunidas. Interessai-vos senhor João Affonso e juro-vos que a minha gratidão...

A. Pimentel — Sois mais afortunado do que julgais. Ahi vem el-rei.

Gonçalo — Sou realmente feliz !

A. Pimentel — *(Olhando para o fundo, áparte)* Tanto consegui dispertar-lhe a curiosidade que não pode estar um momento longe de mim.

SCENA IX

Os mesmos, D. Fernando e D. Nuno.

D. Fernando — *(A D. Nuno)* Esperai as minhas ordens n'aquella sala. — *(D. Nuno inclinando-se, atravessa a sala).*

Gonçalo — *(Fita-o affectuosamente e cumprimenta-o com transporte: D. Nuno, affectando corresponder-lhe desapparece. — Gonçalo Mendes dá um salto, e atira-lhe um beijo.)* Amor!

A. Pimentel — *(A'parte)* Improvisemos um discurso com duplo sentido, mas sem estabelecer confusões...

D. Fernando — *(Que tem vindo á bocca de scena)* João Affonso, dissestes-me que a vossa festa...

A. Pimentel — Se realisaria em breves instantes... Falta só dispôr algumas couzas. Entretanto, Gonçalo Mendes roga-vos a mercê de lhe ouvirdes uma supplica.

Fernando — Fallai.

Gonçalo — Senhor, o coração do homem é fragil, e está sempre exposto ás tentadoras seducções e a prova é que este centro da vida...

D. Fernando — Um momento antes de continuardes — *(A Pimentel)* Naturalmente tambem lhe dissestes que D. Nuno...

A. Pimentel — Nunca fallei d'elle a Gonçalo Mendes, apezar de saber que se havia interessado... Tudo está confiado ás vossas regias mãos. Recorram a ellas os que carecerem da vossa clemencia.

D. Fernando — *(Um momento depois)* A fallar a verdade, não vos intendo muito bem... depois não é este o objecto da minha pergunta. As relações de Ignez Annes com D. Nuno?...

A. Pimentel — Em nada inquietam, de certo Gonçalo Mendes, não é verdade?

Gonçalo — *(Sorrindo)* Absolutamente nada.

A. Pimentel — E se meu augusto amo resolveu apresentar D. Nuno à rainha e depois mostral-o á face de todos, debaixo de outro aspecto, servirá isso ainda mais para comprovar aquelle ardente empenho...

Gonçalo — Assim é, na verdade, pela carta que recebi do meu protector e amigo o conde de Ceia...

Fernando — Elle escreveu-vos! ..

Gonçalo — Teve a bondade de me prevenir que esse D. Nuno...

A. Pimentel — *(Interrompendo-o)* Ponhamos de parte tudo quanto lhe possa dizer respeito; esse nome, não pode ser já pronunciado pela vossa bocca.

Gonçalo — *(Rindo.)*

De certo, o nome de uma illustre dama...

A. Pimentel:

Ouvi o que elle supplicar pertende
E expoz no ardor da flammejante chamma
Que todo o peito seu, fragil accende.
Sujeito por humano, ás tentadoras
E bellas seducções que a todos vencem
Tentou fugir ás graças seductoras;
Mas quando a alma e vida lhe pertencem,
Debalde se resiste, e elle vencido,
Pelo poder da candida innocencia,
Se fosse d'este amor desilludido,
Acabaria ás portas da demencia!

Gonçalo — Seria uma fatalidade!

A. Pimentel — E eis a razão por que toma a liberdade de supplicar-vos que lhe concedeis a posse do ente que o domina.

D. Fernando — *(Surprehendido)* Pois pensais agora em mudar de estado?!

A. Pimentel — A escolha é digna d'elle e convencer-vos-heis senhor, quando souberdes que se trata... de uma Ribadaneira.

D. Fernando — De certo, essa não vos deslustra.

Gonçalo — *(Inclinando-se)* Assim o creio.

D. Fernando — *(Baixo a Pimentel)* Ensandeceu!...

Gonçalo — *(A'parte)* Tremo como varas verdes...

D. Fernando — Por outro lado, não me desagrada. Poderá finalmente respirar aquella presumida Ribadaneira que atormentava meio mundo no desespero de obter consorte. *(Passeando)* Preciso primeiro prevenil-a, interrogal-a...

Gonçalo — *(Baixo a Pimentel)* Que esperais?

A. Pimentel — Retirai-vos; el-rei medita, quer naturalmente consultar a minha opinião em particular. Não vos affasteis para longe que eu vos chamarei.

SCENA X

Os mesmos menos Gonçalo.

D. Fernando — Isto é para morrer de riso! Olá, escudeiros. *(Apparece um)* D. Mecia Ribadaneira que venha aqui fallar-me sem demora. *(O escudeiro sae)* Desejo saber que genio maligno metteu na cabeça d'esta mumia tão extravagante idéa.

A. Pimentel — A Ribadaneira não deixa de ter os seus merecimentos.

D. Fernando — Tambem enlouquecestes? Nunca vi figura mais exotica.

A. Pimentel — Concordo, mas é dama experimentada.

D. Fernando — Não posso atinar com que fim...

A. Pimentel — Quasi que ia jurar que é um manejo do conde de Ceia. Ainda que adiantado em annos, não deixa de ser engraçadissimo.

D. Fernando — Quer talvez fazer-me rir com este singular hymeneu. Eis a venturosa... Cuidado João Affonso, que me comprometteis... Conservai-vos serio, se não quereis que o fulmine com uma gargalhada.

SCENA XI

Os mesmos e D. Mecia Ribadaneira.

D. Mecia — Senhor, ás vossas ordens.

D. Fernando — Ainda que o tempo feliz da vossa juventude *(D. Mecia inclina-se)* tenha já decorrido... basta o prestigio dos encantos que ella vos deixou para vos attrair ainda sympathias e affeições. Gonçalo Mendes fallou-me de vós com vivo interesse e aspira á vossa mão. Amadurecida pelos annos, reflecti o tempo que vos fôr mister e dir-me-heis se estais disposta a acceitar ou recusar o pertendente.

D. Mecia — *(Inclinando-se)* Meu senhor, quem primeiro chega... nem tenho que reflectir, acceito, acceito.

D. Fernando — *(A Pimentel)* Não quer perder tempo.

A. Pimentel — Segue o adagio: mais vale um passaro na mão... N'aquella idade, uma hora é um seculo!

D. Fernando — Estranho que não quizesseis consultar primeiro os vossos parentes.

D. Mecia — E' inutil, senhor... depois, minha avó já não existe.

D. Fernando — Creio bem.

D. Mecia — Meu pae exhalou o derradeiro alento nos campos de batalha...

A. Pimentel — Passando os Alpes com Carlos Magno!

D. Mecia — Minha mãe, expirou no momento de me dar á luz. Orphã, o que mais me póde convir, é mudar de estado.

D. Fernando — Esses nobres sentimentos, provam que podeis fazer a completa felicidade de um marido.

D. Mecia — A circumstancia de me vêr isolada, obriga-me a pôr de parte qualquer receio.

D. Fernando — Qual?

D. Mecia — O receio dos descendentes... é superior ás minhas forças.

D. Fernando — *(A Pimentel)* E' divertido, é...

A. Pimentel — Preveni as damas e cavalleiros que viessem a esta sala; creio que ninguem deixará de vir...

D. Fernando — N'esse caso..

A. Pimentel — Vêde, ahi chega já vossa cunhada e quantos me prometteram não faltar.

D. Mecia — Se não fosse excesso de ousadia, atrever-me-hia a pedir-vos que publicasseis o meu consorcio á côrte.

D. Fernando — *(Um tanto inquieto)* Bem, se assim o desejais, vou satisfazer-vos no mesmo instante.

SCENA XII

Os mesmos e D. Joanna Telles, D. Constança de Noronha, D. Ignez Annes, João das Regras, *damas, pagens, cavalleiros e cortezãos.*

Côro

De damas, pagens, cavalleiros e cortezãos.

Que mysterio, que surpreza,
Durante a festa haverá!
No logro, alguem com certeza,
Quer queira ou não, cairá.
Muito ha de rir sua alteza...
(Gargalhada) Ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah!

D. Joanna — Senhor, a surpreza da festa annunciada, excita a cada instante a nossa curiosidade. Poderemos saber finalmente...

D. Fernando — Um momento... Todos vós sabeis por certo, que as damas e os amores, occuparam sempre logar distincto na côrte portugueza. Vou annunciar-vos um hymeneu que certamente ha de ser recebido com geral approvação. O ditoso par é digno da vossa estima. A casa de Gonçalo Mendes, allia-se á illustre casa dos Ribadaneiras.

D. Joanna — *(Com a maior surpreza)* Devéras?!...

D. Mecia — Como acabais de ouvir. — Resisti longo tempo aos olhares indiscretos e ás palavras seductoras, até que alfim este coração impedrenido se deixou commover... Fragilidades humanas!

D. Joanna — Intendo agora... *(A D. Mecia)*. Serei eu a primeira a agourar-lhe o mais... *(A'parte)* — Que lhe hei de eu agourar... um desmaio, uma colica...

D. Constança — Que o hymeneu espalhe novas e perfumadas rosas sobre a vossa fronte... *(A'parte.)* Já que o tempo desfolhou as primeiras.

João das Regras — E dê á patria e á vossa familia, novos descendentes para os seculos futuros.

D. Ignez — E nada a meu respeito!

D. Fernando — Podemos agora... Que é isto?... — Pareceu-me ouvir estrépito n'aquella sala.

D. Joanna — E' a voz de D. Nun'Alvares.

D. Ignez — A voz d'elle!

D. Fernando — Eil-o.

SCENA XIII

Os mesmos, D. Nuno *e* Gonçalo Mendes.

D. Nuno — Senhores, livrai-me d'este empecilho que se lhe metteu na cabeça...

D. Mecia — Que ousais dizer, menina?...

D. Nuno — Qual menina!

A. Pimentel — Que significa esta inesperada mudança, Gonçalo Mendes?

Gonçalo — Qual mudança nem meia mudança! El-rei pareceu disposto a consentir e eu dei a minha palavra e tratarei de a sustentar. Não sei que motivo justifique agora estas hesitações.

D. Fernando — Hesitações?... O vosso consorcio foi já declarado á côrte.

Gonçalo — Tanto melhor. E que se não demore, por que este coração não cabe já em sí!

Côro

De damas, pagens e cavalleiros.

O laço foi bem armado
E o nescio já preso está!
Foi muito bem apanhado
Toca a rir: ah! ah! ah! ah!

D. Fernando — Reprimi-vos e attendei-me, Gonçalo Mendes, a vossa mão.

D. Ignez — *(Aterrada)* Senhor, ha naturalmente em tudo isto um equivoco... Terei eu o infortunio de ser arremessada á voracidade d'esse crocodillo?

D. Fernando — Não se trata d'isso. Aquelle que a sorte vos destina, creio ser este. *(Indicando D. Nuno.)*

D. Ignez —*(Surprehendida.)* D. Nuno!

D. Mecia — E' lá possivel!

Gonçalo — Meu senhor, esta dama devia pertencer-me.

D. Ignez — Deus me defenda!

Gonçalo — Não fallo de vós. *(A D. Nuno)* Senhora minha...

D. Nuno — *(Dando-lhe um forte repellão)* Qual senhora! Que quereis dizer com isso?

Gonçalo — Não sois por ventura uma donzella da familia Ribadaneira?

D. Nuno — Sou varão da casa Alvares Pereira, conhecida em Flor da Roza, Crato e todo o Alemtejo, percebeis?...

Gonçalo — Pois não ha duas damas de appellido Ribadaneira?

D. Fernando — Uma só, essa me pedistes e essa vol-a concedi. *(Apresentando-lhe D. Mecia)* Eil-a aqui.

D. Mecia — Sou eu, sou eu... *(correndo a Gonçalo Mendes).*

Gonçalo — *(Recuando.)* Deus meu! *(Cahindo nos braços de Pimentel.)* Estou morto!

D. Mecia — Depressa, soccorramol-o... Meu Gonçalo... depois de tão longo celibato, seria cruel ficar subitamente viuva.

TERCETTO

D. Mecia:	Gonçalo:	A. Pimentel:
Oh! glorias bemditas	Lembranças malditas	Amorosas ditas,
Do Santo hymeneu,	Do Santo hymeneu,	Quem appeteceu,
Até que chegastes	Que grande esparrela,	Se emfim as alcança,
Oh! filhas do ceu!	Que tolo fui eu!	Um bem recebeu!

Côro

DE DAMAS, PAGENS, CAVALLEIROS E CORTEZÃOS.

Que caras afflictas
Do Santo hymeneu!
Ella ainda córa
E elle estremeceu!

GONÇALO — *(Erguendo-se e examinando D. Mecia.)*— Não, antes morrer!

D. FERNANDO — Expliquemo-nos.

GONÇALO — *(Apresentando uma carta)* Lêde a carta do conde de Ceia; zombava sempre dos meus galanteios, dizia que um homem avariado não podia fazer de casquilho e um dia me arrependeria d'isso.

D. MECIA — Emendai-vos para o futuro.

GONÇALO — E pregou-me esta lição!...

D. FERNANDO — Hão de convir que o equivoco é muito engraçado... E justamente por isso, me acho na obrigação de vos dispensar do compromisso, se vos apraz.

D. MECIA — *(Cahindo nos braços de Gonçalo.)* Acudam-me, que desfalleço... ar, que abafo!

GONÇALO — Deixai operar a natureza. *(A D. Fernando)* Beijo-vos as mãos, senhor, pela vossa clemencia.

D. MECIA — *(Voltando a si.)* Tambem este se foi!

D. FERNANDO — *(A João das Regras.)* Quem preparou este enredo?...

D. JOANNA — O conde de Ceia, Affonso Pimentel, João das Regras e eu!

A. PIMENTEL — Que tal vos pareceu?

D. FERNANDO — *(Sorrindo mas querendo tomar aspecto serio.)* Gracioso em demasia talvez... A um velho amigo, deve Gonçalo Mendes desculpar um logro que foi

ao mesmo tempo uma advertencia; a uma dama não se póde castigar... mas a Affonso Pimentel, sim... doulhe a mão d'ella por castigo e o senhorio de Bragança emr ecompensa. *(Ouvem-se fóra as trombetas dos arautos do rei de Castella.)*

D. Nuno — Approximam-se da Ribeira os bergantins do rei de Castella e grandes da sua côrte que vêem ajustar a paz e o casamento da nossa infanta. Estou livre, não tenho já que fazer aqui! *(Ao rei)* Permitti que regresse ao Alemtejo. Se algum dia voltar a estes logares, eu em quem um nescio julgou ver um ente femenil, terei sufficiente esforço para levantar este povo em massa contra os que não tardarão a faltar aos tratados.

D. Fernando — Não partireis sem que vos arme cavalleiro. Tragam-me a espada que a rainha mandou pedir ao mestre d'Aviz para a ceremonia. *(Entra um pagem que traz a espada n'uma almofada, D. Fernando pegando n'ella).* Ajoelhae. *(Estendendo-lhe a espada sobre a cabeça)* E agora, jurae fidelidade ao rei e á patria.

D. Nuno — Assim o juro! *(Ergue-se, faz uma reverencia e levantando a espada.)* Consagragrei a vida á independencia de minha patria! *(Sae pelo fundo quando termina o côro.)*

QUARTETO

D. Mecia:

Longe de meus olhos
Joven prasenteiro,
Que f'rir-me inda pode
O olhar feiticeiro.

Gonçalo:

Longe dos sentidos
Meu sonho fagueiro,
A mumia me resta
Do affecto primeiro.

A. Pimentel:

Longe de meus olhos
Joven prasenteiro,
Que inda o prazer pode
Ser-me traiçoeiro.

D. Joanna:

Longe dos sentidos
Meu sonho fagueiro,
Se antes de prender-me
Fosse cavalleiro...

Côro geral e final

O pagem travesso
Se armou cavalleiro,
E já mostra aspecto
De velho guerreiro!

(Corre-se o panno do fundo e apparece a ribeira de Santarem, vendo-se quasi a chegar á terra o escaler com os arautos, cavalleiros e grandes de Castella, outro bergantim menos opulento, com o cardeal Legado, secretario e caudatarios e o bergantim com o rei de Castella e pessoas da sua côrte. Junto da terra, vê-se a falua real portugueza, tendo por arrais um formoso cavalleiro, ricamente vestido. Junto da prancha, arautos, passavantes, reis d'armas, cortezãos e cavalleiros que abrem alas, dando passagem ao rei de Portugal. Brilhante luz illuminando a scena. Sôam as trombetas dos arautos de Hespanha e Portugal.)

(Cae o panno)

FIM DA PEÇA

Chegada do rei de Castella á Ribeira de Santarem

3 0112 115883875